

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ÉRICA REGINA DA SILVA

**QUE PROFISSÃO? QUE TRABALHO?
TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS E
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS
CIENTISTAS SOCIAIS EGRESSOS DA
UFSCAR (1991-2021)**

SÃO CARLOS
2025

ÉRICA REGINA DA SILVA

**QUE PROFISSÃO? QUE TRABALHO? TRAJETÓRIAS
PROFISSIONAIS E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS CIENTISTAS
SOCIAIS EGRESSOS DA UFSCAR (1991-2021)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli

São Carlos-SP
2025

São Carlos-SP
2025

Silva, Érica Regina da

Que profissão? Que trabalho? Trajetórias profissionais e construção identitária dos cientistas sociais egressos da UFSCAR. / Érica Regina da Silva -- 2025.
162f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Maria da Glória Bonelli

Banca Examinadora: Fábio José Bechara Sanchez, Jacob
Carlos Lima, , André Luiz Faisting, Rossana Maria Marinho
AlbuquerqueBibliografia

1. Ciências Sociais. 2. Egressos universitários. 3.
Identidade profissional. I. Silva, Érica Regina da. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Érica Regina da Silva, realizada em 17/06/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli (UFSCar)

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCar)

Prof. Dr. André Luiz Faisting (UFGD)

Profa. Dra. Rossana Maria Marinho Albuquerque (UFPI)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Em memória dos meus pais, José e Lia, que sempre amarei.

Aos meus filhos, José Vitor e Davi, com todo o amor que me move.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelos nove meses de financiamento das atividades que contribuíram para a composição desta pesquisa. Agradeço aos egressos que gentilmente aceitaram participar da pesquisa, disponibilizando seu tempo e compartilhando suas experiências. Sua colaboração foi fundamental para a realização deste trabalho. Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFSCar-, em especial a Jacob Lima, Fábio Sanchez, Gabriel Feltran, Valter Silvério e também às professoras Maria da Glória Bonelli, Cibele Rizek e Maria Aparecida de Moraes Silva pelas aulas e por todo aprendizado. Vocês são incríveis! Em particular, agradeço aos professores Jacob Lima e Fabiana Luci de Oliveira pela participação na minha banca de qualificação. Também sou muito grata à professora Priscila Martins Medeiros, coordenadora do PPGS da UFSCar, pela paciência e pelo apoio, e à funcionária Silmara Dionízio.

Só tenho boas lembranças dos meus amigos de turma e também dos alunos do mestrado do PPGS. Obrigada pelas trocas em sala de aula e pelo carinho com que sempre trataram meu filho Davi, que, ainda pequeno, me acompanhou em algumas aulas. Agradeço ao– Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades – LEST-M- pela troca com os demais estudantes do grupo. Profa. Regina Laisner, obrigada pelo apoio durante minha estadia em São Carlos, assim como à minha amiga Cláudia Resende, psicóloga da Unidade Saúde Escola da UFSCar, pela porta sempre aberta. Aqui em Sorocaba, contei com Alberto Cassone, que fez tudo para que eu tivesse paz para escrever, obrigada querido!

Um agradecimento especial à minha orientadora, Maria da Glória Bonelli, mulher e profissional que admiro profundamente por sua força e trajetória brilhante. Obrigada pela orientação que começou lá em 1997; agradeço por nunca ter soltado a minha mão.

Obrigada, meus filhos José e Davi — a mamãe ama muito vocês.

E, por fim, se, lá no começo, no momento em que decidi fazer o curso, meus pais não tivessem me apoiado, nada disso teria sido possível. Obrigada, pai. Obrigada, mãe.

Durante meu doutorado, vocês dois se “encantaram”, mas, como disse Gil: “Quem poderá fazer aquele amor morrer”? Esta tese, para mim, é mais que um trabalho acadêmico — é um testemunho de perda e superação.

RESUMO

O objeto de pesquisa desta tese é a análise da inserção profissional dos egressos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desde a fundação do curso, em 1991, até 2021. Ela enfatiza a profissão, a identidade profissional e o mercado de trabalho. A pesquisa parte do questionamento sobre como esses cientistas sociais se inserem profissionalmente na contemporaneidade e para onde apontam os sentidos atuais da profissão. Adotou-se uma abordagem metodológica mista, incluindo análise de dados secundários da DIGRA (Divisão de Gestão e Registro Acadêmico) e aplicação de questionários online com egressos. Os resultados apontam para a fragmentação da identidade profissional dos cientistas sociais, marcada pelo uso de múltiplas autonomações, e para a ausência de uma reserva de mercado que assegure sua atuação especializada. Constatou-se que, embora haja uma valorização afetiva do curso, sobretudo entre aqueles que seguiram para a pós-graduação, há um descompasso entre a formação recebida e as exigências do mercado, especialmente fora do ambiente acadêmico. O reconhecimento social da profissão é limitado, e as trajetórias profissionais dos egressos refletem um cenário de instabilidade, precariedade e disputas interprofissionais. As condições de profissionalização são atravessadas por variáveis como gênero, raça e origem social, cujos efeitos foram analisados sob a perspectiva da interseccionalidade. Observou-se também uma diferença entre a valorização simbólica da formação — associada à ampliação da visão de mundo e à formação de valores — e a baixa aplicação prática dos saberes no mercado de trabalho. O estudo dialoga com a literatura da sociologia das profissões, destacando as noções de profissionalismo híbrido e conectivo, e argumenta que os cientistas sociais enfrentam desafios específicos num contexto de reconfiguração do mundo do trabalho e da expansão da racionalidade neoliberal. A identificação e a desidentificação também são analisadas com base na experiência relatada pelos egressos participantes da pesquisa. Conclui-se que a formação em Ciências Sociais, embora dotada de sentido subjetivo e político para os egressos, carece de estratégias institucionais mais eficazes para ampliar as possibilidades concretas de inserção e de valorização profissional.

Palavras-chave: Ciências sociais. Egressos universitários. Mercado de trabalho. Profissionalismo. Identidade profissional.

ABSTRACT

The research object of this thesis is the analysis of the professional insertion of undergraduates from the Social Sciences course at the Federal University of São Carlos (UFSCar) from the course's foundation in 1991 until the year 2021. It emphasizes the profession, professional identity, and the job market. The research starts from the question of how these social scientists position themselves professionally in contemporary society and where the current trends of the profession are heading. A mixed-methodological approach was adopted, including analysis of secondary data from DIGRA (Division of Academic Management and Records) and the administration of online questionnaires to graduates. The results point to the fragmentation of the professional identity of social scientists, marked by multiple self-designations, and to the absence of a market reserve that ensures their specialized performance. It was found that, although there is an affective appreciation of the course, especially among those who continued on to graduate school, there is a mismatch between the training received and the demands of the market, especially outside the academic environment. Social recognition of the profession is limited, and the professional trajectories of graduates reflect instability, precariousness, and interprofessional disputes. The conditions for professionalization are influenced by variables such as gender, race, and social origin, whose effects were analyzed from an intersectional perspective. A difference was also observed between the symbolic value of education—associated with broadening one's worldview and forming values—and its limited practical application in the labor market. The study dialogues with the literature on the sociology of professions, highlighting the notions of hybrid and connective professionalism, and argues that social scientists face specific challenges in a context of reconfiguration of the world of work and the expansion of neoliberal rationality. Identification and disidentification with the profession are also analyzed based on the experiences reported by the alumni participating in the research. It concludes that social science education, although endowed with subjective and political meaning for the respondents, lacks more effective institutional strategies to expand concrete possibilities for professional integration and valorization.

Keywords: Social sciences. B.A. graduates. Labor market. Professionalism. Professional identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Variáveis dos dados DIGRA UFSCar curso de Ciências Sociais	28
Figura 2 – Número de Formados por décadas	32
Figura 3 – Capa do e-mail convidando para participação na pesquisa	34
Figura 4 – Egressos do curso de ciências sociais e a inserção de currículo na Plataforma Lattes.....	43
Figura 5 – Comparativo entre os tipos de profissionalismo nas três principais dimensões ...	66
Figura 6 – Número de cursos e de vagas da área das ciências sociais, comunicação e informação da UFSCar	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo do egresso.....	96
Gráfico 2 - Opção curricular do egresso (Especialização).....	98
Gráfico 3 - Opção curricular segundo sexo.....	99
Gráfico 4 - Número de alunos(as) ingressos (as) por ano.....	100
Gráfico 5 - Situação Final dos Ingressantes em Ciências Sociais (1991-2000) - UFSCar ..	102
Gráfico 6 - Número de alunos(as) egressos(as) por ano	104
Gráfico 7 - Nacionalidade do egresso.....	108
Gráfico 8 - Opção curricular (especialização)	109
Gráfico 9 - Entre os alunos que optaram por mais de uma especialização nas ciências sociais	110
Gráfico 10 - Distribuição dos egressos total segundo cor/raça.....	110
Gráfico 11 - Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais sem especialização	112
Gráfico 12 - Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em Sociologia	113
Gráfico 13 - Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em Antropologia.....	113
Gráfico 14 - Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em Ciência Política.....	114
Gráfico 15 - Modalidade de Ingresso após Lei de Cotas	115
Gráfico 16 - Opção curricular segundo o gênero	116
Gráfico 17- Sexo dos egressos respondentes da pesquisa (126)	118
Gráfico 18 - Identificação étnico racial do egresso	118
Gráfico 19 - Nível de Instrução da mãe (egresso).....	119
Gráfico 20 - Nível de Instrução do pai (egresso)	119
Gráfico 21 - Presença de filhos	123
Gráfico 22 - Período em que ocorreu a gestação ou adoção	124
Gráfico 23 - Uso da lei de cotas pelo egresso.....	125
Gráfico 24 - Complementação Pedagógica: Licenciatura.....	126
Gráfico 25 - Pós-graduação na área de Ciências Sociais	126
Gráfico 26 - Pós-graduação em outra área.....	128
Gráfico 27 - Trajetória profissional após a graduação	130
Gráfico 28 - Planejamento de carreira.....	131
Gráfico 29 - Conexão ou identificação com a atividade laboral.....	135
Gráfico 30 - Identificação profissional.....	136
Gráfico 31 - O mercado de trabalho do cientista social na sua visão de egresso	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Conexão/Desconexão com o trabalho que realiza atualmente	79
Tabela 2 - Visão do mercado de trabalho e a conclusão de pós-graduação na área	82
Tabela 3 - Autoidentificação enquanto profissional e relação com pós-graduação na área ciências sociais	84
Tabela 4 - Autoidentificação enquanto profissional e relação com ocupação atual	85
Tabela 5 - Sentimento de conexão com a atividade laboral	87
Tabela 6 - Situação do ingressante em Ciências Sociais por Ano e semestre de Ingresso no curso	101
Tabela 7 - Formados anualmente pelo curso de Ciências Sociais da UFSCar	103
Tabela 8 - Relação entre Ingressos e Egressos (1991-2000).....	105
Tabela 9 - Relação entre Ingressos e Egressos (2001- 2010)	106
Tabela 10 - Relação entre Ingressos e Egressos (2011- 2021).....	107
Tabela 11 - Tempo médio de conclusão estimado conforme período	107
Tabela 12 - Especialidade x Gênero	109
Tabela 13 - Ano de nascimento por faixa etária	117
Tabela 14 - Principal ocupação que a mãe exerceu ao longo da vida	122
Tabela 15 - Principal ocupação que o pai exerceu ao longo da vida	123
Tabela 16 - Opinião do egresso sobre o impacto da pós-graduação (mestre, doutor, MBA) na sua trajetória profissional	128
Tabela 17- Perspectiva profissional ao ingressar no curso de Ciências Sociais	129
Tabela 18 - Avaliação do percurso após a conclusão da graduação: percepção positiva ou negativa	130
Tabela 19 - Planejamento de carreira e desafios enfrentados na trajetória profissional	132
Tabela 20 - Fatores que levaram os egressos a se desviar da trajetória profissional planejada	133
Tabela 21 - Ocupação profissional atual	134
Tabela 22 - Expectativas profissionais futuras (5 anos)	137
Tabela 23 - O mercado de trabalho do cientista social na visão do egresso	138
Tabela 24 - Opinião do egresso sobre a contribuição das ciências sociais para o seu trabalho, vida cotidiana e visão de mundo	140
Tabela 25 - Discriminação/preconceito identificada pelo egresso durante sua trajetória	142
Tabela 26 - Discriminação/preconceito de acordo com o gênero	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 MATERIAIS E MÉTODOS.....	28
1.1 Limitações dos dados coletados	31
1.2 A Pesquisa online.....	34
2 ARTICULANDO TEORIA E EMPIRIA: PROFISSÕES, TRABALHO E IDENTIDA- DE NAS TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DOS EGRESSOS	47
2.1 PROFISSÕES	48
2.1.1 O Sistema das Profissões	48
2.2 DIMENSÃO DO MUNDO DO TRABALHO	68
2.2.1 Algumas Considerações sobre o Mundo do Trabalho Hoje.....	68
2.3 IDENTIDADES.....	74
2.4 A OPINIÃO DOS ALUNOS NO QUE DIZ RESPEITO AO MERCADO DE TRABALHO	88
3 ENTENDENDO QUEM SÃO OS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCAR.....	93
3.1 OS EGRESSOS SEGUNDO REGISTROS DA DIGRA	93
3.2 OS EGRESSOS PESQUISADOS EM 2024.....	117
3.2.1 A Carreira e o Gênero.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	160
APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES	161

INTRODUÇÃO

As pesquisas com egressos permitem às universidades conhecerem a trajetória profissional de seus ex-alunos tendo em vista sua responsabilidade educacional diante da sociedade. Essas pesquisas são fontes de informação sobre o mercado de trabalho e a realidade do exercício profissional nas mais diversas áreas do conhecimento. Além desse aspecto, os estudantes acessam as informações sobre as oportunidades de inserção profissional antes mesmo de seu ingresso no curso de graduação, e para aqueles que já o concluíram, os egressos podem oferecer retorno para o curso ao relatarem suas experiências e impressões pessoais sobre os desafios que se colocam para a vida profissional. Uma especificidade do bacharelado em ciências sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) torna relevante o conhecimento dos seus egressos: o curso foi estruturado à formação em tempo integral, priorizando a pesquisa: "O curso busca enfatizar a pesquisa, por meio de grupos de pesquisa, disciplinas de métodos e técnicas, a possibilidade de desenvolver pesquisas de Iniciação Científica (IC) e pela realização de uma monografia, exigida no final do curso". O objeto de pesquisa e análise desta tese são os egressos do curso de ciências sociais da UFSCar entre 1991, ano de sua fundação, e 2021. Nela observam-se tanto o mercado de trabalho em que esses egressos estão inseridos quanto as identidades que, ao longo do percurso entre graduação, pós-graduação e mercado de trabalho, emergiram e foram ressignificadas. Os cientistas sociais sempre tiveram interesse na investigação de sua profissionalização e de seu campo de atuação no mercado de trabalho. Assim, estudos sobre a atividade profissional dos cientistas sociais têm sido frequentes na literatura sociológica. Na revisão de literatura sobre esse tema, encontraram-se textos em periódicos, dissertações e teses disponíveis para consulta, como veremos mais adiante. O interesse do cientista social sobre um tema surge a partir de seu espectro de visão; o meu interesse sobre esse tema surgiu pelo fato de atuar durante muitos anos no mercado de trabalho e observar as dificuldades de profissionalização, os problemas de identificação profissional, e as disputas de nomeação sobre atividades tidas como das ciências sociais. Eu refletia se isso era comum aos egressos do curso e como se percebiam perante os desafios da prática profissional.

No mestrado, tive como objeto de pesquisa um tema alinhado ao meu trabalho, que era na área de pesquisa de opinião pública e mercado. Assim, duas questões me inspiraram a voltar a estudar os cientistas sociais e, novamente, a ter a Sociologia das Profissões como marco teórico predominante nessa análise. Inicialmente, as questões referiam-se a indagações relativas à autoclassificação, que, no meu caso, era como socióloga, independente se naquele momento eu estivesse dirigindo uma empresa, coletando dados numa pesquisa de campo ou lecionando para um curso de graduação. A segunda questão diz respeito às dificuldades vividas no mercado de trabalho para mostrar a relevância do conhecimento em ciências sociais para a realização de trabalhos e atividades que outras áreas do conhecimento eram preteridas para aquelas atividades ou cargos. Concebo a atividade do cientista social como uma combinação da experiência e do conhecimento teórico-metodológico reflexivo, que alicerça o processo de construção do objeto, e os estudos relacionam-se de alguma maneira com suas memórias, cotidiano, experiências e identidades que eles ou mesmo sua descendência vivenciaram.

Porém, a pura e simples afinidade com um tema e a determinação em compreender suas questões relevantes não fazem com que ele justifique uma tese de doutoramento ou se torne importante para a comunidade científica, nem mesmo asseguram que a pesquisa e as reflexões que a envolvem tragam avanços científicos para a área em estudo. A partir da afinidade pessoal, busquei construir um problema de pesquisa que dialogasse com outras investigações que abordam tanto os elos quanto a fluidez da relação entre o curso de graduação em ciências sociais e o mercado de trabalho para os egressos, incluindo o investimento na pós-graduação.

Assim, argumento que a ocupação dos egressos no mercado está estratificada, refletindo a diferença entre profissão e trabalho. A autoclassificação do pertencimento profissional apresenta-se fragmentada, com o uso de outras denominações além de cientista social. Mesmo sendo a identidade profissional uma ordem negociada, mutável e sujeita a ressignificações, chama a atenção que, entre os respondentes, predomine a longevidade na identificação com o curso, que aumenta entre aqueles que seguem nas pós-graduações da área, especializando a nomeação identitária. A desidentificação com a profissão é maior do que a com o curso, mas, mesmo entre os que não deram continuidade aos estudos após a graduação, a identidade como cientista social está

presente. As condições desfavoráveis à profissionalização são criticadas, mas predomina a percepção diferenciada sobre a formação e o exercício no mercado de trabalho. Não é possível ignorar que a revolução da informática, juntamente com a internacionalização da economia, desregulamentou os mercados e produziu novas formas de organização do trabalho, como analisaremos adiante e esse fato contribui para a alteração do exercício profissional dos graduados no nível superior. Ao adentrar na literatura da área sobre a experiência dos cientistas sociais no mercado de trabalho percebi a diferença da visão de alguns dos autores quando contraposta à minha. As obras que selecionei para conversar teoricamente com esta pesquisa tratam dos cientistas sociais e o mercado de trabalho. Escolhi a partir da vasta bibliografia existente, a produção que estabelece a relação de egressos do curso de ciências sociais com a situação ocupacional ou que trata do mercado de trabalho desses graduados.

As análises feitas pelos autores de referência são diversificadas. Grande parte coloca acadêmicos de um lado e cientistas sociais/sociólogos de mercado ou extra-acadêmicos de outro; umas trazem reflexão sobre as experiências de trabalho após a conclusão da graduação, análises do mercado de trabalho e dilemas profissionais em torno da proteção, ou não, do mercado baseada em fronteiras de *expertise* entre áreas do saber, inclusive nas ciências sociais. Baseados na *expertise* em uma área do saber, há ainda estudos que abordam as formas de controle do mercado de trabalho pelos pares, como nas análises do profissionalismo pela sociologia das profissões (Bonelli, 2017).

Por exemplo, Torini (2012) abordou os egressos do curso de graduação de ciências sociais da Universidade de São Paulo (USP) e através da ótica da identidade e das trajetórias profissionais realizou uma pesquisa de abordagem nacional de método quantitativo, e a partir dessa afunilou através de um filtro. Fez também uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo de entender elementos da formação universitária e do mundo do trabalho, bem como as identidades profissionais desses egressos. Esse trabalho é o que mais se assemelha ao objetivo desta tese, no entanto, meu foco são os egressos do curso de ciências sociais da UFSCar. Os dados analisados por Torini permitem visualizar as semelhanças e diferenças de trajetórias e identidades entre egressos das ciências sociais de universidades diversas, ajudando a criar um contraponto

à minha pesquisa, que descreverei no capítulo 3, na medida em que também analisou a relação entre a *formação, mundo do trabalho* e o processo de constituição das *identidades profissionais* para os egressos do curso de ciências sociais.

Um outro estudo realizado por Braga (2009), intitulado: *Os cientistas sociais extrauniversitários: identidade profissional no mercado da pesquisa*, faz a análise separando por um lado os sociólogos acadêmicos e por outro os extra-acadêmicos e a tensão que existe entre estes "dois tipos de sociólogos". Para os sociólogos extra-acadêmicos, ele identificou que existe uma certa imposição por parte do mercado de trabalho que exige destes profissionais uma adaptação:

[...] é o mercado que nivela a profissão, com a resposta das expectativas profissionais interrompidas na academia, em um caminho onde cada vez mais são os atributos valorizados pelo mercado – a resposta rápida, a informação sem pensamento, o foco no cliente – que ditam a configuração do setor e das habilidades exigidas (Braga, 2009, p.165).

Assim, cabe aos extra-acadêmicos adaptarem-se ao dinâmico mercado focado no cliente e, portanto, destaca-se que o prestígio das ciências sociais está entre aqueles que produzem o conhecimento: os sociólogos acadêmicos. Outra pesquisa dos autores Baltar e Baltar (2013) realiza uma análise com base no censo demográfico de 2010 das vagas de trabalho disponíveis no mercado nacional para formados em ciências sociais. Nesse estudo, os autores fizeram um levantamento que classificou, por um lado, o professor de sociologia do ensino médio e, por outro, o sociólogo de mercado e constatou que há restrição de vagas para ambos. Embora tenha havido a inserção da disciplina de sociologia no ensino médio em 2008, pela Lei 11.684, instituindo, portanto, a necessidade da contratação de professores na área de sociologia ou ciências sociais, para estes formados houve a exigência da licenciatura, o que abriu o mercado para outros cursos. Isto porque a maioria dos egressos em ciências sociais é proveniente de cursos de bacharelado oferecidos por universidades públicas; muitas delas não oferecem a formação em licenciatura, exigindo, após a graduação no bacharelado, que é, basicamente, voltado à pesquisa acadêmica, que o egresso faça um curso complementar de licenciatura. Assim, outros licenciados em áreas de humanidades –como filosofia, história, geografia etc. – se apresentaram para suprir essa demanda. De acordo com dados do levantamento de Baltar e Baltar, as vagas para a disciplina de sociologia

estavam sendo preenchidas por somente 20% de licenciados em ciências sociais. Em outra ocupação, quando o mercado abre vagas para cientistas sociais trabalharem em postos que não sejam na educação, e que o autor chama de ‘sociólogo profissional’ este, muitas vezes, não consegue ser contratado pela falta de experiência, pois estágios não são requisitados no curso e, assim, tais vagas são ocupadas por profissionais não formados na área.

Entende-se que o mercado valoriza o professor pesquisador como referência, reconhecendo-o e visibilizando-o como porta-voz das ciências sociais. Embora isso colabore para construir o valor desse conhecimento e da contribuição dos sociólogos, esta percepção é mais associada à continuidade da formação na pós-graduação.

[...] o processo de institucionalização acadêmica das Ciências Sociais foi marcado, desde os anos de criação dos seus primeiros cursos, por uma luta pela afirmação do papel do cientista social como um investigador rigoroso dos fenômenos sociais, que deve zelar, acima de tudo, pelos padrões de excelência do trabalho científico em seus métodos e procedimentos analíticos; e foi com base na formação desse tipo de pesquisador/cientista que o sistema de ensino superior nesta área se organizou e a atuação do cientista social se consolidou na academia brasileira (Torini, 2012, p.118).

Pois, vale frisar o descontentamento da grande maioria dos respondentes da pesquisa realizada para esta tese com o *status quo* das ciências sociais no mercado de trabalho, notadamente, extramuros da universidade, tido como pouco afeito a receber os formados em ciências sociais, ora por não entender o potencial de atuação deste profissional, ora por não encontrar neste profissional as condições necessárias (ferramentas técnicas e competências comportamentais) para empregar tal profissional em seus espaços de trabalho, como observamos em Baltar e Baltar (2017), Braga (2009) e Blois (2022). Assim como uma grande concordância de que a graduação não tem interesse nem prepara os alunos para atuar profissionalmente.

Um trabalho referência sobre profissionais das ciências sociais é a tese de doutoramento de Bonelli (1993) com uma análise teórica apoiada na Sociologia das Profissões. A autora analisou as ciências sociais e sua inserção na lógica do sistema das profissões sob o ponto de vista analítico do conflito e da competição profissional, que operam dentro do contexto do mercado de trabalho e dentro da própria profissão chamada de competição intraprofissional. Ao discutir a formação e a atuação desses

profissionais em um mercado cada vez mais competitivo, a autora aponta que, embora o campo das ciências sociais seja amplo e diversificado, permitindo a atuação em diversas áreas como educação, políticas públicas, pesquisa, consultoria e ativismo social, também enfrenta desafios, nas disputas internas. Em resumo, enquanto os cientistas sociais têm um campo rico em possibilidades, a competição e as expectativas do mercado de trabalho podem representar desafios significativos.

No que diz respeito aos acadêmicos que também fizeram parte de minha amostra, à relação do curso com o mercado de trabalho e à identidade profissional nas entrevistas com professores pesquisadores, muitos relatos nos remetem às obras dos dois próximos autores que trago. Cordeiro (2013) detalhou muito bem as condições de trabalho dos cientistas sociais enquanto professores pesquisadores e a relação com o tempo de *full time*, diluindo as fronteiras entre casa e local de trabalho. A autora demonstra através dos relatos trazidos na sua pesquisa qualitativa que os profissionais sentem o descontrole do tempo dedicado ao trabalho e da sobrecarga definida, especialmente, sobre as mulheres. Assim, os relatos advindos da sua coleta de dados sobre o trabalho intelectual dos cientistas sociais demonstraram, evidentemente, estar interseccionados pelo marcador de gênero ao identificar a diferença na sobrecarga de trabalho relatada pelas mulheres entrevistadas.

Uma outra obra que analisei e que tem uma abordagem muito parecida com a tese de Cordeiro é o texto de Maia (2019), que mais recentemente aprofundou a compreensão sobre a condição de trabalho contemporânea dos cientistas sociais acadêmicos sujeitos à regulação neoliberal e, portanto, marcada pela precariedade das condições materiais de trabalho, que segue métricas de produção e, ao mesmo tempo, sente o peso das burocracias acadêmicas, ambas sobrepondo-se ao trabalho intelectual. Maia não interseccionou outros marcadores sociais como Cordeiro, mas sua pesquisa ainda está em andamento.

Na literatura internacional temos alguns pesquisadores que se ocupam particularmente dos sociólogos. Blois (2014) é um destes autores cujas inquietações o levaram a refletir sobre a sociologia como profissão. Em seu estudo, analisa a Sociologia como profissão no Brasil e na Argentina, comparando os processos históricos de formação e institucionalização da disciplina em ambos os países. No Brasil, a Sociologia

consolidou-se ao longo do século XX, especialmente com a inserção acadêmica nas décadas de 1930 e 1940, e esteve fortemente ligada aos movimentos sociais e à análise das desigualdades, ganhando reconhecimento por meio de associações profissionais e regulamentações. Na Argentina, o desenvolvimento da disciplina ocorreu em um contexto de intensa instabilidade política e social, especialmente sob regimes autoritários, o que configurou diferenças nas trajetórias da sociologia nos dois países. No entanto, o artigo, do mesmo autor: *The Self at Stake. Sociologists and Dirty Work in Argentina*, publicado na revista *The American Sociologist* em 2022, apresenta dilemas interessantes que também foram observados na pesquisa desta tese. No artigo, Blois explora as tensões entre os ideais acadêmicos da Sociologia e as práticas profissionais de sociólogos argentinos que, sem seguir a carreira de professor pesquisador, atuam em pesquisa de mercado. Este caso evidencia como as habilidades metodológicas adquiridas na universidade são aplicadas no estudo de consumidores e mercados, mesmo que tais atividades inicialmente entrem em conflito com os valores críticos da Sociologia. Esses profissionais enfrentam um dilema moral, pois se veem como colaboradores de sistemas que aprenderam a criticar. No entanto, muitos conseguem ressignificar seu trabalho, atribuindo-lhe um novo valor sociológico. O estudo destaca como os sociólogos podem encontrar satisfação em ocupações fora da academia, mesmo quando essas desafiam sua identidade profissional original, ampliando as possibilidades de atuação no mercado de trabalho argentino.

Em Portugal, Gonçalves, Parente e Veloso (2004) investigaram os modos de inserção e permanência dos egressos de sociologia no mercado de trabalho nacional. O estudo analisa como os estudantes de sociologia se desenvolvem profissionalmente e quais fatores determinam sua inserção em diferentes setores do mercado de trabalho. Os autores enfatizam que muitos egressos enfrentam desafios na busca por emprego, com uma percentagem significativa recorrendo a áreas não diretamente relacionadas à sua formação acadêmica. Isso se deve a diversos fatores, incluindo a falta de oferta de trabalho específica para sociólogos, a desvalorização da disciplina no contexto profissional e as estruturas de mercado que, muitas vezes, não reconhecem plenamente as competências adquiridas durante os estudos. Além disso, a pesquisa explora os tipos de setores onde os graduados estão empregados, como instituições governamentais,

ONGs, pesquisa social e educação, destacando as áreas onde a formação em sociológica é mais requisitada. Essa obra também discute a importância das redes de contato e da experiência prática, que podem facilitar a inclusão dos egressos em mercados de trabalho competitivos. Por fim, o estudo sugere que uma maior interligação entre as instituições de ensino e o mercado de trabalho, bem como políticas que valorizem Sociologia e suas aplicações práticas, poderiam melhorar a inserção profissional desses graduados. Essa investigação fornece uma visão sobre o *status* e as oportunidades da profissão em Portugal, contribuindo assim para a discussão levantada nessa tese sobre a formação acadêmica em ciências sociais e as realidades do mercado de trabalho enfrentadas pelos seus egressos.

Diez (2017) também analisou os sociólogos na Argentina. A autora realizou uma pesquisa sobre as carreiras profissionais dos sociólogos egressos da Universidade Nacional de Cuyo, e constatou a relação entre o tipo de treinamento recebido, suas percepções e práticas de trabalho e as alternativas existentes para entrar e as estratégias para permanecer no mercado de trabalho. O trabalho *La Sociología Como Profesión: Desencuentros Entre La Formación Académica Y La Inserción Laboral* mostrou como as expectativas e competências adquiridas durante o processo educacional podem não se alinhar com os critérios e oportunidades disponíveis no mercado de trabalho, e identificou que as oportunidades para sociólogos, nas áreas que elas existem, muitas vezes não refletem a formação teórica recebida, pelo menos pelos egressos da Universidade Nacional de Cuyo – UN Cuyo – em Mendoza, Argentina.

Aqui no Brasil muitos autores já colaboraram pesquisando o processo de institucionalização do campo das ciências sociais; para além destes autores, existem muitos outros com pesquisas e estudos sobre os cientistas sociais e o mercado de trabalho. A maioria dessas dissertações, teses ou artigos científicos, no geral, observaram variados aspectos como competição por espaço no mercado de trabalho, componentes curriculares, comparações entre os mercados nacional e internacional de trabalho. Os estudos sobre o exercício profissional dos cientistas sociais levantam questões que seguem despertando reflexão sobre a inserção do egresso no mercado de trabalho, tais como: em quais atividades pode se inserir aplicando conteúdos específicos de sua formação? Quais os conflitos com outras áreas de conhecimento pela *expertise*, pelo

domínio do saber-fazer? Como expressam a identificação ou a desidentificação profissional? Como os cientistas sociais se organizam para estabelecer fronteiras internas e externas visando à reserva de mercado?

Dessa forma, apesar de toda essa literatura disponível, existem questões ainda pendentes, mesmo que pareça saturado o tema das ciências sociais e da sua compreensão enquanto atividade de trabalho. Na busca bibliográfica não encontrávamos, até a época do projeto de pesquisa desta tese em 2019, estudos sobre os egressos do curso de ciências sociais da UFSCar. O objetivo dessa investigação foi o de analisar esses egressos, relacionando os sentidos que eles atribuem à sua formação com as interpretações sobre sua profissionalização e como se manifestam em termos de identificação profissional. Portanto, esta tese dialoga com os trabalhos mencionados acima, buscando as semelhanças e diferenças com pesquisa recentemente realizada com os egressos de um *campus* em uma cidade média do interior paulista, bem como estudos mais amplos de dimensão nacional e de comparação internacional. O que o foco delimitado no estudo de caso da UFSCar permite acrescentar aos achados das pesquisas com ângulo de visão macro, baseadas em censos demográficos e amostras nacionais? O que o caso em tela ilumina sobre a articulação ou desarticulação entre formação, profissionalização e identificação?

As evidências empíricas reunidas iluminam como o processo de escolarização mais longo e desenvolvido no ambiente universitário é bastante significativo para os egressos. Indo além do fornecimento de um diploma para o exercício de uma profissão, um longo processo de escolarização pode ser mais amplo do que o aprendizado de um ofício *per se* e o fornecimento de uma “credencial” para uma determinada profissão. Isso significa que o curso de ciências sociais da UFSCar exerceu sobre a maioria dos alunos formados um impacto nas categorias de pensamento e julgamento e, conseqüentemente, nas ações e interações sociais desses sujeitos. As bases de nossa hipótese consideram a importância do curso de ciências sociais para fornecer instrumentos para a compreensão da realidade social e seu processo de mudança, bem como das relações interpessoais. Esse reconhecimento independe da trajetória profissional do egresso e de sua ocupação laboral, pelo treinamento mais reflexivo no conhecimento que compõe sua grade de disciplina. Conforme será observado mais adiante os cientistas sociais

egressos da UFSCar, em sua maioria sentem um impacto positivo do curso de graduação em ciências sociais sobre sua vida social e profissional, ainda que não estejam atuando na área. Partindo de questões levantadas pela bibliografia sobre os cientistas sociais/sociólogos na relação laboral, esta tese também busca responder se os egressos da UFSCar percebem criticamente as condições de trabalho a que estão submetidos. Se observam processos de precarização na sua atividade, e como se referem à relação entre a jornada de trabalho e a vida pessoal/familiar, lazer e descanso.

A partir deste foco, perguntamo-nos: Como estão os cientistas sociais egressos da UFSCar na contemporaneidade e para qual direção da profissão eles nos apontam? Essa questão remete-nos, também à forma do trabalho, dinamizado pelas mudanças em torno do controle da execução deste trabalho, dirigidas nestas últimas décadas, pela agenda neoliberal redirecionando os contornos desta e de outras profissões que trataremos no capítulo 3. Essas são algumas das questões que perpassam as tramas da formação e da profissionalização e ajudam a compreender como as identificações profissionais se movem. É justamente esse o foco da pesquisa: todos os egressos da UFSCar e suas trajetórias laborais, assim como a forma como estes egressos enxergam a si próprios e a área das ciências sociais no mercado de trabalho em geral. Nesse contexto, a pesquisa expõe a compreensão dos dados empíricos a partir da literatura da sociologia das profissões no sentido de compreender que elementos são mais influentes no processo de condução da vida laboral.

Quanto à perspectiva usada para a discussão dos processos identitários, foi a partir dos pressupostos de Appiah (2019) no texto *Identidade como Problema*. Nele Anthony Appiah aponta três dimensões importantes do processo identitário: 1) as identidades sociais exigem rótulos, diversos e plurais à medida que eles se modificam com o passar dos tempos; 2) por existirem normas de identificação e tratamento, as identidades são normativas, criando uma certa regularidade comportamental, expectativas acerca do comportamento a ser adotado diante de determinado rótulo identitários. Obviamente que por não serem aceitas por todos existem contestações acerca das normas; e 3) derivada dessa normatividade surge a terceira dimensão da identidade: a sua subjetividade. As pessoas encontram a motivação e a justificativa para agir desta ou daquela forma ancorando-se nas expectativas e como subjetivamente se

preparam para o desempenho destas identidades. Portanto, ao provocar reflexões sobre como nossas identidades são formadas, moldadas e impactadas por fatores sociais, culturais e históricos (Appiah, 2019) e influenciadas por contextos variados e por interações entre indivíduos e grupos, concluímos que não é adequado pensar a identidade como categoria de grupo homogêneo. Portanto, a identidade não é fixa, mas um processo sujeito a experiências, reflexão e mudanças.

No entanto, de que maneira uma identidade figurará em todos esses modos não está gravado em pedra, evidentemente. As identidades oscilam para dentro e para fora da visão pública, alteram as próprias normas empenham-se pela solidariedade por algum tempo depois desistem. Em suma, elas são históricas e orgânicas, talvez por isso sejam tão variadas. A história de vida produz diversidade observemos a Gama de organismos e de culturas. Hoje em dia estamos preocupados com a extinção de espécies e de culturas, por isso talvez vale a pena lembrar que novas espécies e novas culturas e novas identidades também estão sendo geradas a cada momento (Appiah, 2018, p. 19).

Além da abordagem de Appiah, cujos pressupostos orientam a análise da identidade como fenômeno plural, normativo e subjetivo, observamos a importância de contribuições que a compreendem como um processo relacional, intersubjetivo e historicamente situado. A partir de Strauss (1999), aprofundamos a noção de identidade construída na interação social, recorrendo às metáforas de “máscaras” e “espelhos” para compreender os movimentos de identificação e desidentificação que marcam as trajetórias dos sujeitos, especialmente em seus percursos profissionais.

No que se refere à memória, outro eixo central na constituição da identidade, são as contribuições de Maurice Halbwachs (2013) e Jacques Pollak (1992), articuladas a abordagens mais contemporâneas propostas por Jan e Aleida Assmann. Halbwachs foi pioneiro ao demonstrar que a memória individual está sempre atravessada por contextos coletivos, pois o sujeito só consegue lembrar em quadros sociais específicos. A memória, portanto, é socialmente moldada, sendo inseparável dos grupos de pertencimento, das experiências partilhadas e dos espaços simbólicos que a ancoram. Suas investigações sobre a memória de comunidades religiosas e familiares abriram caminho para noções posteriores, como a de lugares de memória e de pós-memória. No entanto, o conceito de memória coletiva, tal como formulado por Halbwachs, foi posteriormente criticado por supor uma homogeneidade ilusória no processo de rememoração, apagando conflitos, disputas e relações de poder, aspectos que o próprio Pollak problematizou ao mostrar

que a memória é sempre seletiva, construída, disputada e enquadrada por interesses do presente.

Nesse sentido, as contribuições de Aleida Jan Assmann são particularmente relevantes para uma abordagem crítica e atualizada da memória social. Ela propõe a distinção entre memória comunicativa — aquela transmitida oralmente no convívio intergeracional, com alcance de até três gerações — e memória cultural — sustentada por registros materiais, simbólicos e institucionais, capaz de atravessar longos períodos históricos. Essa memória cultural não é estática: ela se organiza em torno de tensões entre o cânone (a memória em circulação ativa) e o arquivo (memórias latentes, não mobilizadas), oscilando constantemente segundo disputas de poder, interesses políticos e contextos sociais. A autora também destaca como as novas tecnologias e mídias digitais transformaram as formas de armazenar, acessar e ativar memórias, deslocando o eixo do “trans-histórico” para o “transitório”, em uma dinâmica que aproxima suas reflexões da noção de “reinterpretação incessante do passado” em função das lutas do presente, formulada por Pollak (1989).

É justamente nesse ponto que a perspectiva de Walter Benjamin oferece uma chave crítica essencial. Seu programa de “escovar a história a contrapelo” propõe resgatar os fragmentos, os interstícios e os silêncios ocultos pelas narrativas dominantes — uma operação feita não para restabelecer um passado idealizado, mas para interromper a linearidade do tempo histórico e reivindicar, a partir do presente, novas possibilidades de sentido. O conceito de *Jetztzeit* — o “tempo-do-agora” — expressa essa ruptura, um tempo carregado de potência crítica, capaz de fazer explodir o *continuum* da história e reinscrever os sujeitos no campo das disputas de memória. Ainda que a memória seja sempre feita pelos vivos e para os vivos, como aponta Benjamin, é nessa esfera pública de disputa e significação que se forjam os sentidos do passado que operam sobre o presente. Assim, a memória deixa de ser mero repositório de lembranças e se torna campo de disputa simbólica e política, no qual se articulam narrativas identitárias, pertencimentos e trajetórias. No caso das egressas e egressos do curso de Ciências Sociais, esse trabalho de memória atua como ferramenta de reconstrução de si, reelaboração de vínculos com a formação e reinvenção de um lugar possível no mundo profissional, muitas vezes precário, fragmentado e deslocado do ideal originalmente

almejado.

Esses referenciais teóricos são mobilizados especialmente no capítulo 3, onde analisarei as trajetórias e percepções dos egressos, evidenciando como a memória da formação, os vínculos com a universidade e a identificação (ou desidentificação) com a profissão se entrelaçam e se reconfiguram ao longo do tempo. Os capítulos teóricos apresentados nesta tese foram construídos a partir das reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, mas essencialmente em três disciplinas do curso que foram fundamentais para que os conceitos dos autores mobilizados pudessem ser articulados teoricamente ao objeto de estudo desta pesquisa. As disciplinas base foram Sociologia das Profissões, Sociologia do Trabalho e Memória e Identidade. Foi a partir delas que se construiu as interfaces entre formação, trajetória, reconhecimento profissional, e as dimensões subjetivas que envolvem pertencimento, memória e identidade, elementos centrais para a análise que proponho nesta tese.

Assim, consideramos as perspectivas brevemente apresentadas pertinentes para a tese, que envolve narrativas de egressos nas quais relações interpessoais e interprofissionais são moldadas dialogicamente, como veremos no capítulo 3. Partindo de uma análise macrossociológica ao analisar tais falas, narrativas de experiências individuais e sociais para adentrar em uma análise mais ampla, em relação à literatura destacada acima. A respeito dos dados sobre os egressos, fiz uma análise de dados secundários, que foram fornecidos pela Divisão de Gestão e Registro Acadêmico (DIGRA), que é o órgão responsável pela centralização das informações sobre a vida acadêmica dos estudantes de cursos de graduação da UFSCar. Estes dados sobre o(a) aluno(a) não permitem responder as bases da hipótese desta tese: a ocupação do egresso hoje; o impacto do curso na trajetória de profissionalização; os tipos de trabalho encontrados pelos egressos; a questão da identificação e da desidentificação profissional; as instabilidades, fragilidades e possíveis precariedades observada por eles/elas fazendo-se necessária a coleta de dados primários. A justificativa para tal escolha deve-se ao fato de que um dos elementos considerados na pesquisa é a dimensão da trajetória profissional, compreendendo-a como um fator impactado consideravelmente pela dinâmica política, econômica e informacional dos mercados, assim como na relação com os parâmetros de excelência científica e curricular

estabelecidos para a formação do cientista social no Brasil.

Por tratar-se de um estudo empírico sobre o mercado de trabalho dos cientistas sociais nas suas várias áreas de atuação, este trabalho contribui para compreender o universo daqueles que atuam fora do ambiente acadêmico e estão ainda mais suscetíveis a tais mudanças de forma que esta pesquisa se relaciona não somente com a sociologia das profissões, mas também com a sociologia do trabalho.

Por conseguinte, dedica, respectivamente, um capítulo e um subcapítulo para abordar essas duas perspectivas, para entender as recentes mudanças que têm atingido o mundo do trabalho e os egressos não somente das ciências sociais, mas de outras áreas de formação de uma maneira mais geral.

Esta tese é composta por três capítulos, precedidos por uma introdução que apresenta o tema, o problema de pesquisa e reflexões iniciais sobre os resultados obtidos. O capítulo 2 é mais descritivo. No capítulo 1 *Materiais e Métodos*, detalho como foram coletados os dados, os métodos usados para chegar às respostas das questões colocadas. No capítulo 2 *Articulando teoria e empiria: profissões, trabalho e identidade nas trajetórias e narrativas de egressos*. Abordo aspectos da sociologia das profissões, do trabalho e das identidades, que permitem tratar teoricamente o problema da tese e analisá-lo a partir do cruzamento entre os dados da pesquisa quantitativa e as entrevistas qualitativas. Desta forma, focalizam-se as trajetórias profissionais, a existência ou não de identificação com o curso de ciências sociais e como as atividades laborais realizadas por eles se ancora ou não nessa identidade.

Logo a seguir no capítulo 3: *Entendendo quem são os egressos do curso de ciências sociais da UFSCAR* apresento uma análise dos perfis dos alunos e alunas do curso de ciências sociais, através dos dados que foram fornecidos pela DIGRA. Neste capítulo também são apresentados os resultados da pesquisa quantitativa aplicada aos egressos, totalizando 126 respondentes.

Por fim, as considerações finais sintetizam os capítulos e enfatizam o que consegui demonstrar, de acordo com o proposto.

1 CAPÍTULO MATERIAIS E MÉTODOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os materiais e métodos de pesquisa empregados na realização desta tese de doutoramento em sociologia.

Como já dito na introdução, a escolha pelo curso de ciências sociais da UFSCar se justifica pela especificidade de ter sido criado com grade curricular em tempo integral, com o objetivo de formar pesquisadores, em uma cidade de médio porte do interior paulista. Esse formato pretendia diferenciar-se de outros cursos de ciências sociais, ofertados em um dos períodos do dia.

Os dados secundários foram cedidos pela Divisão de Gestão e Registro Acadêmico da UFSCar, órgão responsável pela centralização das informações da vida acadêmica dos estudantes. A listagem que recebemos contava com dois mil nomes que organizados em planilhas do Excel e contava com 33 variáveis conforme o quadro abaixo:

Figura 1 – Variáveis dos dados DIGRA UFSCar curso de Ciências Sociais

1	Matrícula	12	Campus	23	Média Total
2	Nome Civil	13	Sigla do Curso	24	Ponderada Total
3	Nome Social	14	Curso	25	Status
4	Sexo	15	Opção Curricular	26	Ano Egresso
5	Data de Nascimento	16	Matriz Curricular	27	Período Egresso
6	Cor/Raça	17	Ingresso	28	Nota SISU
7	Documento	18	Ingresso-Ano	29	Modalidade SISU
8	Tipo de Documento	19	Ingresso-Período	30	Descrição Modalidade SISU
9	CPF	20	IRA - Índice de rendimento acadêmico	31	Nacionalidade
10	E-mail	21	Média das Aprovadas	32	Tipo de Nacionalidade
11	Código EMEC do Curso	22	Ponderada das Aprovadas	33	Telefone

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O tratamento e a tabulação dos dados usados nesta pesquisa priorizaram as variáveis de perfil do egresso e, como se observa no quadro acima, variáveis como nome social, dados de cor/raça, opção curricular e Sistema de Ingresso Unificado (SISU) não faziam parte do quadro entre 1994 (data da primeira turma egressa) e 2005. As planilhas de egressos disponíveis em Excel vieram em dois momentos: primeiro, referentes aos anos 1991-2019, e depois, aos anos 2020 e 2021; nestas, já se nota o

acréscimo de variáveis.

As informações desta pesquisa abrangem o período que vai da implantação do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 1991, até 2021. Embora o Departamento de Ciências Sociais (DCSo) tenha sido criado formalmente em 1987, por meio da Portaria GR nº 463 de 06/11/1987, ele inicialmente não oferecia cursos de graduação próprios, atuando como núcleo de apoio disciplinar a outras áreas da universidade. A criação do curso de graduação em Ciências Sociais, portanto, só se efetivou em 1991, momento em que a UFSCar passou a oferecer formação específica na área, com a primeira turma iniciando suas atividades com 40 matrículas e formando-se em dezembro de 1994. O curso foi oficialmente reconhecido pelo MEC em 1996, por meio da Portaria nº 1.220, de 05/12/1996.

[...] com a vinda do professor José Albertino Rodrigues, em 1977. Não existia até então um departamento de Ciências Sociais e, sim, o Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação, o qual concentrava os professores de humanidades e Ciências Sociais, no qual ele participava. Juntamente com a professora Elza de Andrade Oliveira, organizou, no início de 1978 (of. CECH 22/78) o Núcleo de Pesquisa e Documentação com um projeto amplo denominado “Sociedade e modo de vida interiorano” (com vários subprojetos incluídos) voltado aos estudos dos modos de vida em sete cidades médias paulistas. Em 1981, a professora Maria Aparecida de Moraes foi convidada a supervisionar a pesquisa de campo em geral e em Jaboticabal. Vários pesquisadores foram convidados e coordenaram a pesquisa nas outras cidades, ou assessoram o projeto. Assim, o Núcleo se constituiu como a base do surgimento do Departamento de Ciências Sociais, em 1987[...] (Bonelli; Lima; Mancuso; Silva, 2022, p. 3).

Importa destacar que a criação do curso ocorreu num momento histórico de inflexão para o país: apenas três anos após a promulgação da Constituição de 1988. Esse novo marco constitucional, ao inaugurar paradigmas democráticos, ampliou o debate sobre cidadania, participação política, direitos sociais e pluralidade cultural, temas diretamente vinculados ao campo das Ciências Sociais. A implantação do curso pode ser compreendida como parte de um movimento mais amplo de abertura democrática e de valorização das ciências humanas, cujos saberes críticos contribuíram para a leitura e transformação da realidade brasileira em processo de redemocratização.

Em 2008, o Departamento de Sociologia (DS) foi criado, passando a dividir com o DCSo a responsabilidade pela formação dos (as) graduandos (as) no curso. Ainda nos anos 2000, o curso passou a contar com três áreas de concentração — Antropologia,

Sociologia e Ciência Política — as quais também se desdobraram em programas de pós-graduação *stricto sensu*: o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPol), todos com oferta de mestrado e doutorado.

É importante ressaltar que, mesmo diante das adversidades que historicamente marcam o cenário da educação superior no Brasil — como cortes orçamentários, políticas de mercantilização do ensino e ataques às humanidades — as Ciências Sociais mantêm sua relevância formativa e crítica. A área pertence ao campo das Ciências Humanas e historicamente se estrutura a partir da emergência da sociedade industrial e urbana no século XIX e introduziu uma postura laica, crítica e reflexiva diante do mundo social. Assim, o curso da UFSCar se insere em uma longa tradição intelectual marcada pela diversidade teórica e metodológica, promovendo o diálogo entre diferentes paradigmas analíticos e perspectivas epistemológicas.

A institucionalização das Ciências Sociais como campo acadêmico e profissão consolidada se expressa também na existência de associações científicas nacionais como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), que promovem congressos, publicações e o fortalecimento dos debates nas respectivas áreas.

Ao longo dessas três décadas de existência do curso na UFSCar, foram entregues à sociedade três gerações de graduados(as) em Ciências Sociais. E, dentro do intervalo temporal, não apenas se testemunha o amadurecimento institucional do curso, mas também o atravessamento de profundas transformações no campo da educação superior pública. Portanto, no Brasil, considerando toda a conjuntura adversa à educação superior, há que se registrar que a educação superior é complexa, o que conferiria consistência a outro texto. Mas cabe, ao menos, citar a existência de movimentos de desinstitucionalização, pressionados por dinâmicas externas como a privatização, a tecnocratização e a adoção de lógicas empresariais. Isso impõe desafios à missão crítica da universidade pública, ao mesmo tempo em que convoca à resistência intelectual e política por parte de suas comunidades.

Assim, estas reflexões visam lembrar que o curso de Ciências Sociais da UFSCar

não deve ser compreendido apenas como um espaço de formação profissional, mas também como um *locus* de produção de conhecimento, de crítica social e de intervenção simbólica no debate público, em consonância com as tradições fundadoras das ciências humanas.

1.1 Limitações dos dados coletados

Em relação aos dados secundários cedidos pela DIGRA, eles são valiosos, no entanto, apesar de trazerem o contexto para identificar quem são os ingressantes, pouco respondem sobre os egressos. E, portanto, nesta etapa da pesquisa, optou-se por questões mais relacionadas ao percurso profissional do egresso. Assim, no questionário foram incluídas questões fechadas e abertas, e também foram coletados dados de perfil. Tais informações são relevantes, pois os dados objetivos influenciam a trajetória do indivíduo, como a renda familiar, o grau de escolaridade, a região de origem e a geração, muitas vezes negligenciados em questões abertas. Importante ressaltar que o anonimato dos respondentes foi garantido em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados - Lei nº 13.709/2018 (LGPD) que, embora permita o tratamento de dados pessoais para fins exclusivamente acadêmicos, com algumas limitações, optou-se por não coletar os e-mails na resposta para estimular a participação dos egressos nessa pesquisa, uma vez que a resposta é recebida sem identificação alguma. Isso foi um entrave, pois algumas questões levantadas nas perguntas abertas seriam interessantes, do ponto de vista analítico, aprofundar. Além disso, algumas perguntas não tinham a trava de 'obrigatória' e, assim, o entrevistado poderia pular as que não lhe interessavam responder.

Essa escolha teve como consequência a ausência de informações cruciais, como os anos de ingresso e de conclusão no curso (N=964), o que inviabilizou uma correspondência direta entre os dados coletados e os períodos formativos de cada egresso (a). Contudo, através da coleta do ano de nascimento foi possível responder algumas, porém não todas como seria no caso da coleta do ano de ingresso e ano de conclusão da graduação. Diante dessa lacuna, tornou-se necessário adotar uma estratégia de reagrupamento temporal que permitisse, ao menos parcialmente, a contextualização geracional das falas e das trajetórias profissionais. A variável "data de nascimento", coletada de forma sistemática, possibilitou essa aproximação, permitindo

agrupar os(as) respondentes segundo os períodos históricos em que, presumivelmente, realizaram sua graduação. Como a pesquisa proposta nesta tese refere-se ao período de 30 anos nos dados de ingressos e egressos, visualizam-se, portanto, 3 cenários de 10 anos:

Figura 2- Número de Formados por décadas

INTERVALO (Anos)	N	%
1991-2000	236	24%
2001-2010	446	46%
2011-2021	282	30%
Total	964	100%

Fonte: Elaboração própria.

Assim, a divisão por décadas — 1991–2000, 2001–2010 e 2011–2021 — foi definida como critério organizador tanto dos dados primários quanto dos dados secundários obtidos junto à DIGRA, garantindo coerência interna à análise e viabilizando cruzamentos analíticos.

Portanto, a opção por dividir o conjunto de egressos em três recortes temporais de uma década cada fundamenta-se, em primeiro lugar, nessa limitação mencionada, que por decisão ética e técnica, como já citado, optou-se por preservar o anonimato dos(as) respondentes, de modo a favorecer a liberdade de expressão nas respostas abertas.

Embora motivada inicialmente por uma falha de coleta, essa decisão revelou-se também frutífera do ponto de vista substantivo. Pois, a variável “data de nascimento”, coletada de modo sistemático, possibilitou uma aproximação geracional que, embora não perfeitamente coincidente com os anos de ingresso, guarda importante correspondência com os decênios aqui adotados.

Cada um dos três decênios corresponde a fases distintas na trajetória institucional do curso de Ciências Sociais da UFSCar, marcadas por diferentes matrizes curriculares: a matriz original de 1991, a revisão de 1996/1 e, finalmente, a reformulação ampla de 2005/1. As duas primeiras respondem por 389 egressos (40,4% do total), enquanto a matriz de 2005 concentra 59,6% dos(as) formados(as), indicando transformações relevantes na estrutura da formação acadêmica ao longo do tempo.

Adicionalmente, os recortes decenais coincidem com mudanças significativas nas políticas públicas de educação superior, como a expansão do sistema universitário federal na década de 2000, impulsionada por programas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) criado em 2007, e a posterior retração de investimentos na década de 2010. Assim, a divisão temporal também permite situar as experiências de formação e de inserção profissional em contextos políticos e institucionais específicos.

Por fim, vale destacar que a noção de "geração", tal como empregada neste trabalho, não se restringe à idade biológica dos(as) sujeitos, mas refere-se à sua inserção em contextos históricos e educacionais compartilhados. A divisão por décadas, ainda que originada por uma limitação técnica, mostrou-se um recurso metodológico eficaz para compreender as dinâmicas formativas e profissionais dos(as) egressos(as) à luz de suas condições histórico-institucionais.

Em segundo lugar, os decênios selecionados também dialogam com mudanças macroestruturais no sistema de ensino superior brasileiro. A década de 2000, por exemplo, coincide com a ampliação significativa do acesso ao ensino superior promovida por políticas públicas como o REUNI, a consolidação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como forma de ingresso, a expansão de programas de permanência estudantil e de bolsas de pesquisa. Já o período posterior a 2010 é marcado por uma inflexão dessas políticas, com retração dos investimentos a partir de 2015 e mudanças importantes no perfil dos ingressantes. Dessa forma, a divisão por décadas permite articular a análise micro (as trajetórias dos egressos) à análise macro (o contexto político e institucional de formação), o que é essencial em abordagens sociológicas preocupadas com a relação entre estrutura e agência. Ainda que a divisão por décadas possibilite uma articulação entre trajetórias individuais e contextos históricos mais amplos, tal abordagem geracional é utilizada aqui instrumentalmente. O foco analítico da tese reside na interpretação das experiências e narrativas dos(as) egressos(as) a partir de referenciais da sociologia das profissões, do trabalho e das identidades.

Em terceiro lugar, a estruturação da base empírica da pesquisa primária também contribuiu para a definição desses recortes. Por limitações decorrentes do esforço para garantir o anonimato dos(as) participantes — entre elas, a decisão de não solicitar dados

como os anos de ingresso e de conclusão —, as entrevistas e questionários aplicados não permitiram uma vinculação direta e precisa entre respondentes e períodos de formação.

Dessa forma, ao utilizar o mesmo recorte nos dados primários e secundários, garantimos a coerência metodológica interna e a possibilidade de cruzamento analítico entre os diferentes tipos de informação.

1. 2 A Pesquisa online

Eles foram convidados a participar através de uma mensagem enviada para os egressos que tinham e-mail. Na mensagem eles receberam o link de acesso ao formulário. A imagem abaixo é a que compôs a capa do nosso questionário online:

Figura 3 – Capa do e-mail convidando para a participação na pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Os passos que guiaram o processo de pesquisa foram: i) identificar os participantes alvos para o projeto (tendo em mente potenciais desafios de acesso); ii) identificar a quantidade de participantes que seria necessário abordar, determinar o modo de coleta e preparar os materiais; iii) redação do instrumento de coleta (esboçar e refazer o esboço) além de redigir instruções necessárias aos participantes; iv) fazer o teste e ajustar uma data para a coleta, e também quando e como os participantes

poderiam contatar a pesquisadora. Os questionários semiestruturados foram elaborados de forma abrangente, explorando diversas dimensões e concentrando-se na coleta da opinião do respondente sobre suas experiências laborais e acadêmicas após a conclusão da graduação em ciências sociais, cruzando-as com dados de perfil, como idade, gênero e raça.

O estudo de caso exige um conjunto diversificado de procedimentos empíricos, que pode abranger desde a observação participante até a aplicação de *surveys*, além do uso de informações secundárias. Em vez de ser um método único e delimitado, o estudo de caso constitui uma *estratégia de investigação* que integra diferentes técnicas qualitativas e quantitativas, permitindo captar múltiplas dimensões do fenômeno analisado.

A definição clara do problema de pesquisa é o ponto de partida dessa estratégia, pois orienta a seleção das ferramentas analíticas e estabelece as fronteiras iniciais do caso. A formulação desse problema depende do domínio da literatura pertinente, que fornece o arcabouço conceitual necessário para situar a investigação.

É comum que, ao longo do desenvolvimento das atividades de campo, a proposta inicial seja ajustada, contribuindo para maior precisão e compreensão do objeto. Por isso, o pesquisador precisa manter uma postura aberta, observadora e receptiva, evitando pressupostos prévios e julgamentos antecipados.

Dada a natureza fortemente qualitativa dessa abordagem, espera-se que o pesquisador demonstre flexibilidade e capacidade de adaptação, ajustando suas estratégias às situações encontradas no campo e reconhecendo que os achados emergem do próprio processo investigativo.

O uso desta técnica se justifica por oferecer diversas vantagens, como: a flexibilidade do formato semiestruturado que permite aos participantes expressarem suas opiniões de maneira mais livre, ao mesmo tempo em que fornecem algumas direções, facilitando a exploração de tópicos relevantes sem restringir as respostas a opções fechadas. Além da facilidade de uso do *Google Forms*, uma ferramenta acessível e fácil de utilizar, tanto para quem cria o formulário quanto para os respondentes, aumentando a taxa de resposta e a qualidade dos dados coletados, pois os participantes podem responder de forma rápida e conveniente. Uma vez que a coleta online permite alcançar

uma amostra mais ampla e diversificada, independentemente da localização geográfica, isso enriquece a pesquisa. Este método vem ganhando relevância ao ser utilizado em plataformas digitais na coleta de dados em pesquisas quantitativas e qualitativas. A Internet e o desenvolvimento de aplicativos que envolvem mais o usuário abriram um mundo totalmente novo para pesquisadores, seja na utilização da rede como meio de acesso a potenciais participantes do estudo, seja na inclusão das informações produzidas como fonte de dados para pesquisas (Braun; Clarke; Gray, 2019).

Para as questões fechadas, as respostas coletadas puderam ser organizadas e analisadas de forma prática, utilizando ferramentas integradas ao *Google Forms*, que permitem visualizar os dados por meio de gráficos e tabelas, facilitando a interpretação dos resultados. Embora o formulário apresentasse questões com respostas abertas, questionários semiestruturados também foram usados, assim como entrevistas semidirigidas.

As vantagens para o pesquisador incluem conveniência, custo e economia de tempo, acesso a amostras mais diversificadas e dispersas geograficamente, redução de certas preocupações éticas, reunião de dados reflexivos e produção de um registro escrito de dados. Já as vantagens para o participante, incluem a conveniência, flexibilidade, anonimato e controle sobre o relato da história, incluindo a possibilidade de edição, revisão e reflexão antes de enviar a resposta (Gibson, 2010 *et al.*, Braun; Clarke; Gray, 2019).

A aplicação do questionário obedece a regras diferentes das da entrevista aberta. O questionário é aplicado a um conjunto de pessoas escolhidas por diversos procedimentos em função de critérios de representatividade da população global objeto de investigação. (Thiollent, 1987, p. 31)

A parte mais aprofundada é frequentemente associada à captação de informação de caráter mais afetivo do que cognitivo. Foram elaboradas três versões do questionário, sendo testadas as 2 primeiras, e a última confeccionada de forma definitiva. Partiu-se do instrumento misto composto por opções de respostas 65 perguntas distribuídas em 3 seções: (1) informações de identificação (gênero, raça/cor, ano de nascimento); (2) trajetória escolar (perguntas abertas em sua maioria); (3) características socioeconômicas (profissão e grau de escolarização dos pais do egresso) (perguntas fechadas) e (4) experiência profissional após a saída da graduação. Assim, questões como as seguintes foram o eixo principal da pesquisa: com que atividade se ocupam hoje? Trabalham na academia, em ONGs, em postos políticos etc.

Elaborar a “classificação profissional dos egressos em ciências sociais” foi uma

tarefa desafiadora e de grande responsabilidade. A análise das atividades laborais desses profissionais exigiu critérios rigorosos para garantir a precisão e a relevância dos dados coletados. Neste trabalho, buscou-se analisar as atividades laborais por meio de diversos critérios. Um dos aspectos fundamentais foi a “área de atuação”, na qual buscamos classificar as ocupações por setores específicos, como educação, engenharia, tecnologia e saúde, entre outros. Muitos egressos responderam a essas perguntas, e os resultados nos proporcionaram uma visão abrangente de suas realidades profissionais. No entanto, muitos respondentes informaram, de maneira geral, sua função e nível hierárquico, sem segmentar suas áreas de especialização. Relatos como “sou gerente”, “sou coordenadora” ou “sou analista” foram frequentes. Esses relatos também constam do currículo Lattes. Para uma análise mais completa, também consideramos o “nível hierárquico”, mas o colocamos numa única categoria ocupacional. Encontramos egressos que se identificaram como treinadores juniores, analistas plenos, coordenadores ou até diretores em níveis de liderança. Por exemplo, quando identificamos que atua na área educacional como professor, readequamos o nível (básico ou superior) e se atua em setor privado ou público para enriquecer a compreensão da dinâmica laboral dos graduados.

Essa pesquisa não realizou coleta de dados secundários, como o Registro Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Código Brasileiro de Ocupação (CBO). Essa parte da pesquisa deu enfoque em dados primários, coletando-os diretamente dos egressos e analisando os currículos da Plataforma Lattes. A busca por nomes cuja atividade profissional não estava clara ou cujo currículo estava sem atualização há muitos anos foi realizada por meio de sites de busca do Google e da rede profissional LinkedIn para preencher esse dado. Portanto, não foram feitas análises em conjunto com dados secundários do Ministério do Trabalho e Emprego nem foram agrupados de acordo com os subsetores econômicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta etapa, assim como fez a pesquisa conduzida pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) intitulada: “Onde estão os Cientistas Sociais? Conhecendo a produção e o mercado de trabalho” no sentido de entender as múltiplas formas de inserção profissional dos cientistas sociais pelo país. Esta pesquisa, entretanto, focou em averiguar a relação entre a ocupação atual dos egressos e a sua

formação em ciências sociais.

Analisando de forma sintética o relatório *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais*, produzido pela ANPOCS em 2022, notamos que ele oferece um panorama abrangente e detalhado das condições contemporâneas de trabalho, das trajetórias profissionais, das desigualdades estruturais e das percepções sobre a carreira entre cientistas sociais no Brasil. A pesquisa articulou um *survey* de grande escala, respondido por 1.380 participantes, e um conjunto de entrevistas em profundidade com doutores titulados nos últimos sete anos. A combinação desses dois instrumentos permitiu mapear tanto tendências gerais quanto experiências subjetivas, revelando um campo profissional marcado por profundas assimetrias e transformações recentes.

Do ponto de vista sociodemográfico, os resultados mostram que a comunidade das ciências sociais permanece majoritariamente composta por pessoas brancas, com participação feminina levemente superior à masculina, ainda que a desigualdade racial se mantenha transversal em todas as gerações e áreas. Observa-se uma concentração de respondentes nas regiões tradicionalmente mais estruturadas em termos de pós-graduação — sobretudo no Sudeste — e um perfil etário que sinaliza a forte presença de pesquisadores jovens, especialmente nas faixas etárias entre 25 e 44 anos. As diferenças raciais e de gênero se manifestam desde o perfil de ingresso e titulação, indicando que a configuração demográfica do campo reflete desigualdades estruturais mais amplas da sociedade brasileira.

Os dados sobre parentalidade, modos de morar e trabalho de cuidado revelam que grande parte dos cientistas sociais não possui filhos, o que se relaciona diretamente com as longas etapas formativas e com a instabilidade da carreira acadêmica. Ainda assim, as tarefas domésticas e de cuidado recaem de maneira desproporcional sobre as mulheres, especialmente as negras, que relatam maior acúmulo dessas atividades e menor adequação de seus espaços domésticos ao trabalho remoto. A pandemia agravou essas disparidades: mulheres negras e homens negros foram os grupos que mais relataram queda de produtividade devido à falta de estrutura adequada em casa, reforçando que as desigualdades materiais afetam a permanência e o desempenho acadêmico.

Ao analisar os usos do tempo, os resultados mostram que a distribuição desigual

das atividades acadêmicas, administrativas e domésticas durante e após a pandemia reproduziu hierarquias de raça e gênero: mulheres negras foram as que mais dedicaram horas ao cuidado e ao trabalho doméstico, enquanto homens brancos foram os que mais dedicaram tempo ao trabalho acadêmico *stricto sensu*. A piora da saúde mental, embora generalizada, foi especialmente pronunciada entre estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores, revelando o impacto da sobrecarga e da precarização sobre os grupos menos consolidados na carreira.

A produção científica e a circulação internacional também evidenciam desigualdades significativas. Homens brancos foram o grupo com o maior número de submissões de artigos, publicações em língua estrangeira e participação em eventos no exterior. Mulheres negras, por sua vez, aparecem sistematicamente nos estratos mais baixos desses indicadores e são as que mais deixaram de participar de eventos virtuais devido à demanda por trabalho doméstico e de cuidado, mesmo em um contexto de flexibilização e ampliação das possibilidades de participação remota. Tais padrões indicam que, mesmo quando as barreiras espaciais e financeiras diminuem, as estruturais não se dissipam; ao contrário, tornam-se mais visíveis.

No que se refere à inserção profissional, o relatório revela um cenário de forte instabilidade, especialmente para recém-doutores. Grande parte dos participantes se encontra entre bolsas temporárias, contratos precários, trabalhos avulsos e posições fora da academia. A percepção de desalinhamento entre formação e ocupação é mais frequente entre pessoas negras e entre aqueles sem vínculos estáveis; já pesquisadores brancos relatam maior compatibilidade entre sua formação e seu trabalho. A distribuição de recursos — como bolsas de produtividade e financiamento à pesquisa — segue essa mesma lógica desigual, reforçando a reprodução de vantagens históricas.

As entrevistas qualitativas aprofundam esse quadro ao evidenciar sentimentos de incerteza, cansaço, frustração e dificuldade de planejar a vida pessoal e profissional entre recém-doutores. Mesmo entre aqueles que buscam permanecer na carreira acadêmica, há uma percepção recorrente de falta de horizonte, cortes de financiamento, retração de concursos e exigências crescentes de produtividade. Paralelamente, persiste uma forte identificação com a profissão e um compromisso expressivo com a continuidade das pesquisas, mesmo diante de condições adversas.

De forma geral, o relatório mostra que o campo das ciências sociais no Brasil está submetido a múltiplas tensões: de um lado, a consolidação da área, o crescimento das pós-graduações e a vitalidade intelectual; de outro, o aumento da precarização, o acirramento das desigualdades de raça e gênero e a deterioração das condições objetivas e subjetivas de trabalho. A combinação de sobrecarga, desigualdade estrutural e incerteza institucional produz um cenário no qual muitos pesquisadores — especialmente mulheres negras, jovens doutores e estudantes — declaram já ter considerado abandonar a carreira acadêmica.

Assim, o relatório da ANPOCS não apenas retrata a situação atual do trabalho acadêmico nas ciências sociais, mas também evidencia os desafios estruturais que moldam seu presente e seu futuro: desigualdade, precarização, concentração regional, disparidades nas oportunidades de circulação e acesso a recursos, e um campo tensionado entre vocação intelectual e condições materiais cada vez mais restritivas

Esses resultados, quando comparados aos dados obtidos na pesquisa entre egressos das ciências sociais da UFSCar, convergem de maneira ampla e contundente com os achados apresentados pelo relatório *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais* da ANPOCS¹. Ambos os estudos, ainda que com metodologias e escopos distintos, delineiam um quadro de forte precarização, instabilidade e restrição das oportunidades profissionais para cientistas sociais, tanto no momento de ingresso no mercado de trabalho quanto ao longo da trajetória profissional. De modo geral, os dois conjuntos de dados revelam que o espaço de atuação profissional permanece limitado, pouco estruturado e frequentemente atravessado por insegurança material, subjetiva e institucional.

No relatório da ANPOCS observa-se que a maior parte dos respondentes não atua em posições consolidadas na área, com expressiva presença de estudantes de pós-graduação, bolsistas, trabalhadores temporários, professores substitutos e pesquisadores *freelancers*. A distribuição das ocupações mostra que apenas uma fração se encontra em postos estáveis no ensino superior público ou privado, enquanto outra

¹ Nesta pesquisa 3.932 formados aceitaram participar e responder ao questionário online do GFORMS.

parcela significativa transita por posições de baixa remuneração, por contratos frágeis e por atividades paralelas. Entre os egressos UFSCar que participaram da pesquisa, por sua vez, evidencia o mesmo cenário ao registrar que egressos relatam ter permanecido longos períodos em subempregos, atuando em ocupações precarizadas ou completamente fora da área, como garçons, auxiliares de cozinha ou funções administrativas genéricas. Essas trajetórias revelam que, para muitos graduados, a formação em ciências sociais não encontra um campo de absorção compatível com suas competências.

As falas dos egressos da UFSCar reiteram, com grande vivacidade, o que os dados quantitativos da ANPOCS já sinalizam: a percepção recorrente de que “não existe mercado para cientistas sociais fora da academia” e, mesmo dentro dela, prevalece uma disputa intensa por poucas vagas estáveis. A precarização é percebida não apenas como condição objetiva — expressa nos baixos salários, excesso de carga de trabalho, contratos temporários e instabilidade — mas também como uma experiência subjetiva marcada pelo medo contínuo do desemprego, pela exaustão e pela sensação de desamparo institucional. O relatório da ANPOCS chega ao mesmo diagnóstico ao apontar que recém-doutores enfrentam grandes dificuldades para se inserir de forma contínua na carreira acadêmica, recorrendo muitas vezes a bolsas de curta duração, postos temporários ou atividades paralelas para garantir sua sobrevivência econômica.

Outro ponto de convergência importante diz respeito à ausência de reconhecimento social e institucional da profissão. Os egressos da UFSCar que participaram da pesquisa relatam que o mercado desconhece o que faz um cientista social, o que reduz drasticamente a oferta de vagas e torna esse profissional facilmente substituível por outras formações mais valorizadas ou mais consolidadas no mundo do trabalho. Esse mesmo fenômeno aparece no relatório da ANPOCS, que aponta um desalinhamento entre formação e ocupação, especialmente entre pessoas negras e entre aqueles sem vínculos estáveis, para os quais a compatibilidade entre trabalho atual e formação tende a ser baixa. A ausência de regulamentação formal da profissão — destacada explicitamente por seus entrevistados — também contribui para que postos de trabalho sejam abertos de maneira genérica, aceitando “qualquer formação”, o que enfraquece ainda mais a posição do cientista social.

Como veremos mais adiante nossos dados de pesquisa reforçam, inclusive, uma percepção de saturação estrutural, especialmente quando egressos mencionam a expansão do ensino superior, exemplificada pelo REUNI, sem que houvesse um movimento proporcional de ampliação de vagas e políticas públicas de absorção profissional. Esse argumento ecoa as conclusões da ANPOCS, segundo as quais o crescimento dos programas de pós-graduação e o aumento de titulados não foi acompanhado por políticas de financiamento e concursos, resultando em uma sobre oferta de doutores disputando poucas posições. A saturação, portanto, não é apenas um sentimento individual, mas um resultado concreto das contradições da expansão acadêmica brasileira sem a correspondente ampliação de infraestrutura laboral.

Além disso, os dois estudos demonstram que a precarização não é apenas econômica, mas também epistêmica e subjetiva. O desencanto, o sentimento de não pertencimento, a frustração e a desistência aparecem tanto no *corpus* de entrevistas quanto nas análises da ANPOCS. Vários egressos relatam que desistiram da carreira ou pensaram fazê-lo por não verem perspectivas de estabilidade ou valorização. A ANPOCS reforça essa conclusão ao mostrar que jovens doutores e estudantes são os que mais reportam deterioração da saúde mental, insegurança e vontade de abandonar a carreira acadêmica.

Assim numa segunda etapa de pesquisa, na busca das atividades laborais dos egressos em ciências sociais da UFSCar, coletaram-se os dados secundários disponíveis na Plataforma Lattes. Plataforma essa que desde início dos anos 1980 já reunia dados sobre professores e pesquisadores que produziam cientificamente, mas foi no final da década de 1990, com a expansão da Internet, que a Plataforma Lattes, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), passou a ser o sistema referência de busca de currículos de pesquisadores brasileiros.

Realizei uma busca na Plataforma Lattes de currículos de todos os egressos do curso, e dos 964 egressos entre 1994 e 2021 - data do último ano em que se coletei dados sobre eles - 663, ou seja, 69% dos egressos haviam cadastrado seus currículos na Plataforma Lattes. Foi interessante observar que 301 (31%) dos egressos do curso de bacharelado em ciências sociais não o tinham feito.

Figura 4 – Egressos do curso de ciências sociais e a inserção de currículo na Plataforma Lattes



Fonte: Elaboração própria.

Dentro dos 663 currículos cadastrados, 58% mencionam a atividade profissional organizada em uma tabela, conforme será visto nos capítulos a seguir. Os outros 42% não mencionaram a atividade profissional que exercem; alguns currículos até têm sido atualizados, mas não informam este dado.

Ainda que alguns não possuíssem cadastro na Plataforma Lattes, há também aqueles que, mesmo cadastrados, não registram suas atividades laborais ou não mantêm o currículo atualizado. Isso é curioso, considerando que a Plataforma Lattes constitui uma fonte extensa de informações sobre pesquisadores e guarda maior correspondência com trajetórias acadêmicas do que com carreiras no mercado de trabalho. Entre os que possuem Lattes, grande parte destes currículos se acha desatualizada. Isto é, não são atualizados há mais de 4 anos. Isso nos leva a considerar que talvez tenham cadastrado o currículo na plataforma somente para cumprir algum tipo de exigência de agência de fomento, ou envio de currículo para algum órgão ou empresa. Muitos abriram e nunca mais atualizaram, outros atualizaram por algum tempo. E, curiosamente, como por algum tempo revisou-se os currículos Lattes, percebeu-se que alguns eram atualizados

segundo a informação/data fornecida no Lattes. Porém não era perceptível nenhuma adição significativa, como a participação em um projeto de pesquisa, ou a participação em seminário, congresso, publicação de artigo etc. Nem mesmo a adição ou retirada de atividades laborais. Assim ao total, 511 formulários do GForms foram direcionados aos egressos de forma geral, enviado a todos os que possuíam endereço de e-mail nos registros da DIGRA, independentemente de terem ou não currículo registrado na Plataforma Lattes.

Além das análises quantitativas dos dados as manifestações discursivas obtidas nas questões com respostas abertas foram analisadas e ajudaram imensamente na compreensão das narrativas de trajetórias e de suas representações e identificações profissionais. Nessa análise qualitativa através das questões com respostas abertas, deu-se ênfase ao recorte geracional, como indicado nas pesquisas de Eugênio Braga (2011) e Danilo Torini (2012). Elas indicavam que a variável geracional era um recorte importante para a percepção de diferenças significativas entre os profissionais, que teriam se formado e se socializado em momentos históricos singulares. De início, pensou-se em agrupar os respondentes de forma que obedecessem, em primeiro lugar, a uma classificação de perfis de trabalho mais comuns na área das ciências sociais, e que na leitura de algumas obras como as de Schwartzman e Castro (1991), Braga (2011) e Torini (2012), serviriam como referências. No entanto, foram separados pela idade e assim de certa maneira o recorte foi geracional. A literatura mencionada tem reiterado que a docência é o caminho preferido nas ciências sociais, por isso dados sobre a inscrição ou não de currículo na plataforma Lattes fez sentido. Tal literatura apontou também que as identidades formativas desses profissionais refletem a conhecida estratificação do campo, em que o segmento acadêmico é responsável pelas principais atividades 'reconhecidas' como a própria ciência, que cria uma hierarquização da profissão. Isso afeta o processo de identificação dos profissionais formados em ciências sociais que atuam em empresas de consultoria, institutos de pesquisa e de opinião, ONGs e outras organizações e instituições (Braga, 2009).

Um roteiro de entrevistas foi elaborado para ser aplicado com o objetivo de responder às diferentes questões de pesquisa aprofundando temas levantados nas questões abertas da pesquisa quantitativa. Foi planejado recrutar a partir do universo

formado pelo Lattes cujas profissões eram declaradas extrair uma amostra selecionada da listagem da DIGRA de egressos organizados por ano de formação, em uma tabela Excel. O objetivo era selecionar entrevistados em função de critérios geracionais, procurando sempre localizar em cada turma os que tinham currículo na Plataforma Lattes do CNPq para a etapa da pesquisa qualitativa, contemplando atividades mais diversificadas possíveis dentre os currículos que continham essa informação com o objetivo de ampliar aspectos comparativos sobre a influência do curso nas trajetórias profissionais segundo a percepção do egresso. Dessa forma, com esse objetivo lançou-se os convites através de diferentes meios de contato, no entanto, muito poucas respostas foram obtidas e mesmo não estipulando um número exato de entrevistas qualitativas a serem realizadas obteve-se duas entrevistas completas e a transcrição de uma roda de conversa sobre “O cientista social no mercado de trabalho” promovido pelos alunos do projeto Macaó da UFSCar em dezembro de 2023 com o apoio do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Essa roda de conversa embora tivesse o mesmo tema de nossa pesquisa “O cientista social no mercado de trabalho” por não ter seguido um roteiro padronizado e direcionado, não foi tratada como e uma pesquisa *ad hoc*. Sendo assim, os dados foram insuficientes para realizar essa etapa tornando-se inviável contemplar o que foi idealizado. Entretanto, os dados obtidos nas duas entrevistas uma delas com uma professora pesquisadora de universidade pública e a outra com um egresso servidor público do Estado de São Paulo, na Secretaria de Desenvolvimento Social onde atua como diretor administrativo foram aproveitados, assim como trechos que foram transcritos da roda de conversa com quatro ex-alunos egressos das ciências sociais sendo uma graduada trabalhando na área de recursos humanos de uma grande empresa brasileira, uma outra egressa pós-graduada em ciência política atuando na área de políticas públicas no terceiro setor, outra com pós-graduação em antropologia trabalhando com tecnologia alimentando dados numa plataforma de inteligência artificial e por fim um egresso que trabalha com turismo social no Serviço Social do Comércio (SESC). Vê-se, com esses egressos do curso de ciências sociais da UFSCar, trabalhos bem diversificados que contribuíram para que esses dados fossem utilizados quando o conteúdo se relacionava diretamente às questões abertas da pesquisa quantitativa. Esses relatos - trechos de história de vida - dentro do contexto mais amplo do curso supre

teoricamente o método qualitativo:

“Na análise de trajetórias o pesquisador procura confrontar os relatos com questões estruturais mais amplas que norteiam a pesquisa. Por exemplo, ao investigar a trajetória dos indivíduos no sistema de ensino superior, há que se considerar a experiência individual dentro de um contexto mais amplo sobre o sistema de ensino superior do país, suas clivagens sociais, formas de acesso, entre outras (Abdal, 2016, p.33).

E, também, ao aprofundar nas questões da pesquisa inspirando-se na ideia de *theorized life histories* de Raewyn Connell (2010) — que, através de entrevistas com trabalhadores intelectuais da gerência de grandes corporações, reconstruiu no contexto da entrevista, a trajetória individual do entrevistado através da performance de sua narrativa preservando a articulação entre práticas sociais e processos históricos. Vem dessa forma a funcionar como uma releitura contemporânea do método de história de vida, amplamente utilizado por determinadas correntes sociológicas, como a Escola de Chicago. A pesquisa desta tese adotou uma estratégia que combinou a riqueza dos dados quantitativos com uma contextualização mais densa das respostas às questões abertas. Esses dados empíricos abordaram aspectos como as trajetórias acadêmicas, profissionais e pessoais, que puderam ser captadas através de longas narrativas escritas pelos respondentes da pesquisa, nas quais cada formulário respondido foi retrabalhado ao longo da análise, de modo a dialogar diretamente com as questões norteadoras da pesquisa.

Foi esse trabalho de “ir e vir”, entre as questões colocadas, a pesquisa tabulada, a teoria e os trechos pontuais sobre experiência laboral após a graduação e a opinião sobre o curso que tornou possível perceber o surgimento de uma questão comum: a disciplina das ciências sociais como importante, ou melhor, fundamental para a visão de mundo, porém não sendo capaz de sozinha dar conta de uma estruturação de carreira. No capítulo 3 apresenta-se a abordagem desse tema à luz do debate teórico e, no capítulo a seguir, apresentam-se os egressos com base nas informações coletadas pela DIGRA.

2 ARTICULANDO TEORIA E EMPIRIA: PROFISSÕES, TRABALHO E IDENTIDADE NAS TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DOS EGRESSOS

Este capítulo tem por objetivo articular os fundamentos teóricos que orientam esta pesquisa com as opções metodológicas adotadas e com a análise dos dados empíricos. Busca-se, assim, explicitar como os pressupostos conceituais, construídos a partir da sociologia das profissões, dos estudos sobre o mundo do trabalho e das abordagens sobre identidade, orientaram a construção do percurso investigativo e a interpretação das falas e das trajetórias dos egressos do curso de Ciências Sociais da UFSCar.

A organização do capítulo parte da exposição dos referenciais teóricos que embasam a análise, com destaque para três eixos interligados: profissões, com ênfase nos debates sobre profissionalismo e suas reconfigurações contemporâneas; mundo do trabalho, considerando as transformações estruturais e subjetivas impostas pela racionalidade neoliberal e pela plataformização; e identidades, entendidas como construções processuais que articulam elementos biográficos e coletivos. E, claro, incluindo a memória, nesse contexto, que se mostra central para compreender as narrativas dos egressos, uma vez que as recordações e esquecimentos mobilizados nas entrevistas revelam modos de se identificar (ou se desidentificar) com a formação e a profissão.

Na sequência, em cada um desses eixos são trazidos os dados da pesquisa empírica e as escolhas metodológicas que a estruturaram vão aparecendo de diferentes formas, por exemplo, no subcapítulo profissões os relatos escritos dos respondentes foi amplamente usado. No subcapítulo "mundo do trabalho" aparece a parte qualitativa englobando os relatos. Por outro lado, na parte de identidades, foram usados dados quantitativos e qualitativos, que foram codificados e realizados muitos cruzamentos de dados. As variáveis-chaves do estudo, àquelas que a partir de testes de correlação se mostraram mais significativas foram cruzadas e seus resultados dialogaram com os conceitos gerando uma discussão analítica. Desse modo, evidenciou-se como os processos de profissionalização, as transformações no mundo do trabalho e as experiências identitárias se entrelaçam nas trajetórias observadas. Ao longo do capítulo, optou-se por assinalar, sempre que possível, a recorrência ou a relevância de determinados temas para o conjunto dos entrevistados, evitando que questões centrais

permaneçam dispersas ou pouco exploradas. Dessa forma, o texto busca sustentar a análise empírica com base em um enquadramento teórico consistente, respondendo às exigências da investigação sociológica e contribuindo para a compreensão crítica da inserção profissional dos cientistas sociais no Brasil contemporâneo.

2.1 PROFISSÕES

2.1.1 O Sistema das Profissões

Na pesquisa sociológica sobre grupos profissionais, três conceitos têm sido amplamente utilizados: profissão, profissionalização e profissionalismo. Neste subcapítulo, buscou-se analisar as situações de trabalho do cientista social identificadas na pesquisa, relacionando-as à bibliografia mais recente sobre profissões. Portanto, a pretensão aqui não foi abordar toda a parte teórica dessa área da sociologia, reabsorvendo e rediscutindo dimensões analíticas tais como: conceito de profissão², processo de profissionalização, disputas jurisdicionais, autonomia profissional ou o futuro do profissionalismo. Estes temas são relevantes na área da Sociologia das Profissões, porém procurou-se trazer à pauta uma forma de organizar as profissões, chamada de profissionalismo, que, inicialmente, era visto como uma forma distinta de organizar e controlar o trabalho, em contraste com os métodos burocráticos e gerenciais das indústrias. Era valorizado como um ideal normativo a ser preservado por e para os trabalhadores. Com o tempo, passou a ser interpretado também como um discurso, combinando valores ocupacionais com ideologias. Hoje, o discurso do profissionalismo é amplamente usado em ambientes de trabalho, como nas áreas: marketing, recrutamento, declarações institucionais e treinamento, como forma de atrair talentos, motivar empregados e legitimar controles. Ele serve para moldar identidades profissionais, decisões de carreira e a percepção que os indivíduos têm de si mesmos no trabalho

² O trabalho torna-se: 1. Uma ocupação em tempo integral; 2. Estabelece programas de formação específicos para preparar os profissionais adequadamente; 3. Cria ou promove associações que reúnam os profissionais da área para promover interesses comuns e padrões éticos; 4. Implementa processos de certificação ou licenciamento que validem as competências adquiridas pelos profissionais; 5. Institui mecanismos que garantam o monopólio da prática profissional e 6. Garante a autonomia profissional, que os profissionais tenham liberdade e responsabilidade em suas decisões e práticas, consolidando sua autoridade em sua área de atuação. Esses passos ajudam a solidificar a credibilidade e a identidade de uma profissão (Wilensky, 1970).

(Evetts, 2018). Aqui, o profissionalismo organizacional (Evetts, 2013), o profissionalismo híbrido (Muzio; Kirkpatrick, 2011) e, por último, o profissionalismo conectivo (Noordegraaf, 2019) foram utilizados de forma a provocar uma análise sobre seus sentidos para os cientistas sociais egressos da UFSCar frente às mudanças globais. As duas primeiras formas de profissionalismo foram influenciadas pelos conceitos de trabalho imaterial e cognitivo – que revisaremos no subcapítulo sobre trabalho - ambos são resultantes da articulação das lógicas profissional, burocrática e de mercado e foram, portanto, adicionados para pensar numa possível perspectiva discursiva de precarização do trabalho profissional dos cientistas sociais. Existem vantagens reais na análise do profissionalismo como conceito analítico-chave nas explicações e interpretações sobre o trabalho profissional baseado no conhecimento, conforme aponta Evetts (2018) no texto *Professions In Turbulent Times Changes, challenges and opportunities*.

A abordagem dos grupos profissionais usada pela sociologia francesa exposta por Claude Dubar dá destaque às formas identitárias construídas na trajetória profissional tem sido bastante profícua na análise de ocupações mais distantes do *mainstream* estrito das grandes profissões e das novas formas de organização do trabalho e de configuração do mercado e da regulação no mundo contemporâneo conforme mencionam Bonelli, Nunes e Mick, (2017). A ênfase às formas identitárias, identificações descentradas, negociações de sentidos, complementando a análise do material coletado e colaborando na captação dos sentidos do profissionalismo que pode ser atribuído aos cientistas sociais egressos da UFSCar diante dos resultados da pesquisa realizada com eles, virá no subcapítulo a seguir.

Inicialmente, os estudos sobre profissionalismo foram construídos em torno do que se denomina profissionalismo como semelhança: foi uma forma como algumas profissões reconhecidas como tradicionais, tais como a medicina e o direito, conseguiram organizar-se e manter em torno de si um controle da sua atividade. Esse projeto de profissionalismo é marcado por características como: A) Ter um ideário de prestar um serviço especializado; B) Esse serviço prestado ter como característica uma excelência; e C) Essa excelência ser garantida por uma autonomia. Sendo essa autonomia que certifica que o saber não está sujeito nem ao cliente, muito menos ao Estado, embora buscassem o respaldo de ambos para se manterem. Assim, baseado nesse discurso em torno da

excelência desse saber, se produziu um convencimento social de que essas profissões precisavam ter um monopólio do conhecimento no mercado para garantir à sociedade um serviço de melhor qualidade e que o conhecimento e a *expertise* seriam neutros, do ponto de vista de compromisso com estruturas partidárias ou classes sociais.

Ao longo do século XX, o projeto *profissões* se viabilizou e, para isso, buscou o apoio do Estado e coesionou o grupo profissional em torno da ideia de que tinham uma missão social. Ademais, além de contar com o apoio estatal, a reunião de profissionais em torno das associações profissionais, seja a federação dos sociólogos, seja a ordem dos advogados, ou os conselhos de engenharia, odontologia ou medicina, por exemplo, foi fundamental para o projeto das profissões. Embora não seja objetivo deste trabalho detalhar qual tenha sido a forma de organização destes grupos profissionais, interessa frisar que esse processo não se deu em forma de consenso, mas resultou das lutas entre grupos profissionais e a versão que mais se destacou se hegemonizou e conquistou, digamos, o conjunto das instituições que controlavam essa profissão (Bonelli, 2021).

Esse contexto revela que, no interior de uma profissão, não se encontra um corpo coeso nem um consenso. Assim, a concepção do ideário profissional hoje encontra-se alterada e não se apresenta de forma tão homogênea como ao longo do século XX. No século XXI, muitos dos aspectos associados ao profissionalismo são interseccionados por variáveis como gênero, raça e sexualidade, o que altera significativamente a sua natureza. As identificações profissionais tendem a se pluralizar junto com a multiplicação de associações e evidenciam as intersecções que atravessam a subjetividade — como gênero, sexualidade, raça/cor, classe e religião — articulando-se à construção da identidade. Ao longo das trajetórias profissionais, as identificações não são fixas na trajetória como um todo, pois há revisões de pertencimentos e reexames dessas identidades, o que desafia a ideia de um equilíbrio estável que a visão dominante de profissão muitas vezes tentou passar, mas cujo questionamento já aparece na literatura da Sociologia das Profissões (Hughes, 1984; Strauss, 1999).

No próximo capítulo, analisarei os dados da pesquisa a partir do conceito de interseccionalidade e observei que se trata de uma proposta para "levar em conta as múltiplas fontes da identidade", muito embora não tenha a pretensão de "propor uma nova teoria globalizante da identidade" (Crenshaw, 1994).

Uma outra ótica de análise das profissões perpassa as dinâmicas de poder e *status* presentes no campo profissional. Ao explorar os padrões de interação entre uma profissão emergente e outras já estabelecidas na sociedade, examina-se como as profissões consolidadas podem impactar a aceitação e a legitimação das novas, bem como investigam-se os processos de socialização e as normas profissionais que moldam a maneira como essas interações ocorrem.

Essas interações podem influenciar a definição das competências, a formação profissional e a construção de identidades, destacando a complexidade das relações interprofissionais e o papel dessas interações no processo de evolução e consolidação das profissões.

No que tange às disputas interprofissionais, há uma competição por abordagens da realidade mais adequadas a profissionais de uma área do que de outra. Para os cientistas sociais, há uma disputa por espaço com estatísticos, administradores e psicólogos nas atividades de pesquisa de mercado; nos embates com advogados e economistas em questões político-econômicas (assessorias a órgãos públicos) e também nas tensões decorrentes do conflito entre as perspectivas sociais e as questões assistenciais junto aos assistentes sociais, entre outros. Na pesquisa com os egressos, observamos com nitidez essas disputas: “Eu acho que é terrível e temos que disputar com advogados em tudo, que fazem um trabalho terrível”. (Mulher cientista social, branca, usou lei de cotas, assessora parlamentar)

As ciências sociais enfrentam a competição direta de áreas próximas, que disputam tanto os objetos de estudo quanto as vagas no mercado de trabalho. Professores de outras áreas de formação (filosofia, geografia, história etc.) estavam lecionando a disciplina de sociologia durante a vigência da Lei nº 11.684/2008.³ (Baltar, 2013). Assim como ocorre com os bacharéis em sociologia, o campo de atuação no ensino é marcado pela presença de outros profissionais em lugar dos licenciados em ciências sociais/sociologia. Num estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do MEC de 2008, verificou-se que apenas 2.499 (pouco mais de 12%) dos 20.339 professores de sociologia eram, de fato, formados em sociologia

³ Em maio de 2008, o Congresso Nacional votou a alteração do artigo 36 da Lei 9.394 de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando novamente obrigatório o ensino de sociologia e filosofia no ensino médio.

ou ciências sociais (Baltar, 2013).

Nesse confronto entre grupos profissionais, as disputas também podem surgir a partir das diferentes visões de mundo e ideologias entre profissionais que atuam nas várias áreas (Bonelli, 1994), em diversos pontos, inclusive na luta pela regulamentação que garante o monopólio no exercício das atividades profissionais. Ainda de acordo com Bonelli, essa visão do cientista social sobre o mercado de trabalho, quando comparada com outras profissões, pode dar a impressão de que ela reduz a imagem das ciências sociais a uma atividade intelectual diferenciada.

Contudo, o cenário que se apresenta talvez não seja tão simplista. Pelo contrário, essa abordagem parece refletir de forma mais acurada a lógica da profissão, tanto em sua interação com o mundo do trabalho quanto em suas variações internas. Como mencionado na introdução, Bonelli, em sua tese de doutoramento, analisou o conflito e a competição profissional manifestos nas dimensões intra e interprofissional, ressaltando que tais tensões se intensificam devido ao amplo e diversificado campo de atuação das ciências sociais. Entretanto, essa amplitude esbarra na concorrência com outras áreas profissionais, o que impõe desafios significativos ao mercado de trabalho, como a escassez de concursos públicos específicos para a área, conforme expressou um egresso:

Basicamente não tem mercado de trabalho, as vagas específicas pra nossa área são poucas, os concursos também são poucos, no que se refere a trabalhar em instituições públicas, ongs, universidade e etc. (Homem, branco, doutorando na área).

Muito precário, falta de investimento na área, poucas oportunidades, raridade de concursos que, quando tem, são muito concorridos (Homem, não identificou sua cor, Professor em Universidade Pública).

A usurpação que outras áreas fizeram de temas e problemas típicos da área revelam uma categoria que pouco se identifica com a diversidade dos campos de atuação. A atividade "intelectual" ainda é sobrevalorizada (grifo nosso) (Homem, preto, sofreu discriminação, identifica-se como antropólogo e trabalha fora da área).

Diversos estudos têm sido realizados para mostrar como os profissionais de ciências sociais estão traçando suas trajetórias profissionais e em que áreas do mercado estão atuando como já mostramos na introdução, nesta pesquisa, sobretudo, os egressos da UFSCar buscaram oportunidades fora do eixo pesquisa e docência:

[...] a gente estava falando aqui, ciências sociais está longe do mercado de trabalho. Não. A gente também pode falar um pouco mais sobre isso, a gente também tem espaço, a gente também é capacitado para estar neste espaço. Como eu parei aqui? (Mulher, RH de uma grande empresa).

Embora algumas profissões tenham obtido da sociedade uma licença para dizer que só algumas pessoas podem exercê-las, como aquelas que obtiveram o diploma superior em alguma atividade X, outras que passaram na prova Y, ou que se aperfeiçoaram com a licenciatura, entre outros. Muito embora esses profissionais tenham o mandato da sociedade de falar em nome daquele saber em várias situações, esse forte senso que o profissionalismo como semelhança difunde, de que as pessoas pertencem a um grupo, é muito difícil de ser encontrado na atualidade.

Freidson (2001), ao tratar do profissionalismo, enfatiza que as profissões estabelecem uma estrutura de autoridade e controle sobre o trabalho, limitando quem pode ou não exercer determinadas funções, o que reflete a ideia de que as profissões têm o poder de regular seu mercado de trabalho. E, neste ponto, o autor vê como fundamentais as instituições do profissionalismo, que não podem existir ou ser mantidas sem o apoio do Estado, pois é ele que possibilita a criação e a manutenção do controle ocupacional da divisão do trabalho, do mercado de trabalho e da regulamentação do ensino. Um outro instrumento importante são as associações profissionais que, além de serem reguladoras, despertam maior coesão entre os pares, o que é percebido como corporativismo, além, é claro, do aspecto fiscalizador dos conselhos, ordens e federações profissionais sobre as ações dos associados e não associados⁴.

Entre as abordagens acerca do fenômeno profissional, uma delas aponta que a vida social resulta de interações negociadas e não apenas da imposição de grupos dominantes. Alguns autores enfatizam a natureza interativa e negociada das relações sociais incluindo as dinâmicas profissionais, como Andrew Abbott, sociólogo americano, em *The system of professions: an essay on the division of expert labor* (1988) convida-nos a pensar de forma mais sistêmica as profissões, analisando as interdependências e como as profissões competem entre si por jurisdições, reivindicações de

⁴ Essas são algumas das Associações: Sociedade Brasileira de Sociologia (ABS); Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP); Associação Brasileira de Antropologia (ABA); Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e Associação Nacional dos Sociólogos e Sociólogas (ANASOBR). Essas associações são diferentes daquelas que possuem o controle do mercado, sendo de filiação voluntária e caráter científico.

propriedade e responsabilidade sobre o conhecimento especializado e as suas aplicações, enquanto a literatura anterior se concentrava em grupos profissionais distintos e nos seus projetos de profissionalização. Abbott também argumenta que as profissões se organizam em um sistema interdependente, no qual práticas e *status* são constantemente negociados e redefinidos nas interações sociais, uma vez que se moldam em resposta às transformações da sociedade. Observemos a seguir o trecho de uma das entrevistas:

a gente tem um complexo de inferioridade, que a gente vai começar a matar aqui hoje. A gente não deve nada para profissão nenhuma, ofício nenhum que seja um pouco mais para cima, localizado mais para cima e eu levei muito tempo para entender isso (Mulher, se automeia antropóloga, líder em empresa de tecnologia).

A fala anterior oferece uma rica oportunidade de análise à luz do argumento de Abbott: a referência ao "complexo de inferioridade" da egressa sugere uma percepção de desvalorização das ciências sociais em relação às demais áreas da ciência, que são vistas como "localizadas mais para cima". Isso dialoga com a noção de Abbott de que o *status* das profissões é uma construção social que é constantemente negociada. A egressa reconhece que essa sensação de inferioridade é uma construção que não se sustenta, mas que é influenciada pelas relações e normas sociais sobre o sistema interconectado das profissões e as dinâmicas de *status* e reconhecimento que emergem desse contexto.

A cultura cívica, oriunda do profissionalismo cívico nas profissões jurídicas (Halliday, 1999) pode ser pensada também para as ciências sociais. Predominava entre os cientistas sociais a visão sobre sua formação como instrumento a serviço da sociedade e em defesa dos interesses sociais, especialmente dominando instrumentos teóricos e analíticos para a leitura de cenários sociais e políticos. Vemos que hoje há uma crescente presença da cultura de negócios nas profissões em geral e certamente as ciências sociais não ficam de fora deste contexto. Quando o egresso foi levado a refletir sobre o motivo que o fez optar por ciências sociais, com o que planejava trabalhar após sua formação tivemos respostas variadas e muitas estão relacionadas à cultura de negócios:

Eu gostava de área de humanas, achava que iria me ajudar a ter bagagem e senso crítico para escrever, mas minha primeira opção de curso era jornalismo (Mulher, pós-graduada em outra área).

Queria trabalhar com institutos de pesquisa. Pesquisas sociais e políticas. Além de consumo (Mulher, antropóloga, professora/ pesquisadora de universidade pública).

Pretendia trabalhar na área de produção cultural (Homem, profissional liberal)

Eu quando entrei nas ciências sociais queria trabalhar com institutos de pesquisa. Pesquisas sociais e políticas. Além de consumo (Homem, pardo, anotou OUTRO em atividade laboral).

Quando entrei nas ciências sociais queria ser diplomata (Mulher, empresária, fez pós-graduação em outra área).

A ideia era atuar no mercado, em empresas que poderiam usar o cientista social para estudar comportamentos de consumo, e elaborar planos para agregar valor para suas marcas (Homem, automeia-se cientista social, pós graduou-se em área diferente das ciências sociais, trabalha em empresa privada sem conexão com as ciências sociais).

Mais adiante ele expõe sua perspectiva de trabalho para os próximos 5 anos:

Pretendo estar gerindo a área da diretoria de agronegócios da empresa que trabalho (Homem, automeia-se cientista social, com pós-graduação em área diferente das ciências sociais, trabalha em empresa privada sem conexão com as ciências sociais).

Essas foram algumas das opiniões dos egressos. Diante dessas perspectivas mais gerais, a sociologia das profissões discute o profissionalismo na nova configuração do mundo do trabalho, fortemente marcado pelas suturas que as organizações impõem sobre o processo do trabalho, arregimentado sobre a lógica organizacional, como já mencionado, essa lógica organizacional aumenta a complexidade nos contextos e ambientes profissionais como discutiremos mais adiante.

Uma outra forma de pensar a Sociologia das Profissões é através da dimensão do mercado de trabalho. Freidson (1998) informa que o mercado de trabalho é algo que está sob controle, pois só estão habilitados a desempenhar a ocupação os profissionais que possuem diploma, certificado, atestado que certifique a sua competência e qualificação. Portanto, um mercado de trabalho sob controle permite que apenas profissionais com as devidas credenciais, como diplomas, atuem em determinadas tarefas. Isso é chamado de "reserva de mercado de trabalho", que não identificamos entre os cientistas sociais egressos da UFSCar e, possivelmente, não se trata de um caso isolado, pelo menos no que diz respeito ao controle de mercado de trabalho exógeno. Os egressos mencionaram três características principais do mercado de

trabalho para os cientistas sociais extra-acadêmicos⁵ a instabilidade, a fragilidade e a precariedade. Tais características, segundo os egressos, existem especialmente pela falta de entendimento, de clareza do que este profissional pode fazer em prol das empresas, do mercado e pela falta de regulamentação da profissão.

Estes aspectos, de certa maneira, deixam permeável a barreira da jurisdição permitindo que profissionais de outras áreas de formação ocupem vagas de emprego que poderiam ser ocupadas por profissionais habilitados nas ciências sociais:

Muito precário, falta de investimento na área, poucas oportunidades, raridade de concursos que, quando têm, são muito concorridos (Homem, doutor, autoneleia-se sociólogo, preferiu não se classificar quanto à raça).

Muito frágil, muitas vezes desconhecem o que nós fazemos e acabam passando vaga para outro profissional (Mulher, mestra em ciências sociais, não atua na área, mas pretende estar dentro dos próximos 5 anos).

Tinha um grupo no Facebook chamado “Ciências Sociais no Mercado de Trabalho”, uma pessoa do RH de uma grande empresa começou a dar algumas dicas por lá, indicando, por exemplo, uma porta para entrar no mercado corporativo é o programa de estágio, então participem, valorizem as experiências de vocês nesses programas foi algo que me motivou a testar e participar dos processos seletivos. Então eu participei do processo seletivo do SESC, que não listava ciências sociais, tinha serviços sociais, pedagogia, psicologia, mas não tinha ciências sociais. Fui, participei, tive uma experiência como mediadora cultural. (Mulher, RH de empresa privada).

Todavia, entende-se que o profissional da área de ciências sociais tem possibilidade ampla de atuação, mas o mercado tem suas peculiaridades. Em primeiro lugar, o mercado muitas vezes não anuncia a vaga para cientista social, mas o usa como assistente, gerente, especialista, coordenador e áreas afins. Então precisa haver uma desmistificação e uma decodificação do cargo e centrar nas habilidades requeridas. Sabe-se que o cientista social desenvolve na graduação capacidades de análise e solução de problemas complexos, pensamento crítico, leitura e escrita, conhecimento de

⁵ O sociólogo que não trabalha no meio acadêmico é visto como alguém fora do padrão, um "estranho" que precisa ser identificado. Esses profissionais são conhecidos como “sociólogos não acadêmicos”, “sociólogos de mercado” (PALENCIA, 2005), “sociólogos extra-acadêmicos” (TORINI, 2012), entre outros termos que os caracterizam, como já citamos no capítulo da introdução. Estes termos estão no cerne de uma discussão mais ampla sobre a aplicabilidade da sociologia expressa em uma dualidade: teórica e descritiva, assim como acadêmica e aplicada. Mais do que o dual, Burawoy (2005), partindo de uma crítica sobre a desconexão entre os sociólogos e as questões sociais do cotidiano, sugeriu a divisão da sociologia em: 1) sociologia aplicada; 2) sociologia profissional; 3) sociologia crítica e 4) sociologia política.

dinâmicas sociais, movimentos sociais, habilidades de leitura de indicadores e estatísticas, relações institucionais entre outros.

Essas capacidades são relevantes para muitas empresas, desde área ambiental até as que possuem programas de responsabilidade social em que os cientistas sociais podem atuar em programas e políticas empresariais de diversidade e inclusão como aquelas voltadas para mulheres, negros, refugiados, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, pessoas idosas etc. Mas a falta de clareza em relação ao uso do conhecimento adquirido na graduação também se faz presente: a memória que eu tenho é de angústia, eu passei 4 anos angustiada porque eu não sabia como aquilo que eu estava aprendendo iria servir para o meu futuro profissional (Mulher, cientista social, diretora de *advocacy*).

No sistema de profissões delineado por Abbott (1988), esses aspectos também podem ser analisados em diferentes níveis, destacando-se as forças internas e externas. As forças internas referem-se à produção de novos saberes e competências, que impulsionam os grupos profissionais e se refletem na criação de posições e hierarquias internas. Já as forças externas dizem respeito a mudanças tecnológicas, transformações culturais que afetam o ambiente em que os grupos atuam. Esses eventos fazem com que as profissões adotem posturas de maior abertura ou de fechamento, no intuito de preservar sua jurisdição. Essa perspectiva reforça a relevância de analisar as dinâmicas intraprofissionais e a distribuição dos profissionais ao longo das trajetórias de carreira. Muitas vezes, essa análise revela um princípio de diferenciação interna, evidenciando distinções entre aqueles que ocupam posições superiores e aqueles que estão nos níveis iniciais de sua trajetória profissional.

Por exemplo, quando questionados sobre o mercado de trabalho, nitidamente os egressos veem os 'cientistas sociais' mais chamados de 'sociólogos', termo usual na maioria dos trabalhos acadêmicos, como privilegiados. Isso está presente nas obras de Braga (2011), Blois (2013a, 2013b), Diez (2017) e Baltar (2013).

Assim, além de decorrente da fragmentação da sociedade contemporânea, é também algo que já estava presente na literatura e algumas versões já vinham contestando a ideia de que a profissão era um bloco homogêneo e coeso. Isso porque algumas abordagens já identificavam polos nas profissões, como se fossem dois

hemisférios: o hemisfério do topo da profissão e o hemisfério da base da profissão, chamada de competição intraprofissional; outros chamaram de proletarização dos grupos profissionais.

O estatuto intraprofissional e a estratificação no interior dos grupos profissionais é largamente determinado pela regressão, ou seja, a tendência para o afastamento das tarefas do espaço de jurisdição pública: os profissionais que recebem dos pares mais alto estatuto são os que trabalham no mais puro meio profissional, mais próximo do conhecimento aplicado: acadêmicos, consultores, etc.; inversamente, situam-se no fim da escala os que estão mais afastados (Rodrigues, 2002, p.100).

É um fato que posições de hemisfério são sentidas entre os cientistas sociais: os que enxergam os professores/pesquisadores das universidades públicas como o topo da carreira e os *freelances* de pesquisa de opinião pública e de mercado como a base da profissão, por exemplo. Destaca-se:

Muito restrito, seja por conta das limitações na área acadêmica ou do desinteresse de empresas nas competências do cientista social (Homem, pardo, mestre em antropologia, produtor cultural).

Extremamente instável, frágil e precário. A proposta do curso, desde que me formei em 2013, não era de possibilitar contato com o mercado de trabalho. Não havia interesse dos professores em aproximar empresas e setores privados, e se você buscasse esse contato, estaria "se vendendo ao mercado". Além das "aulinhas no estado", já mencionadas, também era apontado enquanto alternativa fazer transcrição de entrevistas, como se fosse algo que paga bem e tivesse frequência relevante para uma estabilidade financeira mínima (Mulher, branca, doutora em sociologia, trabalha fora da área).

Embora as trajetórias de professores e pesquisadores vinculados a instituições públicas de ensino superior sejam frequentemente percebidas como privilegiadas pelos egressos que atuam fora da academia, algumas falas desses docentes revelam envolvimento com tarefas indesejadas, aspecto também abordado por Cordeiro (2013). Vejamos:

Eu não gosto de atuar em gestão; não levo jeito pra isso. [...] o nosso curso não nos prepara para sermos gestores. Em nada! Normalmente, prepara para serem professores, mas via de regra um professor, sobretudo em universidade, acaba tendo que assumir estas funções mais administrativas. (Mulher, professora e pesquisadora universidade pública).

Essa fala, além de testemunhar o crescente controle burocrático que um professor de uma grande universidade sofre na hierarquia organizacional, nos remete também o conceito de 'trabalho sujo' (Liu, 2020), pois não é raro os profissionais recusarem uma determinada tarefa porque está fora de sua perícia. No entanto, para aqueles que

trabalham em órgãos públicos ou em empresas, isto nem sempre é uma opção e acaba, rotineiramente, por se tornar uma questão não profissional que pode ser ainda mais difícil de evitar ou resistir quando o profissional se encontra numa posição subordinada na organização.

Contudo, as ciências sociais não têm uma jurisdição bem definida, o que reflete variação nos posicionamentos, para alguns, a perspectiva pode ser interpretada como um ideal a ser alcançado – o topo –, enquanto, para outros, suscita questionamentos e críticas. Majoritariamente, em torno de 90% das menções dos entrevistados apontaram que os cientistas sociais não conseguem encontrar espaço no mercado de trabalho fora dos muros das universidades, assim, muitos formados migram para outras profissões em busca de empregabilidade.

Os empregos na área da política eram muito poucos, e o mercado de trabalho não via como um diferencial o mestrado. Quando havia devolutiva, diziam faltar experiência prática. Atualmente, faço faculdade novamente de obstetrícia. (Mulher, branca, se identifica como cientista social, empresária, não atua na área, mestra em ciência política).

Entendo que o mercado de trabalho para o cientista social é restrito para a área de educação. Pouco se fala e pouco vê cargos para fora do ambiente escolar e universitário (Mulher, branca, sem pós, se autoidentifica como cientista social, trabalha em empresa privada fora da área).

Quê mercado de trabalho pra cientista social? Ele existe? Fora da academia, digo. Saí de uma das melhores faculdades do país, como uma das melhores da turma e com um mestrado no bolso que não servia de nada. A faculdade se isola completamente, e se orgulha disso, do mercado de trabalho. Então saímos de lá com uma bagagem teórica linda, mas sem saber fazer nada na prática (Mulher, mestra em sociologia, atua como engenheira).

Praticamente inexistente mercado de trabalho para a área. Tive que ir para a área de urbanismo para trabalhar enquanto sociólogo e cientista social

Nas falas acima vemos que não é um posicionamento de desmerecimento do conteúdo do curso, mas um problema de encontrar aplicabilidade prática do curso que, somado à questão do controle de mercado, ser, praticamente, inexistente acabam por fragilizar profissionalmente os cientistas sociais. Por outro lado, isso também se deve à falta de associações profissionais suficientemente fortes tanto para estabelecer reservas de mercado quanto para abrir frentes de atuação para os cientistas sociais neste mercado de trabalho. Somando-se a isso a questão da *expertise* que não parece clara por parte dos clientes, de forma que, em determinadas tarefas, estes identificariam claramente

tratar-se de uma tarefa específica dos cientistas sociais:

Muito restrito, seja por conta das limitações na área acadêmica ou do desinteresse de empresas nas competências do cientista social (Homem, pardo, profissional liberal, não atua na área).

Terminei o doutorado faz um pouco mais de dois meses e tenho procurado vagas pelo LinkedIn, mas sem muito sucesso. Não tenho nenhuma experiência de trabalho fora da academia e já ouvi que eu era "qualificada demais" quando me inscrevi em vagas comerciais aleatórias. (Mulher, branca, cientista política, entrou no curso objetivando ser pesquisadora).

Cientistas sociais são profissionais qualificados para trabalharem com indicadores sociais e com a vigilância em saúde, por exemplo, mas são poucas as prefeituras com cargos específicos para sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. Sendo agora estagiária do serviço social, vejo que em diversos espaços da política de assistência um cientista social faria diferença [...]. Nos últimos anos, contudo, apesar de ter buscado ativamente por concursos ou processos seletivos na área, só encontrei um específico para sociólogo (Mulher, branca, usa outra autonegação profissional, graduanda em Serviço Social, pretende em 5 anos estar concursada na área).

O mercado pode não reconhecer as habilidades e a importância dos cientistas sociais; no entanto, percebe-se, por algumas falas, que estes egressos têm ciência do valor de sua *expertise*⁶. Observemos a fala a seguir:

[...] a gente precisa do cientista social, para olhar para as pessoas, as famílias. Para tomar decisão sobre política pública, sobre quem vai ser amparado, quem não vai, para negociar com empresas e elaborar relatórios de impacto ambiental. (Mulher, branca, cientista política, trabalha na área).

Vale apontar que o próprio egresso, ao se referir ao mercado de trabalho para os formados em ciências sociais, em grande parte, menciona que existe reserva só para professores/pesquisadores de universidades, majoritariamente, selecionados por instituições de ensino públicas que selecionam seus pares baseados em perfis de formação específicos em nível de graduação e pós-graduação.

O mercado de trabalho é horrível. Eu não recomendo a ninguém fazer ciências sociais. O trabalho acadêmico é extremamente desgastante e mal remunerado. A única vantagem é a flexibilidade que temos com horário. Fora isso, não vale a pena fazer esse curso. Confesso que só não mudei de área porque acho que só sei fazer isso da vida: ler e escrever (Homem, branco, antropólogo, professor).

⁶ Ao contrário das áreas exatas e tecnológicas, onde o conhecimento é altamente estruturado e permite que profissionais iniciantes contribuam rapidamente com inovações e soluções, a formação em ciências sociais exige, de forma mais intensa, a mediação de professores qualificados. Isso se deve ao fato de que o conhecimento na área é menos codificado e depende fortemente da capacidade conceitual, teórica e analítica dos estudantes. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Csoc_padrao.pdf. Acesso em: 20 abr. 2025.

Considero bem instável, frágil e precária. Nossa profissão não é conhecida e reconhecida. Há uma necessidade constante de colocar e explicar quais são as atribuições e possíveis funções de um cientista social. Pouco se faz esse intercâmbio na universidade pública sobre as ciências sociais e o mercado de trabalho, o que distância e dificulta ainda mais o nosso acesso e a nossa permanência em um emprego. Quando conclui o curso, me vi totalmente sem rumo. E precisei entender e traçar de forma independente para onde iria com a minha trajetória profissional, diferente de outras áreas em que este fator já está mais facilitado, através de estágios e uma relação mais próxima com o mercado etc. (Mulher, mestre em antropologia, professora ensino médio).

Eu acho que não tem nada a ser feito, que não dar aula na rede básica de ensino, e depender, ao menos no Estado de São Paulo, de atribuições de aula para professor categoria O. Nesse caso, muitas vezes, mesmo que na rede privada, a gente acaba dando aula de áreas correlatas, como história e filosofia. Julgo isso como completamente desanimador. Não tenho vontade alguma de seguir carreira docente na educação básica (Homem, branco, doutorando em sociologia).

Esses processos seletivos geralmente são compostos por configuração de editais, seleção de conteúdos de provas, formulação de provas escritas, avaliação de provas didáticas e entrevistas, todos os elementos elaborados pelos pares, o que demonstra o controle exercido pela própria comunidade acadêmica. Esse controle é específico e, de certa forma, restrito, pois, no geral, a seleção para as vagas da academia é insuficiente para alocar os formados na área, considerando o número de egressos do curso da UFSCar, somado ao de egressos de demais cursos de ciências sociais espalhados pelo país. Essas seleções são, portanto, restritas às vagas ofertadas para atuação no ensino superior. De certa maneira, isso expõe um grupo profissional que tem controle sobre poucas áreas do mercado profissional, com destaque para o acadêmico. Quando se examina o mercado de trabalho exógeno, o controle é praticamente inexistente. Esse controle profissional passa a ser cada vez mais dissolvido na sociedade informatizada, uma vez que as tecnologias tornam a informação especializada acessível ao cliente e ao leigo, diminuindo a autoridade do profissional, cuja *expertise* e soluções passam a ser questionadas. Nas profissões tradicionais, tais como a medicina e o direito, a tecnologia possibilita a realização de atendimentos, consultas por meio de tecnologias *eHealth* com procedimentos online, além de bibliotecas eletrônicas de conhecimento de interface que acabam por tornar redundante a especialização profissional humana. Em várias profissões, hoje em dia, sistemas interacionais *on-line* permitem que clientes concluam a entrada de dados, a cópia de documentos e o envio de conteúdo, dispensando os sistemas tradicionais de funcionários, demonstrando como as tecnologias digitais estão

mudando a face das profissões. No artigo *The Future of the Professions: How Technology will Transform the Work of Human Experts* (Susskind; Susskind, 2015) analisaram profissões como direito, pedagogia, medicina, serviços técnicos bancários e mostraram como elas se desestabilizaram devido ao papel crescente da automaticidade tecnológica.

As ciências sociais também enfrentam o que se denomina declínio da confiança pública nas profissões, que erode a autoridade associada à *expertise*. Por exemplo, nas salas de aula, alunos frequentemente consultam seus celulares para questionar o acerto do professor, na medicina não é diferente, após as recomendações de tratamento o paciente aciona o Google ou uma inteligência artificial como a Siri e obtém diagnósticos e outras respostas a tratamentos. Tais comportamentos refletem uma nova dinâmica que desafia a autoridade tradicional do saber. Isso, sem contar o vultoso investimento em tecnologia, como as *startups*, muitas delas voltadas ao apoio profissional. Essas mudanças ameaçam o controle e o monopólio em sua circunscrição do saber na área de conhecimento. Além disso, o distanciamento dos locais de regulação profissionais, que se tornam supranacionais, assim como o crescimento do controle administrativo, e a normalização de práticas, são transformações resultantes de profundas mudanças sociais que impactam diversos setores da sociedade, desconstruindo o modelo profissional tradicional como mencionado acima. Essa desconstrução influenciada pela articulação das lógicas profissional, burocrática e de mercado numa perspectiva discursiva produziu novos conceitos como o profissionalismo organizacional resultante desse hibridismo já mencionado anteriormente pode ser observado a partir de transformações recentes nas profissões como a ascensão de grandes corporações e empresas de saúde substituindo consultórios e escritórios antes compartilhados entre pares, usando novamente a medicina e direito como profissões tradicionais como exemplo.

Entende-se que o profissionalismo se configurou e se mostrou 'protetor', no entanto, vê-se que os "escudos" de proteção do profissionalismo estão cada vez mais enfraquecidos e/ou retirados. Não se trata apenas de uma questão de "hegemonia gerencial", apoiada pelo aumento da gestão empresarial, do controle de resultados, dos sistemas de gestão e de lógicas de mercado (Freidson, 2001). É uma questão de mudanças *sociais* mais amplas que também afetam as organizações, os gerentes e os sistemas (Noordegraaf, 2015a; Faulconbridge

& Muzio, 2012).

Dessa forma, as teorias sobre a profissão, desde os anos 1980, já problematizavam, no Brasil, a ideia de que esse corpo profissional homogêneo e coeso mostrava-se cada vez mais diferente e difuso no país, especialmente agora, na contemporaneidade com a presença de grandes corporações nesse cenário. Enquanto a industrialização levou à profissionalização e a uma reorganização da divisão do trabalho profissional, talvez corroendo “toda a extensão do tecido social, cujos fios se tornaram tão frouxos...do que unidos e fortalecidos” (Durkheim *apud* Susskind; Susskind, 2015, p. 25). Nesse contexto, o processo de desprofissionalização das profissões e a proletarização dos profissionais avançaram no sentido de evidenciar o declínio do profissionalismo na sua forma inicial. Para estas correntes, os profissionais estão perdendo a autonomia profissional (teoria da desprofissionalização) e se tornando assalariados (teoria da proletarização), especialmente, as profissões liberais, muito embora poucas sejam as profissões que nasceram autônomas (Diniz, 2001). Essas correntes preconizaram um contexto de desconstrução do profissionalismo, o que ocorre com outras profissões resultantes da nova divisão do trabalho, tanto em nível nacional quanto internacional, conforme citamos anteriormente.

Aponta-se, entre várias análises, uma tendência clara à substituição da autonomia profissional pelo exercício profissional assalariado. “Incapazes de manter uma condição econômica independente, mais e mais profissionais vendem sua força de trabalho e se tornam assalariados em grandes organizações, tanto no setor privado quanto no setor público” (Diniz, 2001, p.42). Isso significa que, para além da jurisdição da profissão e da *expertise* capaz de dar conta da técnica exigida para determinadas funções, temos, no novo profissional corporativo, o foco nos ‘serviços profissionais’, mais do que no conhecimento formal. Além disso, nas corporações, são adotadas técnicas de gestão de recursos humanos cada vez mais sofisticadas, como recrutamento e seleção, mentoria e programas de treinamento corporativo, para moldar as subjetividades dos profissionais de maneira que melhor possam atender às prioridades corporativas (Muzio, 2017).

Até mesmo as funções mais ‘privilegiadas’ dos professores pesquisadores de universidade pública sentem a sobrecarga de trabalho que recai sobre eles, pois em nossa pesquisa também apareceram cientistas sociais acadêmicos dizendo: “Tenho uma

carga de trabalho e de responsabilidades que me consomem. Muito frequentemente, perco o sono pensando se conseguirei dar conta de tantas atividades" (Professora-pesquisadora de universidade pública estadual).

Ao longo da existência da sociologia das profissões, teoricamente, partiu-se do pressuposto de que associações profissionais e governos possuem capacidade para cumprir funções centrais do processo de profissionalização, lembrando que na abordagem anglo-americana, os profissionais gozavam de uma maior autonomia em relação ao Estado. Depois, como abordou-se aqui, alguns autores relacionaram projetos profissionais ao exercício do poder por grupos de elite que buscaram criar um monopólio para seus serviços (Freidson, 1970). Essas visões sugeriram que a profissionalização era um processo de baixo para cima que, inicialmente, nasce da atitude de profissionais sem a intervenção direta do Estado. Àquela definição de profissões com as características mencionadas anteriormente inseriram nas profissões uma roupagem universal um conceito válido apesar da heterogeneidade, do tempo-espaço desconsiderando as diferenças locais, políticas, culturais e geográficas.

Para se chegar a uma análise mais atual sobre o profissionalismo, capaz de responder teoricamente aos desafios da diversidade do mundo global, outros fatores foram incorporados ao processo de profissionalização. Burrage *et al.* (1990) observaram a construção social e simbólica das profissões e como elas são institucionalizadas e organizadas em diferentes épocas e contextos. Assim, por meio da história comparativa das profissões, apontou que os caminhos, ciclos e tipos de profissionalização podem variar e que, portanto, as concepções sobre o profissionalismo não são estáticas, nem limitadas aos contextos anglo-americanos e europeus, mas devem ser relativizadas. A principal contribuição de Burrage *et al.* (1990) para a sociologia das profissões foi desenvolver uma estrutura analítica baseada em atores, que destaca as interações e negociações entre quatro grupos principais envolvidos nos processos de profissionalização, são eles: 1) os profissionais (protegendo sua área de competência e status); 2) os clientes/usuários dos serviços (influenciando a prática profissional com suas demandas); 3) o Estado (regulando ou concedendo autonomia às profissões e 4) as universidades (produzindo conhecimento e credenciais para a entrada nas profissões). As implicações dessa obra para a teoria sociológica das profissões ampliam as

abordagens para lidar, efetivamente, com uma série importante de novas questões de pesquisa sobre projetos e práticas profissionais ‘transnacionais’. A partir, dessa perspectiva teórica na sociologia das profissões autores como Evetts (1995, 2013) Faulconbridge e Muzio (2012) através do texto *Professions in a Globalizing World*:

Towards a Transnational Sociology of the Professions adicionaram o redimensionamento ‘transnacional’ nas estruturas teóricas das profissões. Examinando as implicações dos espaços transnacionais e sua interferência nos projetos de profissionalismo em diferentes contextos nacionais, os autores apontam que a grande empresa global de serviços profissionais, além de protagonistas em projetos profissionais se tornaram locais de profissionalização, que quando junto com as associações profissionais internacionais surgidas estes elementos dominam a transnacionalização da governança nas profissões.

[...] As próprias profissões estão se internacionalizando. Se argumentará que um grupo relativamente inexplorado, as associações profissionais internacionais, estão se tornando atores chave nas dinâmicas da regulação do mercado único europeu. (Evetts, 1995, p.763, tradução nossa)⁷.

Pesquisas têm mostrado como associações profissionais internacionais têm atuado na disputa por novas jurisdições e regulamentações transnacionais, competindo e se opondo aos interesses de associações nacionais.

O interesse econômico também liga as elites do profissionalismo global a uma relação simbiótica com os mentores da agenda neoliberal, uma vez que a nova ordem econômica lhes proporciona ganhos e oportunidades financeiras significativas. De fato, em algumas situações, as elites profissionais transnacionais têm mesmo feito lobbying contra as suas próprias associações nacionais para a desregulamentação, a re-regulamentação e a liberalização profissionais, na medida em que estes processos apoiam a construção de um mercado global para as suas expertises. (Faulconbridge; Muzio, 2012 p. 15, tradução nossa).⁸

O redimensionamento regulatório nas profissões, a internacionalização de projetos profissionais, a discussão transnacional sobre as profissões e seu papel, a organização

⁷ “the professions themselves are internationalizing. It will argue that a relatively unexplored group, the international professional associations, are becoming key players in the dynamics of European single market regulation”.

⁸ “Economic interest also ties the elites of global professionalism into a symbiotic relationship with the masterminds of the neo-liberal agenda, as the new economic order delivers to them significant financial gains and opportunities. Indeed, transnational professional elites have even lobbied against their own national associations in some situations for professional deregulation, reregulation and liberalization insofar these processes support the construction of a global market for their expertise”.

transfronteiriça, o gerenciamento da mobilidade dos profissionais e a definição de padrões para a prática profissional são exemplos dos novos desafios aos grupos profissionais e à sua sociologia. Destaca-se a importância da "reconfiguração" do profissionalismo, levando a noções como o profissionalismo "híbrido", o "organizacional" e o profissionalismo "conectivo" para amadurecer a reflexão teórico-conceitual diante dos desafios das mudanças em curso no mundo profissional, nesse contexto turbulento. Como esse subcapítulo mostrou falou-se na "queda do profissionalismo"; "retorno ao profissionalismo" e "reconfiguração do profissionalismo". Essa última abordagem sobre o profissionalismo exposta por Noordegraf no texto *Protective or connective professionalism? How connected professionals can (still) act as autonomous and authoritative experts* (2020), representa um amadurecimento nas formas estabelecidas de entender o papel dos profissionais na sociedade, reconhecendo a crescente interdependência entre profissionais, organizações, clientes e a sociedade em geral. Diferentemente do modelo tradicional, que enfatizava a autonomia e o isolamento dos profissionais, o profissionalismo conectivo destaca a importância das relações e das conexões no exercício profissional. Para um melhor entendimento, observemos a figura abaixo:

Figura 5 – Comparativo entre os tipos de profissionalismo nas três principais dimensões

Dimensão	Profissionalismo Organizacional	Profissionalismo Híbrido	Profissionalismo Conectivo
EXPERTISE	Base técnica Padronizada	Combinação de saberes	Conhecimento adaptativo e relacional
AUTONOMIA	Controlada por normas e metas organizacionais	Compartilhada entre profissional e organização	Construída em processos colaborativos com stakeholders
AUTORIDADE	Derivada da posição Hierárquica	Mista, entre status profissional e organizacional	Ganha por meio de confiança e legitimidade nas interações sociais

Fonte: Elaboração própria.

O profissionalismo conectivo representa uma resposta às transformações sociais e organizacionais contemporâneas, propondo uma prática profissional mais aberta e adaptativa. Ele se diferencia do profissionalismo organizacional e híbrido ao enfatizar a importância das conexões e construção conjunta do profissionalismo, isso é, como não sendo exclusivamente construído pelos próprios profissionais, mas estes inseridos em redes mais amplas de relações e interações com o mundo externo.

O quanto essas abordagens nos oferecem perspectiva para pensar os cientistas sociais egressos da UFSCar? Essas abordagens inovadoras (Evetts, 2011; 2018; Muzio, 2012; Noordegraaf *et. al*, 2020) enriqueceram os estudos das profissões ao contextualizá-la em sistemas globais uma vez que, ambas teorizações permitem compreender e comparar as variações em contextos nacionais e históricos possibilitando debates mais amplos sobre como as profissões evoluem nas sociedades modernas.

2.2 DIMENSÃO DO MUNDO DO TRABALHO E OS EGRESSOS DA UFSCAR NESSE CONTEXTO

A história do capitalismo está profundamente entrelaçada à transformação dos modos de organização do trabalho. Cada etapa de seu desenvolvimento é marcada por novas formas de extrair mais-valor, disciplinar corpos e subjetividades, e produzir formas específicas de alienação. O trabalho, nesse processo, deixa de ser apenas um meio de subsistência para se tornar um dos principais dispositivos de controle social e de constituição da vida moderna.

Este subcapítulo tem por objetivo analisar criticamente as transformações no mundo do trabalho que incidem sobre os serviços profissionais, em especial as formas contemporâneas de inserção laboral mediadas pela lógica das plataformas digitais e do neoliberalismo. Discute-se de que modo tais transformações impactam trabalhadores e trabalhadoras, com destaque para mulheres e pessoas racializadas, ao gerarem novas formas de alienação e precariedade. Considera-se, ainda, em que medida essas mudanças repercutem sobre os egressos do curso de ciências sociais, cuja trajetória profissional é atravessada por esses mesmos processos. Por fim, evidencia-se como tais dinâmicas contribuem para diluir algumas das fronteiras historicamente construídas pelas profissões, na tentativa de distinguir o trabalho dos *experts* do dos demais trabalhadores.

2.2.1 Algumas Considerações sobre o Mundo do Trabalho Hoje

Várias transformações ocorreram no mundo do trabalho industrial ao longo do século XX, repercutindo no trabalho em serviços profissionais. Entre elas destacam-se a crise da acumulação fordista, a ascensão da “acumulação flexível” e da reestruturação produtiva. (Harvey, 2012). O trabalhador não é mais apenas uma mão que executa; ele deve agora pensar, cooperar, sugerir melhorias e internalizar os objetivos da empresa. Essa mutação introduz novas formas de domínio, mais sutis, mas não menos coercitivas.

A submissão à lógica da empresa é tal que muitos se veem compelidos a “proteger a empresa para proteger a própria vida” (Kamata, 1983). A nova configuração do trabalho exige a gestão da subjetividade, a administração de sentimentos, da emoção nas interações profissionais, no ambiente de trabalho (Hochschild, 1983). A esse controle da emoção, o esforço que o(a) trabalhador(a) faz para controlar ou modificar suas emoções

autênticas, a fim de exibir um estado emocional que esteja alinhado com as expectativas estabelecidas pelas empresas e organizações, chamou-se de *emotional work* (Bonelli, 2003). Essa é uma habilidade valorizada no ambiente de trabalho, o chamado trabalho emocional, além, é claro, do comportamento proativo, comunicativo e polivalente.

Assim, a alienação subjetiva, internalizada, em que o controle não é apenas externo, mas se infiltra nas condutas, nos afetos, nos desejos. Como analisa Foucault (2008, p. 226), a governamentalidade neoliberal transforma cada indivíduo em um empreendedor de si mesmo, responsável por seu sucesso ou fracasso.

A reestruturação produtiva é inseparável da hegemonia neoliberal. Desde os anos 1980, o desmonte do Estado de bem-estar, a desregulamentação dos mercados e a flexibilização das relações de trabalho tornam-se políticas dominantes. Dardot e Laval (2016) demonstram que o neoliberalismo não é apenas um conjunto de medidas econômicas, mas uma racionalidade que se infiltra em todas as esferas da vida. A precariedade deixa de ser exceção para se tornar regra. A terceirização, o trabalho intermitente e a informalidade são naturalizados. Conforme bem ilustra Lima:

A atipicidade das relações de trabalho, decorrente da reestruturação econômica do capitalismo global, e a precarização que a acompanha, soma-se à precariedade histórica presente na informalidade, com a ausência de contratos, a perda ou inexistência de direitos sociais (Lima, 2012, p. 26).

No que tange ao mercado de trabalho das ciências sociais e às oportunidades de empregabilidade na área a partir da conclusão da graduação, os egressos respondentes da pesquisa, em sua totalidade, relatam a escassez de oportunidades. As respostas na pesquisa convergiram para a percepção de um mercado restrito, frequentemente marcado pelo subemprego ou mesmo pelo desemprego. Alguns depoimentos evidenciam bem essa experiência:

Depois de concluir a graduação em 2005, eu passei trabalhando em áreas que as ciências sociais me auxiliaram muito, entretanto, a precariedade, instabilidade e insegurança no trabalho me fizeram constantemente desejar a saída da área. Eu estava sempre insatisfeita, insegura e com medo. (Se sente conectada ao seu trabalho, nomeia-se socióloga e trabalha na área).

O mercado me parece restrito, frágil e com ocupações em que egressos/as realizam precariamente com baixos salários, carga de trabalho extenuante, insegurança, trabalho temporário, sem laço coletivo ou contratual. É o ápice da racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016), onde o capital extrai valor até das formas mais precárias e

fragmentadas de atividade.

Essa lógica que consiste em dirigir indiretamente a conduta é o horizonte das estratégias neoliberais de promoção da "liberdade de escolher". Nem sempre distinguimos a dimensão normativa que necessariamente lhes pertence: a "liberdade de escolher" identifica-se com a obrigação de obedecer a uma conduta maximizadora dentro de um quadro legal, institucional, regulamentar, arquitetural, relacional, que deve ser construído para que o indivíduo escolha "com toda a liberdade" o que deve obrigatoriamente escolher para seu próprio interesse (Dardot; Laval, 2016, p. 216).

O que se apresenta como liberdade é, na verdade, uma “falsa autonomia”, uma vez que os trabalhadores estão subordinados a algoritmos que definem metas, punições e recompensas, o que Alex Rosenblat (2018) denomina “subordinação algorítmica”.

A ascensão das plataformas digitais na chamada economia *gig*, como a Uber, exemplifica a consolidação de um modelo de gestão que se apoia fortemente em sistemas algorítmicos para controlar e organizar o trabalho. Como analisa Rosenblat (2018), esses algoritmos não apenas distribuem tarefas ou ajustam remunerações: mas também reconfiguram a própria experiência laboral. Por meio da coleta contínua de dados e do monitoramento minucioso de condutas, os trabalhadores são avaliados, ranqueados, recompensados ou punidos por decisões automatizadas e opacas, sem mediação humana clara e que induzem a competitividade entre pares. Essa lógica extrapola o universo das plataformas e começa a se infiltrar em locais de trabalho tradicionais, instaurando uma forma de gestão algorítmica que intensifica o controle, reduz a autonomia e transforma o trabalhador em objeto de vigilância constante. Trata-se de uma nova racionalidade gerencial que redefine as fronteiras entre trabalho e controle, desempenho e dominação, mas sem vínculos com colegas, sindicatos ou qualquer instituição que possa mediar suas condições de trabalho. Portanto, relações trabalhistas frágeis afetam sobremaneira a classe trabalhadora, expondo-a às circunstâncias dos mercados globais que, para o cumprimento de uma agenda de produção, negociação, competitividade, qualidade e ritmo, desajustam e desregulam o trabalho, moldando-o às necessidades de mercado. Uma das formas de ajustar-se às regras desse mercado está o sistema de medição ranqueada que, para além dos serviços de prestação do trabalho de plataforma estão as demais empresas, suas redes, lojas físicas ou virtuais e profissionais das mais diversas áreas, aguardando

o *feedback* gerado pelos usuários⁹.

Essa experiência de medição, com certeza, faz parte dos negócios da Internet. Porém, ainda que as avaliações sejam boas e não haja motivos para retirar ou diminuir cargos de trabalho formal as empresas demitem substituindo os trabalhadores por IAs. Em grande parte, os empregos formais têm diminuído em todo o mundo pela robotização e em especial pela IA. Abaixo está a notícia veiculada recentemente no jornal digital de uma rede de notícias sobre um dos maiores *players* globais: a Microsoft, a maior empresa de tecnologia mundial, anunciou o corte de milhares de postos de trabalho em todo o mundo. Muito embora os lucros da empresa tenham sido bilionários nos últimos meses a introdução massiva das IAs para realização de trabalhos explica as demissões. Observemos:

É o maior corte desde janeiro de 2023, quando 10 mil postos foram eliminados durante um movimento amplo de ajuste no setor de tecnologia. Pete Wootton, porta voz da companhia, disse ao site The Verge que os cortes não têm relação com o desempenho individual dos funcionários. As demissões ocorrem mesmo após a Microsoft divulgar, no fim de abril, resultados financeiros robustos. A empresa registrou lucro líquido trimestral de US\$ 25,8 bilhões e forneceu previsões otimistas para o futuro. (...) A Microsoft investiu US\$ 80 bilhões no último ano fiscal em infraestrutura para suportar suas tecnologias de inteligência artificial (IA), que já começaram a transformar áreas internas, inclusive com geração automatizada de código, segundo o CEO Satya Nadella. O comandante da companhia afirmou recentemente que 30% dos códigos da empresa foram criados por IA (CNN Money, 2025).

Soma-se a isso a interseccionalidade (trabalho, gênero, raça) e as migrações internacionais contemporâneas, pois articula deslocamentos forçados, divisão internacional do trabalho, racialização e exploração, e isso não pode ser ignorado ao se refletir sobre o mundo do trabalho atual. Pois, as transformações do trabalho afetam de maneira desproporcional as mulheres, especialmente, negras e periféricas no Brasil e no mundo. Na pesquisa realizada tivemos menção à dificuldade ainda maior no mercado de trabalho quando considerada a interseccionalidade de gênero e raça: Em um dos formulários, uma egressa escreveu:

Existe a falta de oportunidades concretas de trabalho, por ser, teoricamente, uma área menos prática. A dificuldade aumenta conforme a estudante/pesquisadora atravessa alguns recortes estruturais. Dificilmente encontramos pesquisadoras trans, negras, indígenas e de classe baixa (Mulher, preta, doutoranda na área).

⁹ O termo *Unter1* é usado no livro de Scholz para descrever um novo tipo de trabalhador altamente precarizado e invisibilizado no capitalismo de plataforma. Esse termo é uma espécie de jogo de palavras com a marca *Uber* (remetendo ao prefixo *über*, em alemão, que significa acima, super) e o termo *unter*, que em alemão significa abaixo” ou inferior.

A passagem ilustra a interseção, bem como a reflexão da entrevistada sobre os estereótipos e as desigualdades que enfrenta no mercado de trabalho. Teoricamente temos estudos, pesquisas acadêmicas identificando esses fatores:

Hoje, uma constatação é feita, sistematicamente, a partir das pesquisas empíricas em ciências sociais: a posição das mulheres e dos homens na hierarquia social, em relação à repartição do trabalho doméstico, hierarquia profissional ou representação política, não é a mesma nas sociedades contemporâneas (Hirata, 2015, p. 7).

A partir dos dados da PED¹⁰(SEADE/ DIEESE) de 1994 e 2001, verifica-se que há peso maior das mulheres negras em relação às brancas no desemprego e nas formas precárias de ocupação. Um estudo recente confirma os diferenciais de salários. Lembramos que segundo o Censo de 2010, a população total do Brasil é de 190 milhões de habitantes e mais de 50% são negros ou pardos (Hirata, 2015, p. 8).

Está aí o alerta para a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, e seus efeitos sobre as profissões e sobre como as mulheres e, particularmente, as mulheres negras são empurradas para trabalhos de menor prestígio: domésticos, informais, precários, de cuidado. Na era digital, esse trabalho se intensifica e se torna ainda mais invisível. A plataformização aprofunda essas desigualdades, ao mascarar a exploração sob a aparência de autonomia. A alienação, nesse contexto, assume feições complexas: é econômica, subjetiva, algorítmica, emocional e identitária. Os corpos racializados e feminizados são os que mais sofrem com essa nova configuração do trabalho.

Assim, o capital reconfigura constantemente as formas de exploração da mão de obra e, ao longo do tempo, o trabalho já quase inanimado, esboça reações às determinações do capital, revelando uma história de adaptação e, ao mesmo tempo, de resistência. Hoje, diante de um novo e altíssimo patamar da precarização, sustentado pela racionalidade neoliberal e pela captura algorítmica do trabalho, cabe pensar que muitos trabalhos, muitas profissões e muitas ocupações cuja existência, em pouco tempo, podem não fazer mais sentido na dinâmica do mercado e desaparecerão. E como estariam os cientistas sociais dentro desse contexto? O campo de atuação do sociólogo difere das novas profissões que emergem e se desenvolvem no contexto digital moderno

¹⁰As duas empresas disputaram a primeira posição algumas vezes nos últimos cinco anos. Mas o valor de mercado da Apple ficou abaixo devido às instabilidades e a Microsoft toma a dianteira, notícia veiculada em 8 de abril de 2025 disponível em: <https://www.wsj.com/livecoverage/stock-market-trump-tariffs-trade-war-04-08-25/card/apple-cedes-most-valuable-crown-after-tariff-pain-hits-stock-price-jQACJxbgppTINSntS75Q>. Acesso em: 10 abr. 2025.
Pesquisa de Emprego e Desemprego.

ligadas a atividades em rede, assim como dos processos de profissionalização de novos campos profissionais (Nunes; Sousa, 2017). Mas, isso não faz com que esse campo profissional saia ileso das alterações que estão em curso no mundo do trabalho.

É um mercado cruel. Com exceção da academia, não vejo um MERCADO pra formados em ciências sociais, infelizmente precisamos nos reinventar após o curso. Mas o conhecimento adquirido, o pensamento crítico, a empatia, o esclarecimento que ele traz, com certeza é capaz de munir o formado com habilidades que ele dificilmente adquiriria se formando em outro curso. (Mulher, formada há 10 anos, se autoneomeia socióloga, não atua na área e mora no exterior).

Se por um lado, nesta fase do capitalismo, as formas de exploração da mão de obra se reconfiguram constantemente, por outro, os trabalhadores e trabalhadoras também reinventam formas de luta, sobrevivência e solidariedade. Enquanto isso, nas ciências sociais busca-se entender e analisar as transformações em curso e imaginar saídas, horizontes para além do cenário caótico em que se encontra o mundo do trabalho hoje.

O conjunto dessas mudanças foi de encontro às formas como os grupos profissionais exerciam o controle sobre o seu trabalho e as fronteiras da *expertise*. Embora muitas das distinções simbólicas possam persistir, as mudanças na conceituação do profissionalismo ressaltam os hibridismos entre a lógica ocupacional, a do mercado e a da burocracia. Assim, os grupos profissionais sentem a força do neoliberalismo nas barreiras para controlarem seu mercado e sua atividade, bem como das organizações no controle burocrático sobre aspectos da autonomia profissional, que vão desde a contratação até as métricas de eficiência e produtividade. Na amostragem alcançada por esta pesquisa, não obtivemos relatos específicos sobre a cobrança burocrática em empresas, mas o relativo à parte acadêmica foi marcante, como vimos no capítulo sobre profissões, e é semelhante aos achados da pesquisa de Cordeiro (2013) e Maia (2019), cujos trabalhos foram citados na introdução. Observemos a fala: “Ruim, pouco retorno financeiro e pessoal. Muita burocracia acadêmica” (Homem, mestre em antropologia, advogado).

Esses fenômenos se refletem na conexão entre a profissão e a sociedade, que se intensifica, seja na influência mútua entre leigos e profissionais, seja na incorporação desigual nas carreiras de sujeitos marcados por diferenças sociais.

No caso específico das ciências sociais, quando o processo de profissionalização foi intensificado, com a consolidação da especialização em sociologia, antropologia e ciência política na pós-graduação, também já avançavam os hibridismos que diluíam fronteiras entre profissão e trabalho. Os empecilhos econômicos e políticos da nova ordem descrita reduziram as oportunidades de se conquistar regulamentações que estabelecessem reservas de mercado, afetando ainda mais as condições de exercício profissional dos cientistas sociais egressos do bacharelado.

2.3 IDENTIDADES

A trajetória de trabalho de um egresso e sua identidade estão interligadas, e essa identidade “aborda as relações mútuas entre indivíduos e sociedade” (Strauss, 1999, p. 26). Assim, ela está em constante transformação, e são as mudanças na identificação e desidentificação com a área profissional, trabalhadas por Strauss, que serão usadas para entender como o egresso constrói a visão de si mesmo no mercado de trabalho. A partir desse texto serão analisados alguns dos resultados da pesquisa sobre egressos em ciências sociais da UFSCar. Na pesquisa, observa-se que as identidades e o pertencimento vão se modificando ao longo da entrevista. Isso porque o/a egresso/a, por meio da condução das questões, narra sua trajetória de vida, vai e volta, num constante identificar-se com o curso e desidentificar-se da profissão, um aspecto desta trajetória que nos aponta para um processo mais de identificação do que de desidentificação.

Como aponta Strauss (1999), a identidade não é estática, mas se transforma ao longo do tempo devido a novas experiências, reavaliações de memórias ou mudanças nas interações sociais. No processo de desidentificação, por sua vez, o indivíduo pode rejeitar ou abandonar identidades passadas, pode ser o reflexo de uma nova forma de entender a si mesmo - o *self* – e suas ações no sentido de mudar a perspectiva do outro em relação a ele.

Em primeiro lugar, “a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos, por nós mesmos ou pelos outros” (Strauss, 1999, p. 29). Nessa perspectiva, o autor aborda o significado subjetivo de “máscaras” e “espelhos”, que empregou para explicar como o indivíduo se identifica ou desidentifica em relação a si mesmo e ao outro, o que ocorre também na atividade profissional. ‘Máscara’ é o conceito que o autor usa

para se referir às formas de apresentação social que um indivíduo adota para se antecipar-se ao julgamento dos outros. Ela pode ou não estar em sintonia com o que ele imagina que seja a expectativa da sociedade. Já o termo “espelho” refere-se a como o indivíduo vê esse julgamento nos olhos dos outros. O espelho reflete mais a dimensão coletiva. A interação da máscara e do espelho resulta na ordem negociada (Strauss, 1999). Há uma dimensão da ação que funde o lado estrutural com o psicossocial, em vez do predomínio da incorporação dos valores existentes na estrutura, na cultura. A máscara é como esse indivíduo se apresenta aos outros, é a parte que ele busca influenciar terceiros sobre como ele quer ser visto, mesmo que seja também influenciado pela coletividade.

A estrutura social e a interação social estão intimamente associadas, e também afetam reciprocamente uma à outra (novamente) no tempo. Trata-se de uma concepção temporal não só da interação, mas também da própria estrutura, sendo esta última moldada pelos atores, por meio da interação (Strauss, 1999, p. 27).

Aplicando essa perspectiva ao problema em tela nesta tese, o termo "espelhos", por sua vez, denota a forma como os outros, especialmente os colegas de profissão e a coletividade em geral, refletem e percebem o profissional. Em vez de simplesmente indicar como os outros o veem, essa concepção enfatiza a maneira pela qual o "eu" (ativo) reconhece a percepção do "mim" (passivo) sobre a sua imagem social. Assim, trata-se de uma construção que envolve a autopercepção e a interpretação do olhar alheio. O espelho simboliza como a identidade de um indivíduo é influenciada pelas percepções dos outros, combinando a interação passada e a presente, bem como a mútua influência entre ela e a estrutura.

Em relação à profissão, a máscara seria o conjunto de atitudes, palavras e ações que um profissional adota para se antecipar à sua avaliação, agindo para influenciá-la. Os ‘espelhos’, por sua vez, seriam as percepções que o profissional tem das expectativas, julgamentos e avaliações que a coletividade ou os pares no ambiente de trabalho fazem sobre si, que influenciam a forma como se vê e se posiciona em relação à sua profissão.

De forma geral, a identidade profissional, inserida em uma rede de negociação, é delineada na interação com os pares e nas disputas intragrupais e entre grupos. As normas de conduta profissional que se estabelecem como vitoriosas também são

desafiadas nessa ordem negociada. Estas normas compõem, por exemplo, códigos de ética que prescrevem diretrizes como as que guiam as pesquisas com seres humanos, as que evitam os conflitos de interesses que enviesam o trabalho, as que se apropriam de ideias de terceiros, não citando referências autorais, entre outras práticas que regulamentam a ética profissional dos sociólogos. É importante salientar que tais normas são negociadas no grupo. Emergiram do processo deliberativo de suas lideranças. Assim, esperam que os membros do grupo profissional atuem em conformidade com o código estabelecido; no entanto, a dissonância não deixa de existir e ela, por vezes, contribui com o processo de desidentificação com o grupo dominante e até mesmo com a profissão.

Strauss traz também a reflexão sobre a "desidentificação", que significa o processo em que o indivíduo se afasta ou rejeita uma identidade, seja porque se afastou dessa identificação ou porque a sentiu como uma imposição. Esse fenômeno ocorre com o pertencimento ou com o distanciamento em relação ao grupo profissional.

De forma geral, a luta contra características estabelecidas que já não se alinham com a identificação do indivíduo sugere um desejo de mudança da norma, indicando que ainda se promove a sensação de pertencimento ao grupo. Essa dinâmica explica a ocorrência de numerosas disputas entre os grupos profissionais. À medida que esse processo avança, também se estabelece uma relação com outros grupos, e os valores são moldados à luz dessas novas interações, resultando em uma desidentificação em relação à visão de mundo anterior. Vejamos:

Eu acho que a pesquisa poderia aprofundar também a desconexão que algumas pessoas sentem com a área depois de formadas, devido às dificuldades de se inserirem no mercado enquanto cientistas sociais. Pesquisadores de mercado, por exemplo, que é o que eu faço de forma *freelance*, possuem diversos nomes diferentes, como *business intelligence*, por exemplo, e que por mais que apliquemos cotidianamente os conhecimentos e metodologias de pesquisa, com o tempo vamos perdendo a identificação com a profissão. (Homem, preto, não binário, se autodenomina sociólogo).

Essa desidentificação pode levar o indivíduo a buscar novas formas de se expressar ou de se identificar. Como o objetivo desta tese está relacionado à análise da identificação e desidentificação relacionadas à formação acadêmica e trajetória profissional após a conclusão do curso em ciências sociais, bem como as transformações dessa identidade vai na direção de uma desidentificação (Strauss, 1999), fica nítido que

as dificuldades relatadas na área mostram que as expectativas em desenvolver atividades profissionais relativas à formação foram frustradas, o que gerou um distanciamento identitário e uma interpretação negativa sobre o diploma de ciências sociais.

O processo de identificação acima vem mascarado na fala de muitos egressos participantes da pesquisa ao relatar desafios e, durante o preenchimento do formulário, demonstra que, nas narrativas, a memória vai evidenciando a identificação, num momento, e a desidentificação, em outro, como um reflexo de entender a si mesmo. E, de certa forma, destaca que a identidade não é fixa ou isolada, mas é formada através das interações sociais e dos papéis que as pessoas desempenham ao longo de suas vidas. Portanto, ela é constantemente negociada e modificada, com base nas percepções e expectativas de si e dos outros, e nas interações cotidianas, como já mencionado.

Outro aspecto que se destaca nesse contexto é a memória. Ela desempenha um papel crucial na formação da identidade, não limitando-se a ser apenas um repositório de informações passadas, mas, um processo ativo que molda a forma como os indivíduos se veem e como se posicionam na sociedade. A memória, tanto individual quanto coletiva, contribui para a construção de uma narrativa do 'eu', permitindo que o indivíduo se reconheça em diferentes contextos ao longo do tempo. Ao mencionar a memória coletiva, destaca-se o trabalho de Maurice Halbwachs, sociólogo francês, que afirmava que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que são necessários lampejos, resquícios da memória individual para que esta entre em consonância com a memória do grupo, da coletividade. Para Halbwachs, "não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e, também no dos outros [...]" (2013, p. 39). Destacam-se as falas abaixo e como elas suscitam a memória coletiva:

O curso contribui muito. Despertou em mim a vontade de viajar, conhecer novos saberes e estar mais aberto à diversidade. Também me envolvi mais com movimentos sociais e atividades políticas. Foi a minha primeira opção de curso e a única frustração teria sido o desemprego mesmo. (Homem, autodenominado cientista social, trabalha fora da área).

Eu fiz parte dos 25 anos da UFSCar eu e meus amigos dos mais variados cursos que morávamos juntos na moradia estudantil. O curso e a UFSCar em si são muito legais, é uma fase da minha vida que guardo com carinho (Mulher, atua na

área, conectada às ciências sociais).

No trecho acima, é possível ver Pollak (1992) e as memórias subterrâneas dos alunos que por vezes se contrapõem à memória da instituição oficial, da universidade. É possível ver o fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que se pode falar de uma memória quase herdada.

Então, o primeiro elemento constitutivo da memória, seja ela individual ou coletiva, que Pollak menciona, é justamente os acontecimentos que podem ser vividos pessoalmente ou vividos por tabela. O segundo elemento é composto por pessoas ou personagens. E o terceiro elemento são os lugares onde essas memórias acontecem.

Indo e voltando às abordagens sobre memória e identidade, Strauss (1999, p. 167) afirma que “a identidade pessoal está interligada com a identidade de grupo, que, por sua vez, repousa num passado histórico”; a identidade pessoal se conecta à memória coletiva. Isso significa que a forma como uma pessoa se lembra de eventos e experiências não é isolada ou individual, mas, frequentemente, é compartilhada com outros, refletindo a cultura, as normas e os valores do grupo. Nesse sentido, a memória pode ser vista como uma construção coletiva, uma vez que as narrativas do grupo influenciam e moldam as memórias dos indivíduos. Na tabela abaixo, observa-se que apenas 10 egressos se sentem desconectados(as) do trabalho que realizam, sendo que esses egressos tiveram trajetórias profissionais iniciadas fora da área de formação. Talvez o fato de, no início ou de "nunca" ter trabalhado na área das ciências sociais cause a desconexão/desidentificação com o trabalho que realiza. Neste sentido, a maioria sente-se conectada ao seu trabalho, ou pelo menos parcialmente, o que se acentua entre os que ingressaram na pós-graduação. Observe-se:

Tabela 1 – Conexão/Desconexão com o trabalho que realiza atualmente

O quanto você se sente CONECTADO (A)/ IDENTIFICADO(A) com sua atividade laboral hoje?										
Como foi sua trajetória profissional após a saída da graduação?	Conectado(a)/ Identificado(a) com o trabalho que produz	%	Desconectado (a) / Não identificado(a) com o trabalho que produz	%	Me sinto PARCIALMENTE Conectado(a)/Identificado(a) com o trabalho que produz	%	OUTRO	%	Total	%
OUTRO (Especificar)	3	4,41%	0	0,00%	2	4,26%	0	0,00%	5	3,97%
Já iniciei uma pós-Graduação	25	36,76%	3	30,00%	18	38,30%	1	100,00%	47	37,30%
Já iniciei e/ou terminei uma outra graduação	7	10,29%	1	10,00%	2	4,26%	0	0,00%	10	7,94%
Descansei um pouco	2	2,94%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,59%
Cuidei da vida pessoal	0	0,00%	0	0,00%	1	2,13%	0	0,00%	1	0,79%
Comecei a trabalhar, mas NÃO na ÁREA de Ciências Sociais	9	13,24%	4	40,00%	7	14,89%	0	0,00%	20	15,87%
Comecei a trabalhar na ÁREA de Ciências Sociais	9	13,24%	0	0,00%	5	10,64%	0	0,00%	14	11,11%
NR	13	19,12%	2	20,00%	12	25,53%	0	0,00%	27	21,43%
Total	68	100%	10	100%	47	100%	1	100,00%	126	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Em termos mais específicos, quando se relatam memórias, reconstrói-se a identidade, funcionando como uma espécie de arquivo ou narrativa pessoal que, ao ser relembrada, quando o egresso é levado a pensar, primeiramente, sobre sua experiência de trabalho após a formação, reafirma ou redefine o entendimento sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor. Sendo assim, fica mais fácil compreender que embora apenas 10 respondentes tenham se declarado desconectados de sua atividade profissional hoje, 40% deles também haviam afirmado, anteriormente, que assim que saíram para o mercado em busca de trabalho na área das ciências sociais, foram frustrados e iniciaram a trajetória profissional em outra área, como já vimos em vários relatos segue mais um: “Tive que ir para a área de urbanismo para trabalhar enquanto sociólogo e cientista social”.

É também compreensível que aqueles que seguem por anos na formação pós-graduada construam, coletivamente, identidades e memórias interligadas. Vemos que a memória é essencial na formação da identidade, mas também influencia as interações sociais e culturais. Não são apenas reconstruções pessoais, mas também estão imersas em um contexto cultural e social na qual estão envolvidas:

“As ciências sociais contribuíram muito com minha vida cotidiana, com minha visão de mundo, mas sigo desempregada” (Mulher, sem trabalho).

O mercado para cientista social faz mais de uma década abriu oportunidades para atuação em projetos de infraestrutura e meio ambiente, gestão de pesquisas sociais para licenciamento ambiental, projetos de cooperação internacional Brasil, com PNUMA USAID, França, OCTA e outros (onde eu atuo faz mais de 15 anos), fundações públicas e privadas. Eu nunca tive pretensão de ser docente ou professor porque fui pai aos 22 anos e tive que trabalhar desde os 21 anos, mas planejei os campos do saber que gostaria de atuar, direitos humanos, meio ambiente, gestão executiva e me preparei (Homem, branco, sente-se conectado, trabalha na área).

Atualmente, o mercado de trabalho se abriu muito mais para o cientista social, tanto no funcionalismo público, como também em empresas privadas, especialmente as ligadas no terceiro setor.

Ainda instável, porém, acredito que as empresas privadas estão cada vez mais observando os cientistas sociais como profissionais importantes para seus quadros de funcionários.

Nos trechos acima, observamos que o curso tem uma avaliação positiva, com destaque para o valor da formação, que se refere ao conhecimento adquirido e à abertura do mercado de trabalho. Por isso, veem-se tantas posições diferentes nas falas dos egressos, os que experienciaram fatos positivos após formados têm

a tendência a valorizar o curso e mesmo o conteúdo de sua formação em oposição àqueles que vivenciaram dificuldades maiores de inserção no mercado ao término do curso. Esse aspecto identitário nos remete à concepção de Strauss, cujo valor do objeto não está nele próprio, mas na experiência da pessoa em relação a ele.

A desconexão que alguns egressos sentem com a área depois de formados, devido às dificuldades de se inserirem no mercado enquanto cientistas sociais pode ser também identificada:

Pesquisadores de mercado, por exemplo, que é o que eu faço de forma *freelance*, possuem diversos nomes diferentes, como *business intelligence*, por exemplo, e que por mais que apliquemos cotidianamente os conhecimentos e metodologias de pesquisa, com o tempo vamos perdendo a identificação com a profissão.

Como resultado, os egressos não representam um grupo homogêneo, ainda que tenham compartilhado o mesmo curso em diferentes épocas e contextos históricos, políticos e sociais vividos ao longo desses 30 anos. As identidades e memórias são também expressas nos saberes e fazeres do cotidiano ao longo do tempo, bem como, na relação com os demais alunos, corpo docente, enfim, com a vida universitária:

Se você for um aluno ruim e não aprender nada nas aulas de ciências sociais, você ainda vai aprender com seus colegas. Foi com eles que mais aprendi. (Homem, antropólogo, nunca sofreu discriminação)

Portanto, memória, em Strauss, é um processo ativo e social, envolvido na formação da identidade e na constante adaptação e renegociação de como o indivíduo entende e se posiciona em relação ao mundo e à sua história pessoal e coletiva. Embora Strauss não apresente uma definição de memória, ele destaca sua relevância ao afirmar que o foco na identidade pessoal “requer uma séria preocupação com as identidades partilhadas, coletivas, vistas através do tempo” (Strauss, 1999, p. 172). Para ele, a identidade tem a particularidade de nomear, classificar o eu e os outros, sendo transitória e não definitiva, de modo que o comportamento muda ao longo do tempo, como uma constante reavaliação de si e do outro.

Na tabela, a seguir, nota-se o predomínio de respondentes que acham o mercado de trabalho difícil, seja na academia ou fora dela, mas observa-se que, quanto menos o egresso investe em educação, mais desconectado ele se sente, visto que nem mesmo opinar sobre a facilidade ou dificuldade de inserção dos cientistas sociais mobilizou parte deles.

Tabela 2 – Visão do mercado de trabalho e a conclusão de pós-graduação na área

VISÃO MERCADO						
Fez alguma pós-graduação na área Ciências Sociais? Se sim, qual (is)?		Mercado de trabalho ainda difícil, mas acredito que deve melhorar.	MERCADO DE TRABALHO DIFÍCIL	Mercado de trabalho difícil fora da academia	NR	TOTAL
Doutorado em Antropologia	NA	0	9	1	3	13
	%	0,0%	11,0%	5,0%	15,0%	10,3%
Doutorado em Ciência Política	NA					
	%	75,0%	6,1%	5,0%	5,0%	7,9%
Doutorado em Ciências Sociais	NA	0	6	0	1	7
	%	0,0%	7,3%	0,0%	5,0%	5,6%
Doutorado em Sociologia	NA	0	12	4	2	18
	%	0,0%	14,6%	20,0%	10,0%	14,3%
Mestrado em Antropologia	NA	0	11	1	0	12
	%	0,0%	13,4%	5,0%	0,0%	9,5%
Mestrado em Ciência Política	NA	0	10	0	1	11
	%	0,0%	12,2%	0,0%	5,0%	8,7%
Mestrado em Ciências Sociais	NA	0	2	0	1	3
	%	0,0%	2,4%	0,0%	5,0%	2,4%
Mestrado em Sociologia	NA	1	2	7	1	11
	%	25,0%	2,4%	35,0%	5,0%	8,7%
Não fez nenhuma pós-graduação em área das Ciências Sociais	NA	0	24	6	10	40
	%	0,0%	29,3%	30,0%	50,0%	31,7%
NR	NA	0	1	0	0	1
	%	0,0%	1,2%	0,0%	0,0%	,8%
Total	NA	4	82	20	20	126
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Appiah (2016) tem uma abordagem à identidade, a partir da atribuição de rótulos. Isto é, o indivíduo pode incorporar múltiplos rótulos e pertencer a várias categorias, como ser trans, cientista social e pardo, ao mesmo tempo, entre outros. Esses rótulos podem mudar ao longo da trajetória de vida e, por conta da transitoriedade das identificações, são frequentemente contestados, o que torna as identidades sociais conceitos abertos e sujeitos a disputas, em vez de categorias fixas e imutáveis. Appiah enfatiza que a pertença a um grupo não se baseia apenas na vontade individual, mas também nas expectativas que o grupo nutre em relação a quem se identifica com ele; assim, essa identificação é de natureza normativa. Não se pode afirmar pertencimento a um grupo meramente por declaração; é imperativo corresponder às normas e valores estabelecidos. Quando se fala em “egressos”, não se está nomeando ou determinando uma identidade, mas sim, partindo dessa nomeação comum dada pela instituição. É a partir da análise das respostas dos entrevistados que se constata que estes se abrem para as autotagging ao longo do formulário e das entrevistas.

Não existe um caminho único sobre a denominação dos formados em ciências sociais; muitos egressos se denominam sociólogos, ou cientistas sociais, mas uma parcela (21,4%) se nomeia profissional na área de atuação, de acordo com sua atividade profissional e não pela sua área de formação na graduação.

Lembrando que minha ênfase no curso de ciências sociais foi em sociologia e que meu cargo efetivo é agente de desenvolvimento social, no atual trabalho não consigo me identificar como sociólogo, pois existem apenas pequenas nuances de um trabalho sociológico nessa atuação (Homem, fez pós em outra área, se sente desconectado).

Nessa parte, foi possível observar as diferentes identificações declaradas pelos entrevistados e entender a riqueza dessa pluralidade, pois não deixam também de ser negociações terminológicas que, por sua vez, fazem parte da constituição de fronteiras, de alteridades e identidades.

Tabela 3 – Autoidentificação enquanto profissional e relação com pós-graduação na área ciências sociais

Como você se identifica enquanto profissional? Você se sente um (a) cientista social (Antropóloga, Socióloga, Cientista Política) ou usa outra autonegação? * PÓS Ciências Sociais: Fez alguma pós-graduação na área Ciências Sociais? Se sim, qual (is)? Crosstabulation												
Fez alguma pós-graduação na área Ciências Sociais? Se sim, qual (is)?												
Como você se identifica enquanto profissional? Você se sente um (a) cientista social (Antropólogo (a), Sociólogo(a), Cientista Política) ou usa outra autonegação?											Total	
		Doutorado em Antropologia	Doutorado em Ciência Política	Doutorado em Ciências Sociais	Doutorado em Sociologia	Mestrado em Antropologia	Mestrado em Ciência Política	Mestrado em Ciências Sociais	Mestrado em Sociologia	Não fez pós-graduação na área das Ciências Sociais	NR	
Antropólogo(a)	Count	11	0	0	0	9	0	0	0	0	0	20
	% identificação profissional	55,00%	0,00%	0,00%	0,00%	45,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100%
Cientista Político(a)	Count	0	5	2	0	0	3	0	0	2	0	12
	% identificação profissional	0,00%	41,70%	16,70%	0,00%	0,00%	25,00%	0,00%	0,00%	16,70%	0,00%	100%
Cientista Social	Count	0	0	2	2	2	4	2	4	17	0	33
	% identificação profissional	0,00%	0,00%	6,10%	6,10%	6,10%	12,10%	6,10%	12,10%	51,50%	0,00%	100%
Sociólogo(a)	Count	0	2	3	16	0	2	1	2	7	1	34
	% identificação profissional	0,00%	5,90%	8,80%	47,10%	0,00%	5,90%	2,90%	5,90%	20,60%	2,90%	100%
Uso outra autonegação	Count	2	3	0	0	1	2	0	5	14	0	27
	% identificação profissional	7,40%	11,10%	0,00%	0,00%	3,70%	7,40%	0,00%	18,50%	51,90%	0,00%	100%
Total	Count	13	10	7	18	12	11	3	11	40	1	126
	% identificação profissional	10,30%	7,90%	5,60%	14,30%	9,50%	8,70%	2,40%	8,70%	31,70%	0,80%	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

ÁREAS	NA	2	0	2	1	2	7
	%	10,00%	0,00%	6,10%	2,90%	7,40%	5,60%
PROFESSOR (A)/ PESQUISADOR (A) UNIVERSI- DADE PÚBLICA	NA	2	3	5	5	2	17
	%	10,00%	25,00%	15,20%	15%	7,40%	13,50%
PROFESSOR(A) / PESQUISADOR (A) UNIVERSI- DADE/ FACUL- DADE PRIVADA	NA	1	0	1	2	1	5
	%	5,00%	0,00%	3,00%	5,90%	3,70%	4,00%
PROFISSIONAL LIBERAL (outra área): médico(a), advogado(a), de- fensor(a) pú- blico(a), gastrô- nomo(a), fisiotera- peuta, ator/atriz, cantor(a) etc	NA	1	0	2	0	2	5
	%	5,00%	0,00%	6,10%	0,00%	7,40%	4,00%
SEM TRABALHO	NA	1	1	0	1	0	3
	%	5,00%	8,30%	0,00%	2,90%	0,00%	2,40%
TRABALHO AUTÔNOMO ÁREA DIVERSA	NA	1	0	1	2	2	6
	%	5,00%	0,00%	3,00%	5,90%	7,40%	4,80%
TOTAL	NA	20	12	33	34	27	126

Fonte: Elaboração própria.

Acima, é possível ver que a autonegação como cientista social e como sociólogo(a) são as identidades que prevalecem; independentemente da situação laboral, elas revelam que o egresso tem como referência identitária inicial o curso de graduação em ciências sociais. Isto é, os egressos se identificam com esse curso e, depois, com a pós-graduação em sociologia. As identificações como sociólogo empatam

entre aqueles que não responderam à pergunta sobre ocupação e entre aqueles que estão na docência superior pública. Os que se nomeiam cientistas sociais apresentaram a mesma presença que os sociólogos no ensino superior público. Isso é coerente com o fato de a maioria dos respondentes se identificar mais com a formação em sociologia e as ciências sociais. Essas são algumas das questões que perpassam as tramas da formação e da profissionalização, dando visibilidade às identificações profissionais e como elas se movem da graduação para a pós-graduação e o mercado de trabalho

Uma constatação que já esperávamos encontrar é que a maioria dos egressos de ciências sociais investigados nesta pesquisa atua diretamente na área de formação ou em áreas correlatas. Assim, essa análise da ocupação laboral dos egressos em ciências sociais foi crucial para entender as condições que envolvem a inserção desses profissionais, contribuindo para a discussão sobre a adequação da formação acadêmica e a preparação para o mercado de trabalho. Isso reforça a pertinência da capacitação desses profissionais para o mercado de trabalho, como será abordado mais adiante.

Tabela 5 – Sentimento de conexão com a atividade laboral

O QUANTO VOCÊ SE SENTE CONECTADO (A)/ IDENTIFICADO(A) COM SUA ATIVIDADE LABORAL HOJE?						
VOCÊ CONCLUIU OUTRA GRADUAÇÃO EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR?		Conectado (a)/ Identificado (a)	Desconectado (a) / Não identificado (a)	Parcialmente Conectado (a) / Identificado (a)	Outro	TOTAL
NÃO	NA	66	10	44	1	121
	%	88,20%	90,00%	87,20%	100,00%	88,10%
SIM	NA	2	0	3	0	5
	%	2,90%	0,00%	6,40%	0,00%	4,00%
TOTAL	NA	68	10	47	1	126
	%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Quando os egressos na pesquisa foram levados a refletir sobre o quanto as ciências sociais contribuem/contribuíram para o trabalho que eles(as) realizam hoje, suas respostas revelam uma diversidade de sentimentos e experiências. Embora não componha a tabela acima, o questionário e as entrevistas qualitativas realizadas com egressos permitiram também compreender as contribuições que o curso teve para suas vidas, carreiras e visões de mundo.

Em geral, muitos estudantes destacam a importância da formação para o desenvolvimento do pensamento crítico, a ampliação da visão de mundo e a capacidade de analisar e compreender as complexidades sociais. Para alguns, a graduação foi fundamental em moldar sua identidade e valores, proporcionando uma lente por meio da qual eles exploram a realidade. Essa formação crítica é frequentemente mencionada como um diferencial em suas vidas pessoais e profissionais, mesmo em áreas não diretamente ligadas às ciências sociais.

2.4 A OPINIÃO DOS ALUNOS NO QUE DIZ RESPEITO AO MERCADO DE TRABALHO

Entretanto, há um contraste significativo nas opiniões sobre a inserção no mercado de trabalho. Muitos egressos mencionam a dificuldade em encontrar oportunidades adequadas que valorizem sua formação. Alguns consideram que, embora tenham desenvolvido habilidades valiosas, essas não se traduzem em empregos concretos. A falta de uma preparação mais prática para o mercado de trabalho é outra crítica recorrente nas manifestações. Vários relatos ressaltam a necessidade de uma discussão mais franca durante a graduação sobre as reais oportunidades disponíveis no campo profissional.

Além disso, muitos egressos apontam as experiências desafiadoras vivenciadas no ambiente acadêmico, como a relação entre orientadores e alunos e questões de assédio. Essas questões contribuem para um sentimento de desconforto em relação à saúde mental e à integração social, destacando o risco de isolamento que pode surgir ao sair da "bolha acadêmica".

Por outro lado, há relatos que enfatizam a valorização das vivências adquiridas tanto em termos de experiências práticas, como trabalhos voluntários em comunidades, quanto em atividades de pesquisa. Os egressos que seguiram carreiras acadêmicas

frequentemente reconhecem que a formação foi crucial para sua evolução e para a realização de pesquisas relevantes.

Em suma, as respostas dos egressos refletem a complexidade da experiência universitária, combinando um profundo apreço pela formação recebida em ciências sociais com uma crítica às barreiras enfrentadas no mercado de trabalho: "A faculdade se isola completamente, e se orgulha disso, do mercado de trabalho. Então saímos de lá com uma bagagem teórica linda, mas sem saber fazer nada na prática (Homem / não se autodenomina cientista social)."

Enquanto a formação é vista como essencial para a construção de um senso crítico robusto e uma compreensão mais profunda da sociedade, a dificuldade de inserção profissional e a necessidade de uma aproximação mais prática durante o curso permanecem como temas centrais nas reflexões dos ex-alunos. Essa dualidade ilustra a luta contínua entre o ideal acadêmico e as realidades do mundo profissional como pode-se observar nos trechos a seguir:

Extremamente instável e precário. Além disso, ele é em grande parte desconhecido pelos estudantes. Na época de minha graduação, não havia nenhum esforço por parte da UFSCar para inserir os alunos no mercado de trabalho. Fora da academia não existe mercado propriamente dito, a ausência de uma regulamentação não há uma profissão de cientista social definida. As funções/cargos são genéricas e abertas a qualquer formação (Homem, branco, Antropólogo, professor em universidade pública).

Instável, frágil e precário para os cientistas sociais fora da academia, sinto a falta de ferramentas para a atuação no mercado fora da academia, no mercado de trabalho brasileiro percebo uma certa invisibilidade, acho fechado, pouca inserção de cientista social no mercado, percebe-se certo distanciamento da profissão para quem trabalha fora da academia (Mulher, branca, se identifica como socióloga, não trabalha na área atua na área artística).

Os ex-alunos respondentes da pesquisa, que expressaram uma relação benéfica da sua trajetória profissional e a formação em ciências sociais, foram os que, majoritariamente, seguiram na carreira, atuando na academia, com pesquisa e ensino na universidade.

Vale frisar o descontentamento com o *status quo* das ciências sociais no mercado de trabalho, notadamente, extramuros da universidade, tido como pouco afeito a receber os formados em ciências sociais, ora por não entender o potencial de atuação deste profissional, ora por não encontrar neste profissional as condições necessárias (ferramentas técnicas e competências comportamentais) para empregar tal profissional

em seus espaços de trabalho.

Estes são alguns dos posicionamentos dos egressos em relação ao curso de bacharelado em ciências sociais da UFSCar. Foram sugeridas mudanças para implantar no curso, a licenciatura foi muito lembrada no sentido de preparar os alunos para um mercado de trabalho competitivo:

A questão de não ter a possibilidade de licenciatura é bem ruim, pois restringe as possibilidades de atuação, principalmente para as pessoas que não seguiram na pós-graduação. (Mulher, branca, com doutorado, atua na área).

Gostaria de destacar que a graduação da UFSCar tem um agravante, que é a FALTA DA OFERTA DE LICENCIATURA para seus estudantes. A melhor oportunidade de trabalho, que é o mercado de educação, nos é tirada por pura vaidade dos professores. É uma demanda histórica do movimento estudantil das ciências sociais e mesmo assim, fomos contínua e reiteradamente ignorados e silenciados (Homem branco, identifica-se como sociólogo e trabalha com arteterapia).

Passei em um concurso no último semestre da graduação, então nunca fiquei desempregado, mas observo que muitos colegas precisaram complementar a formação com a licenciatura ou fazer uma pós-graduação para conseguir alguma inserção no mercado de trabalho. Acredito que a licenciatura seja fundamental. Além disso, **atualmente, enquanto presto concursos na área de ciências sociais**, percebo que a parte de métodos de pesquisa é pouco explorada na graduação. Ferramentas importantes de análise de dados e elaboração de gráficos mais complexos a gente não aprende.” (Homem, técnico judiciário, relata desconexão com sua prática laboral, grifos nossos).

Esses depoimentos revelam percepções distintas sobre as limitações do campo de trabalho para cientistas sociais, mesmo entre aqueles que atualmente estão empregados. Os dois primeiros egressos atuam diretamente na área de ciências sociais; o terceiro é servidor público do Judiciário, embora busque sua reinserção na área por meio de concursos.

Essas passagens revelam uma memória dos entrevistados que enfatiza a necessidade de maior acolhimento e atenção no curso, para aqueles que querem usufruir de oportunidades de trabalho relacionadas, por exemplo, à licenciatura. Também evidenciam uma tensão entre o ideal formativo da área e as condições concretas de empregabilidade, o que aponta para um descompasso entre a formação acadêmica e as demandas do mercado de trabalho contemporâneo.

A graduação (2008-2011) pouco ou nada reflete o mercado de trabalho. Há nenhum ou quase nulo o preparo que há no DS (Departamento de Sociologia) e DCSO (Departamento de Ciências Sociais) UFSCar para uma vida profissional fora da carreira acadêmica. Não há disciplinas atualizadas com os *softwares* em

uso, não há disciplinas sobre o trabalho que CSo desempenham atualmente no mercado de trabalho etc. (Homem, branco, empresário, identifica-se como sociólogo).

A academia é tão afastada do mercado de trabalho que eu não tinha nem noção de onde poderia trabalhar. Essa é uma frustração enorme que tenho com o curso na UFSCar, ele preparou exclusivamente acadêmicos, deixando de lado o mercado de trabalho como algo até inferior, na visão acadêmica. Quando fui para o mercado, tudo o que foi cobrado de mim em entrevistas, como algo corriqueiro de ferramental para um cientista social, eu jamais havia ouvido falar (Homem, pardo, trabalha fora da área das ciências sociais).

Difícil, por uma dificuldade de entendimento do campo sobre quais são as possibilidades, falta um posicionamento, inclusive do ponto de vista da adoção de tecnologias e metodologias mais práticas que dificultam a inserção e exigem formação complementar. (Homem, pardo, trabalha na área das ciências sociais, mas pretende, daqui a 5 anos, trabalhar como concursado fora da área).

Assim como há uma grande concordância de que a graduação não tem interesse em preparar os alunos para atuar profissionalmente no mercado de trabalho em área que não seja o ensino e a pesquisa acadêmica. Muitos egressos expressaram que sentem no conteúdo do curso elementos que os capacitam para inúmeras tarefas, mas o mercado restringe essas oportunidades selecionando graduados em outras áreas de formação:

Percebo um mercado de trabalho "escasso", com pouquíssimas vagas de emprego para o cargo de sociólogo, antropólogo ou cientista político) e que, portanto, é instável e frágil. Não por falta de demanda na sociedade, mas por falta de uma sociabilidade que valorize e priorize a profissão. Um exemplo é "vigilância" em políticas públicas, que apesar de ser prevista em diversas políticas (como no SUS), (Mulher, branca, assistente social).

Sociólogos, antropólogos e cientistas sociais são profissionais qualificados podem trabalhar com indicadores sociais e com a vigilância em saúde, por exemplo. Embora sejam poucas as prefeituras com cargos específicos para sociólogos, antropólogos e cientistas políticos em diversos espaços da política de assistência, um cientista social faria diferença, pois realmente percebo uma habilidade singular para analisar a realidade social. Uma habilidade que foi aprendida e desenvolvida na graduação, ou seja, uma especialidade (Mulher, trabalha em área da assistência social, se sente cientista social).

Esse processo de negociação entre expectativas e realidade, identidade e memória, ajuda a explicar a dinâmica da relação entre o egresso e o campo profissional, sendo reflexo das mudanças sociais e das transformações pessoais que acompanham a trajetória de cada indivíduo, bem como de seu entorno e da sociedade. As evidências empíricas da pesquisa apresentadas nessa tese revelam que o processo de escolarização mais longo e desenvolvido no ambiente universitário do *campus* é bastante significativo para os egressos, indo além do fornecimento de uma credencial para o exercício de uma

profissão. Assim, um longo processo de escolarização pode ser mais amplo do que o aprendizado de um *ofício per se* e o fornecimento de uma “credencial” para determinada profissão. Isso significa que o curso de ciências sociais da UFSCar exerceu, sobre a maioria dos alunos formados, um impacto positivo nas categorias de pensamento e julgamento e, conseqüentemente, nas ações e interações sociais desses sujeitos. Esse reconhecimento, independe da trajetória profissional e da ocupação laboral do egresso estar ou não relacionada à atuação específica na área. Conforme os dados transcritos mostram, as narrativas dos egressos elaborando a memória a respeito do curso têm uma dimensão coletiva.

Assim, uma construção social mais ampla sobre as ciências sociais da UFSCar vai sendo tecida. A memória resgatada por cada egresso que participou da pesquisa permitiu-lhe ampliar seu espectro de reflexão acerca da sua vida e trajetória, trazendo maior clareza à sua identidade nestes espaços.

Essas interações com outras pessoas se entrecruzam e geram formas de identificar-se com o que conhecemos como *self*.

3 ENTENDENDO QUEM SÃO OS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCAR

Neste capítulo, analisaremos os egressos de ciências sociais da UFSCar em dois momentos: o primeiro corresponde a um panorama do ingresso e da saída da universidade, do tempo médio de conclusão da graduação, das formas de ingresso via vestibular, entre outros. Num segundo momento, analisaremos os dados do egresso após a conclusão da graduação; trata-se de um dado primário e de uma base menor, visto que o meio de comunicação com este egresso dependeu do registro de um e-mail válido, além da disponibilidade do egresso para participar da pesquisa. Então, na primeira parte, foram detalhadas as variáveis que constam no banco da DIGRA e a forma como esses dados foram trabalhados; na segunda parte, são detalhadas a pesquisa enviada no GForms e as entrevistas.

3.1 OS EGRESSOS SEGUNDO REGISTROS DA DIGRA

No capítulo anterior, detalhamos as variáveis que constam no banco da DIGRA e a forma como esses dados foram disponibilizados. Neste subcapítulo vamos apresentar as frequências simples dos dados de perfil dos egressos e alguns cruzamentos entre as variáveis.

Embora as profissões das ciências sociais não sejam novas, elas se expandem ou retraem conforme as diretrizes políticas. Foi assim com os governos militares e de direita, assim como com governos com clivagens mais inclusivas. Nestes últimos, o próprio mercado de atuação na área expandiu-se com a inclusão da disciplina de sociologia como obrigatória no ensino básico e com a expansão da educação no nível superior no período dos governos Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016)¹¹. Além da expansão universitária, esses governos deram continuidade ao Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), criado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso em 1999 e ampliado em 2010.¹²

¹¹ Esses governos colocaram em andamento programas como: Universidade para Todos (Prouni), Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), Expansão Fase I (Expandir) e Universidade Aberta do Brasil (UAB).

¹² Nesse período, segundo dados oficiais do ensino superior tinha em 2003 antes dos programas educacionais 121.455 vagas e 2.393 cursos. No ano de 2007 estes números saltaram para 155.040 vagas e 3.030 cursos, segundo dados do MEC/INEP. (<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos>). Acesso em: 18 abr.2025.

Somado a isso, os investimentos em pesquisa científica e deslocamento de pesquisadores por vários países ampliaram a influência das ciências sociais no campo científico, muito embora essa expansão universitária e deslocamento de pesquisadores brasileiros por vários países tenha um fundo retórico de democratização do acesso à educação superior e, segundo alguns autores, esconde, na verdade, um plano de privatização gradual das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e de vantagens aos empresários do ensino privado sobre os temas da sociedade (Leher, 2010). O fato é que essa ampliação contribuiu para a criação de cursos de ciências sociais e a absorção de formados pelo mercado de trabalho. Por outro lado, em governos com orientação política oposta a essa, as ciências sociais retroagiram, como no mandato presidencial de Jair Messias Bolsonaro, que elegeu a educação pública superior como ‘inimigo número um’ em uma guerra cultural-ideológica, em especial contra as ciências humanas, filosofia e ciências sociais. (Silva; Ribeiro; Andrade, 2022)

... não vai ser linear porque nada daqui pra frente é, assim como não foi até aqui, teve uma pandemia no meio do caminho, um presidente no meio do caminho (Cientista política, empregada na área).

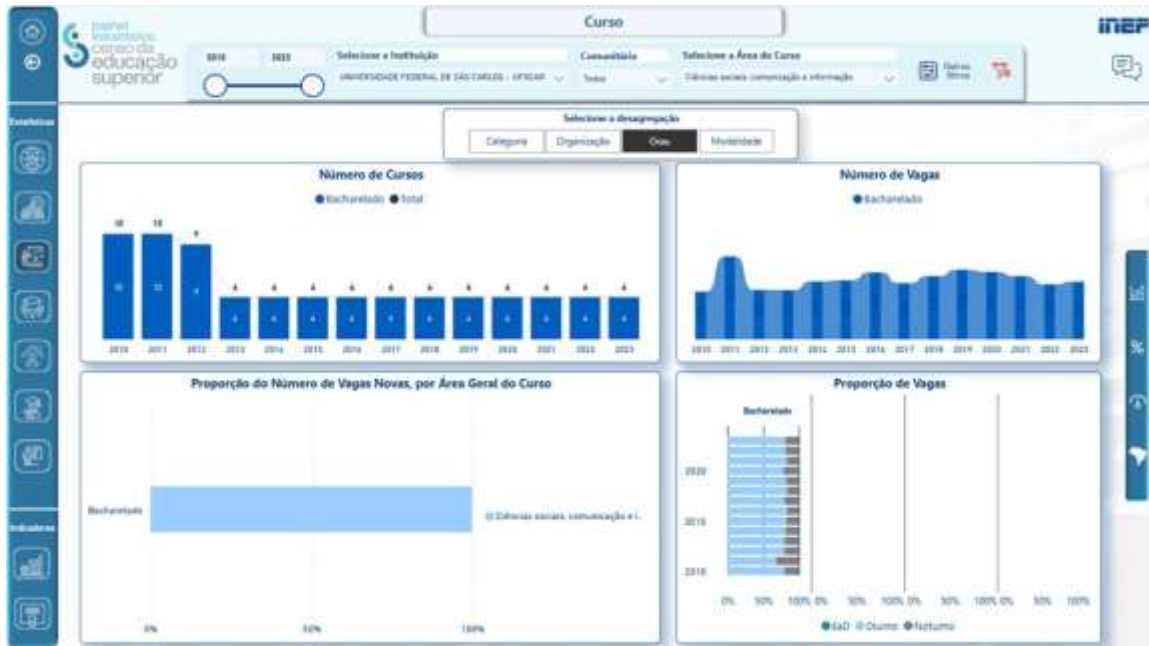
É muito ruim, eu hoje não faria ciências sociais, pois sofri muito para chegar até aqui, especialmente no governo Bolsonaro, pois não havia concursos, bolsas, nada! Amo o que faço, mas seria professora de algo mais leve se fosse optar, como Química, Educação Física e outras áreas que têm pesquisa na universidade e contam com mais apoio do governo, tanto em âmbito federal quanto estadual (Mulher, branca, nomeia-se cientista social é professora/pesquisadora em universidade pública, grifo nosso).

Penso que há uma desvalorização geral, que não é apenas dessas áreas, mas do pensamento crítico e das humanidades em geral, devido a todo o processo político e social pelo qual temos passado pelo menos nos últimos 11 anos de modo, mais drástico. Nesse contexto, penso que o mercado para o cientista social é, essencialmente, instável, frágil e precário, pois só há segurança de fato em instituições públicas de ensino superior e em cargos públicos, e esses não dão conta nem de uma fração mínima dos egressos dos cursos superiores. (Homem, branco, mestre em antropologia, usa outra nomeação profissional, não trabalha na área, sente-se desconectado, grifo nosso).

Esses relatos evidenciam não apenas as dificuldades materiais enfrentadas pelos egressos das ciências sociais, mas também uma tensão recorrente entre a vocação e a viabilidade profissional. A combinação entre políticas públicas instáveis, cortes de financiamento e valorização desigual entre áreas do conhecimento contribui para um cenário de incerteza quanto às possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Ainda que a formação seja reconhecida pelos próprios egressos como fundamental para a

construção de uma visão crítica de mundo, ela não garante, por si só, uma trajetória profissional sólida, o que reflete os limites estruturais da valorização das ciências humanas no Brasil contemporâneo.

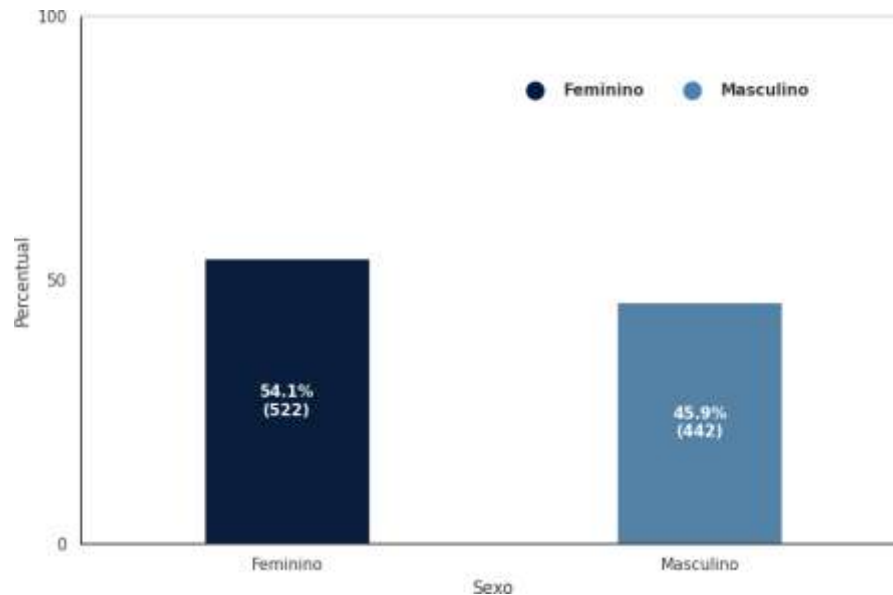
Figura 6 – Número de cursos e de vagas da área das ciências sociais, comunicação e informação da UFSCar



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2024.

Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) reforçam que as ciências sociais estão inserida em um campo em disputa, marcado pela diversificação de ofertas, pela sobreposição de modelos formativos e pela redefinição de identidades profissionais e que compreender a trajetória dos egressos da UFSCar exige também considerar os efeitos mais amplos das políticas educacionais. Essas transformações no ensino superior e as reconfigurações no próprio campo das ciências sociais no Brasil também podem ser observadas nos dados da DIGRA apresentados abaixo.

Gráfico 1 – Sexo do Egresso



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

*A nomenclatura da DIGRA especifica sexo e não gênero.

Na planilha da DIGRA, a informação disponível sobre gênero limita-se às categorias "feminino" e "masculino". Não há outras opções de resposta disponíveis para os alunos, o que impossibilita a análise comparativa ao longo do tempo, baseada na autodeclaração de gênero de forma mais inclusiva, por meio de autoclassificação da variável gênero.

Alguns esclarecimentos são importantes sobre a trajetória dessa formação superior na UFSCar. No Brasil, em grande parte dos cursos de ciências sociais, desde a entrada do estudante na graduação, é exigida a frequência a uma gama diversificada de disciplinas, a maioria delas nas áreas de sociologia, antropologia e ciência política. Algumas universidades oferecem, nos últimos semestres, a opção de especialização em uma dessas três áreas. Na UFSCar, somente a partir da matriz curricular do primeiro semestre de 2005 as especializações em áreas puderam ser realizadas. Assim, a partir de 2008, os egressos tiveram essa ênfase curricular, de modo que poderiam optar por uma formação específica em uma das três áreas que compõem as ciências sociais.

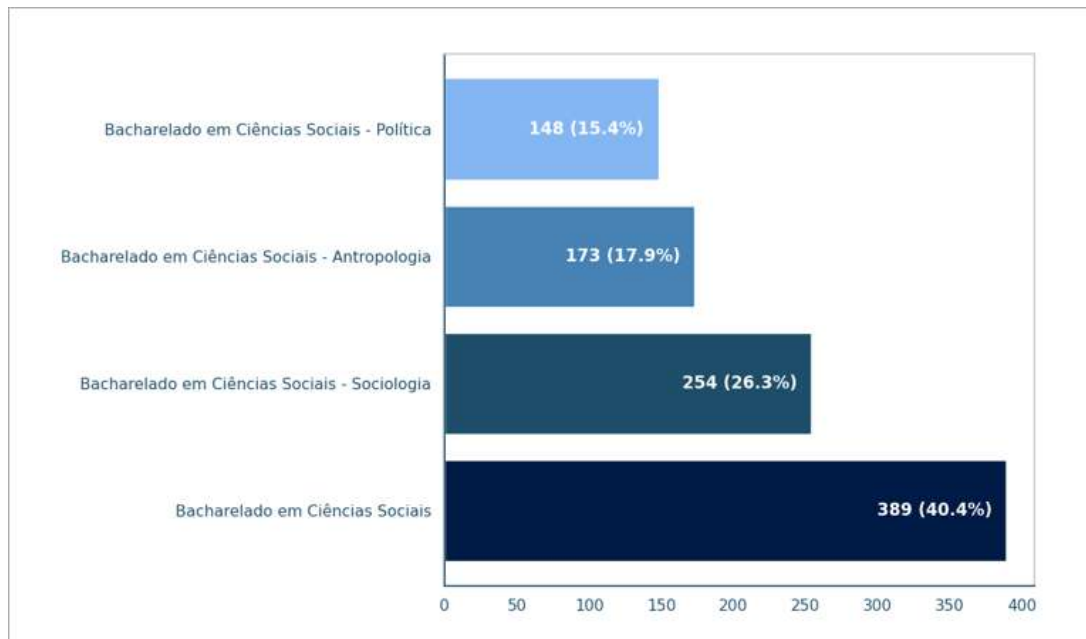
Para entender o termo 'cientistas sociais' aqui empregado insistentemente, penso ser importante esclarecer que, antes de 2005, o curso de bacharelado em ciências sociais

da UFSCAR formava cientistas sociais. Em 2005, o curso criou as áreas de concentração - antropologia, ciência política e sociologia - que são definidas pelo aluno a partir do terceiro ano. O diploma continua sendo de bacharel em ciências sociais, mas agora os alunos podem fazer a formação em mais de uma, ou até nas três áreas, ao longo do curso, que ficam registradas no histórico escolar.

Isso tem estimulado a identificação dos alunos com a delimitação dessas áreas, seja pela existência de Programa de Pós-graduação na UFSCar, em antropologia, ciência política e sociologia, seja como profissões com código na Classificação Brasileira das Ocupações (CBO): antropólogo CBO 2511-05, cientista político CBO 2511-15 e sociólogo CBO 2511-20.

Os bacharéis em ciências sociais também podem fazer parte da categoria ocupacional Pesquisadores em Ciências Sociais e Humanas – CBO: 2035-05. Mantivemos, na tese, a denominação de ‘cientistas sociais’ a todos os egressos até o capítulo em que se analisam as respostas dos entrevistados sobre sua autoclassificação, tratando da questão das identidades. Desta forma, essa tese parte da nomeação de ‘cientistas sociais’ a partir do curso de ciências sociais; no entanto, com a análise das respostas dos entrevistados, abrimos espaço para as autoclassificações que encontramos no retorno do formulário e nas entrevistas qualitativas, a partir de como os egressos se reconhecem e se apresentam publicamente. Assim, o enfoque vai da nomeação atribuída pelos critérios oficiais, sejam do curso, da CBO ou dos censos, para a identificação manifestada pelo egresso. Isso significa a abertura para outras percepções, inclusive a da desidentificação com o título atribuído pelo curso. As diferenças na oferta de cursos de licenciatura e de bacharelado em ciências sociais influenciam os caminhos a serem seguidos pelos estudantes na inserção no mercado de trabalho, mas não impedem que os licenciados busquem a carreira acadêmica - mesmo tendo mais possibilidades de lecionar no ensino básico - e nem que os bacharéis busquem outras vias de profissionalização além da pós-graduação *stricto sensu*.

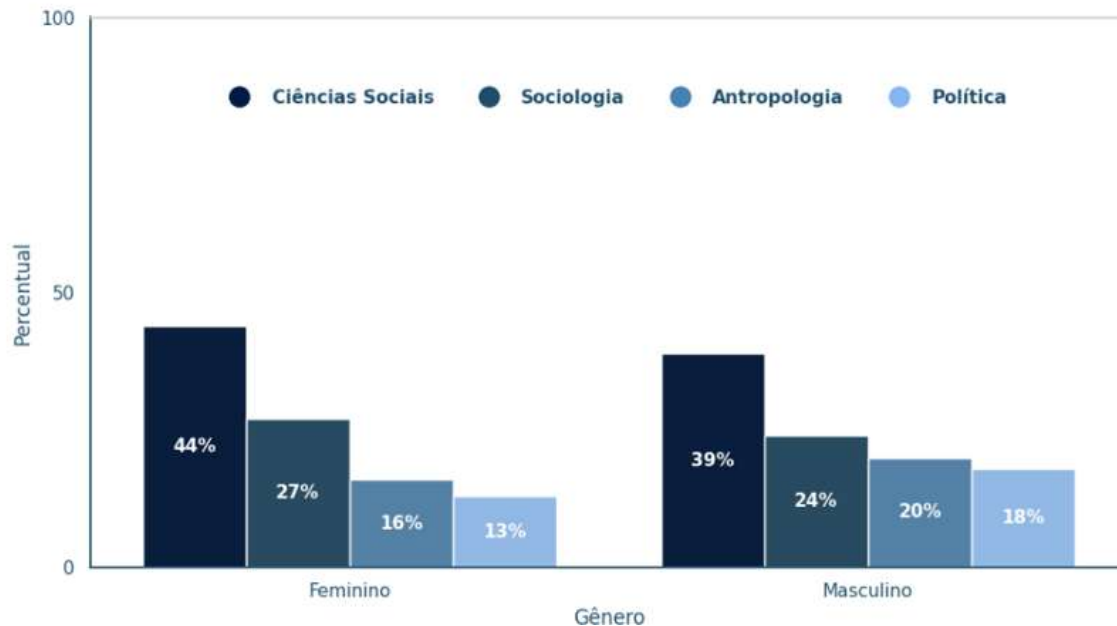
Gráfico 2 - Opção curricular do egresso (Especialização)



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

No gráfico 2, fica mais fácil visualizar as opções curriculares dos egressos e egressas. Claro, não é possível supor qual opção escolheriam os 389, ou 40,4% do total de egressos, formados pelas matrizes entre 1991 e 1996. Porém, dentre os 58% dos alunos que puderam optar, se retirarmos os bacharéis em ciências sociais, teremos a proporção de 44% que escolheram a sociologia como área de especialização. A antropologia ficou com 30% das opções e a ciência política, com 26% da escolha dos alunos das ciências sociais da UFSCar.

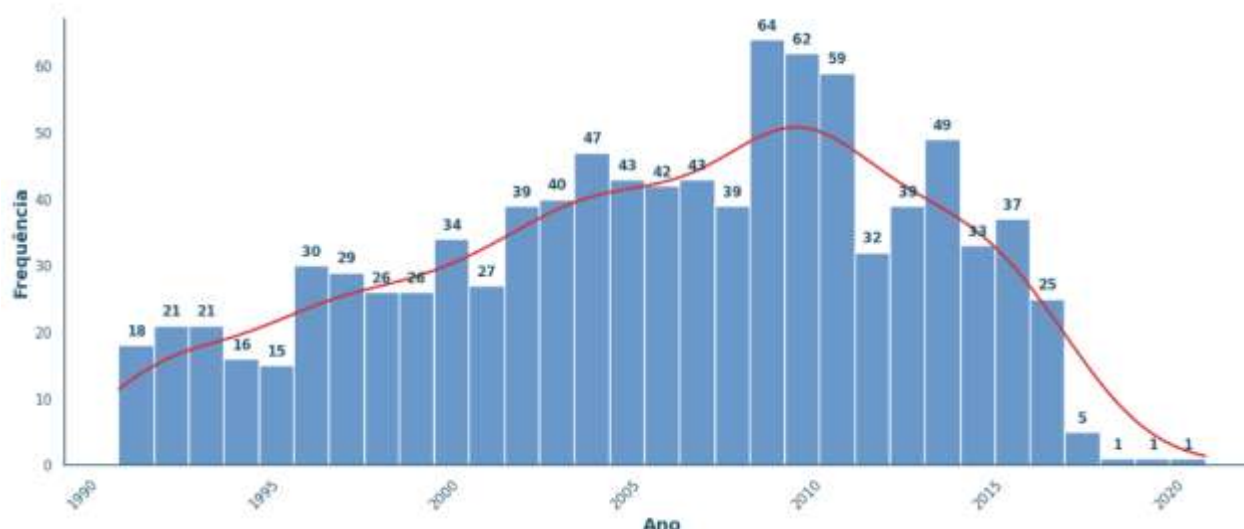
Gráfico 3 – Opção curricular segundo sexo



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O gráfico mostra a distribuição das especializações escolhidas pelos egressos do curso de ciências sociais, por sexo. Observa-se que ciências sociais, enquanto área ampla, é a categoria mais frequente entre ambos os gêneros — 44% entre as mulheres e 39% entre os homens, o que está relacionado ao fato que já relatamos de que, antes da matriz curricular de 2005/1, não eram feitas escolhas por áreas específicas. Assim, as ciências sociais destacam-se em relação às demais. Entre as especializações, a sociologia é a mais escolhida, com 27% entre as mulheres e 24% entre os homens. A antropologia e a ciência política aparecem com proporções menores e relativamente próximas entre si, sendo que a política é a menos frequente entre as mulheres (13%), enquanto, entre os homens, a antropologia (20%) e a política (18%) apresentam distribuição bastante equilibrada.

Gráfico 4 – Número de alunos(as) ingressos (as) por ano



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O gráfico apresenta a frequência anual de ingressantes do curso de bacharelado em ciências sociais da UFSCar, desde 1994, quando saiu a primeira turma de formandos. Vê-se que, entre 2008 e 2011, aproximadamente 23% dos estudantes que se matricularam concluíram o curso.

A influência das diretrizes políticas, que tanto expandem quanto retraem as vagas de ingresso e as oportunidades no mercado conforme o contexto político e as políticas públicas adotadas no período. Esse crescimento no número de ingressantes nesse período coincide com o momento de consolidação das políticas públicas voltadas à democratização do acesso ao ensino superior já mencionadas anteriormente. Esse conjunto de reformas estruturais no campo da educação superior, muito embora ampliasse o acesso, foi identificado como uma contrarreforma do ensino superior por autores críticos (Mancebo, 2013, p. 17; Sguissardi, 2009, p. 873).

Observemos, na tabela a seguir, o desempenho de todos os ingressantes no curso de ciências sociais da UFSCar. E, em seguida, separaremos por décadas e compararemos o desempenho entre elas.

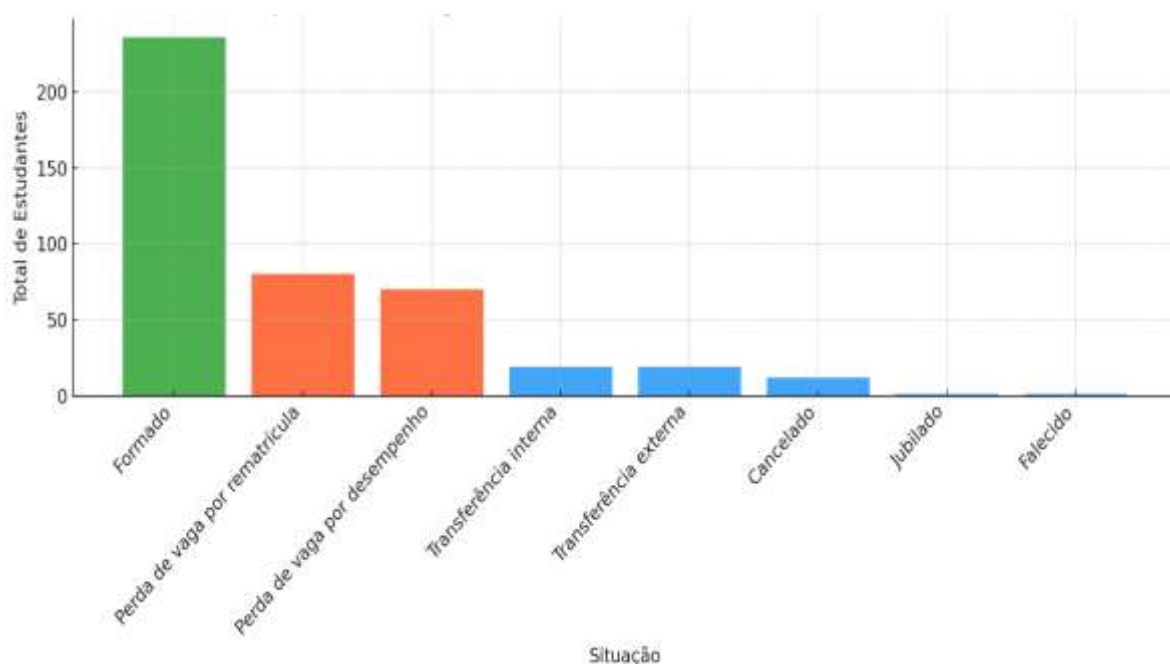
Tabela 6 – Situação do ingressante em ciências sociais por ano e semestre de ingresso no curso

Ano Ingresso → Status ↓	1991/ 1	1992/1	1992/2	1993/1	1994/1	1994/2	1995/1	1996/1	1997/1	1998/1	1998/2	1999/1	1999/2	2000/1	Total
Cancelado	1	1	0	0	1	0	3	0	1	2	0	0	0	3	12
Falecido	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Formado	18	21	0	21	16	0	15	30	29	22	5	26	0	34	236
Jubilado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Perda de Vaga Desempenho Mínimo	5	3	0	15	13	0	8	9	3	3	1	5	1	4	70
Perda de Vaga Rematricula	13	14	1	3	7	1	7	4	5	8	5	5	2	5	80
Transferência Externa	2	1	0	2	4	0	4	0	2	1	1	1	0	1	19
Transferência Interna	0	0	0	1	3	0	0	1	0	6	4	1	3	0	19
Total	39	41	1	42	44	1	37	44	40	42	16	39	6	47	438

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria

Entre os 438 estudantes que ingressaram no curso de ciências sociais da UFSCar na década de 1990, pouco mais da metade (53,9%) concluiu a formação. A evasão, no entanto, assume proporções significativas, sendo majoritariamente vinculada à perda de vaga por rematrícula (18,3%) e ao desempenho acadêmico insuficiente (16,0%). Esses dados sugerem dificuldades na permanência estudantil ao longo do curso, possivelmente associadas a fatores como a rigidez curricular, a ausência de políticas de apoio e desafios socioeconômicos. Casos de transferência (8,6% no total) e cancelamentos (2,7%) indicam também movimentações institucionais que merecem maior compreensão. O número residual de jubilaamentos e falecimentos (0,2% cada) indica pouca incidência desses desfechos mais excepcionais. A análise por década, a ser apresentada na sequência, permitirá avaliar a evolução desses padrões ao longo do tempo.

Gráfico 5 – Situação final dos ingressantes em ciências sociais (1991-2000) - UFSCar



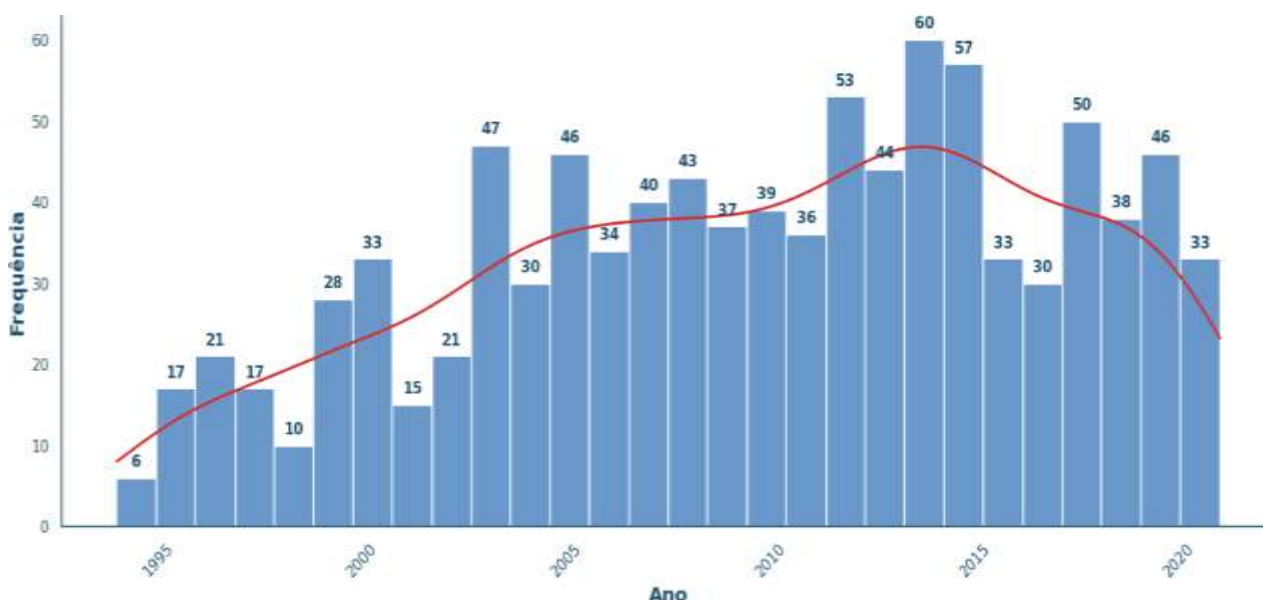
Legenda: Formados (em verde), Perdas de vaga (em laranja) e outras situações (em azul claro).

Tabela 7 – Formados anualmente pelo curso de ciências sociais da UFSCar

ANO	N	%
2014	60	6,2
2015	57	5,9
2012	53	5,5
2018	50	5,2
2003	47	4,9
2020	46	4,8
2005	46	4,8
2013	44	4,6
2008	43	4,5
2007	40	4,1
2010	39	4,0
2019	38	3,9
2009	37	3,8
2011	36	3,7
2006	34	3,5
2021	33	3,4
2016	33	3,4
2000	33	3,4
2017	30	3,1
2004	30	3,1
1999	28	2,9
2002	21	2,2
1996	21	2,2
1997	17	1,8
1995	17	1,8
2001	15	1,6
1998	10	1,0
1994	6	,6
Total	964	100%

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Gráfico 6 – Número de alunos(as) egressos (as) por ano



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Observa-se uma tendência geral de aumento no número de formados desde a criação do curso, com um aumento expressivo entre 2012 e 2015, concentrando, em três anos, 22,2% de todos os concluintes do curso no período analisado. Essa concentração pode ser interpretada como um reflexo direto do gráfico anterior com dados de ingresso no curso.

A seguir, três tabelas relacionam o ano de ingresso e o ano de conclusão, separando os dados em três décadas: Década 1 (Ingressos entre 1991 e 2000); Década 2 (Ingressos entre 2001 e 2010) e Década 3 (Ingressos entre 2011 e 2021) para uma visualização mais elucidativa. Em um resumo geral temos a seguinte distribuição de egressos por década:

Tabela 8 – Década 1: Relação entre ingressos e egressos (1991-2000)

Ano Egresso → Ano Ingresso ↓	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Total
1991	6	6	4	1	0	0	0	0	1	0	0	0	18
1992	0	11	2	4	3	1	0	0	0	0	0	0	21
1993	0	0	14	4	0	0	3	0	0	0	0	0	21
1994	0	0	1	8	2	2	2	0	0	1	0	0	16
1995	0	0	0	0	5	4	3	2	0	1	0	0	15
1996	0	0	0	0	0	21	3	3	1	2	0	0	30
1997	0	0	0	0	0	0	22	2	2	2	1	0	29
1998	0	0	0	0	0	0	0	8	4	11	3	0	26
1999	0	0	0	0	0	0	0	0	13	6	2	5	26
2000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24	8	2	34
Total	6	17	21	17	10	28	33	15	21	47	14	7	236

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Nesse primeiro decênio do curso de bacharelado em ciências sociais, o tempo médio de conclusão da graduação entre os ingressantes (1991-2000) foi de aproximadamente 4,5 anos, ou seja, um ano e meio além do tempo mínimo de integralização (geralmente de 3 anos e meio a 4 anos em cursos de ciências sociais).

Há uma tendência de aumento do tempo de conclusão nas turmas mais recentes desse decênio, especialmente a partir de 1997, quando os concluintes começam a se concentrar entre 5 e 6 anos após o ingresso.

Esse dado pode indicar maior evasão temporária, trancamentos, ou dificuldades na trajetória estudantil (possivelmente relacionadas à estrutura curricular, recursos institucionais, ou perfil dos ingressantes).

O pico de tempo médio ocorre em 1999 (5,5 anos), podendo estar relacionado a mudanças estruturais na universidade ou no curso.

Analisando a relação entre ingressos e egressos entre 2001-2010 o tempo médio de conclusão do curso no decênio (2001–2010) utilizando o método de análise da diferença entre ano de ingresso e ano de conclusão, ponderado pelo número de concluintes

observamos que o tempo médio de conclusão no decênio 2001–2010 caiu levemente para 4,2 anos, em comparação com os 4,5 anos do decênio anterior.

Os ingressantes de 2001 a 2004 formaram-se em média entre 3 e 4 anos, sugerindo uma trajetória mais linear e regular no início da década, já a partir de 2005, há um aumento gradual no tempo médio de conclusão, com destaque para 2009 e 2010, cujos tempos médios ultrapassam 5 anos.

Isso pode indicar que, embora o curso tenha se consolidado institucionalmente, surgiram novos desafios de permanência estudantil (como mudanças de perfil dos estudantes, inserção no mundo do trabalho, ou estrutura curricular mais densa).

A curva de tempo de conclusão permanece ascendente ao longo da década, o que sugere que o curso ainda enfrenta dificuldades para garantir a integralização no prazo ideal.

Tabela 9 – Década 2: Relação entre ingressos e egressos (2001- 2010)

Ano Egresso → Ano Ingresso ↓	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2018	TOTAL
2001	15	11	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	27
2002	1	27	9	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	39
2003	0	1	24	7	4	3	1	0	0	0	0	0	0	0	40
2004	0	0	0	32	10	3	2	0	0	0	0	0	0	0	47
2005	0	0	0	0	28	9	4	1	0	1	0	0	0	0	43
2006	0	0	0	0	0	22	12	3	3	2	0	0	0	0	42
2007	0	0	0	0	0	0	19	10	8	4	1	1	0	0	43
2008	0	0	0	0	0	0	1	19	16	1	1	1	0	0	39
2009	0	0	0	0	0	0	0	3	25	18	14	4	0	0	64
2010	0	0	0	0	0	0	0	0	1	18	24	16	2	1	62
Total Egressos	16	39	34	40	43	37	39	36	53	44	40	22	2	1	446

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O tempo médio de conclusão se mantém relativamente estável em torno de 4,2 a 4,4 anos para as coortes de 2011 a 2017; a partir de 2018, os dados não são suficientes para estimar um tempo médio completo, pois os ciclos ainda não se encerraram e, ademais, tivemos um período

pandêmico de pausa das atividades no geral.

Tabela 10 – Década 3: Relação entre ingressos e egressos (2011- 2021)

Ano Egresso → Ano Ingresso ↓	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
2011	19	20	15	3	2	0	0	0	59
2012	1	14	10	2	5	0	0	0	32
2013	0	1	6	16	12	2	2	0	39
2014	0	0	0	9	23	14	3	0	49
2015	0	0	0	0	4	10	17	2	33
2016	0	0	0	0	2	10	15	10	37
2017	0	0	0	0	1	2	7	15	25
2018	0	0	0	0	0	0	0	5	5
2019	0	0	0	0	0	0	1	0	1
2020	0	0	0	0	0	0	1	0	1
2021	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Total	20	35	31	30	49	38	46	33	282

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Quando comparamos os decênios entre si observamos que:

Tabela 11 – Tempo médio de conclusão estimado conforme período

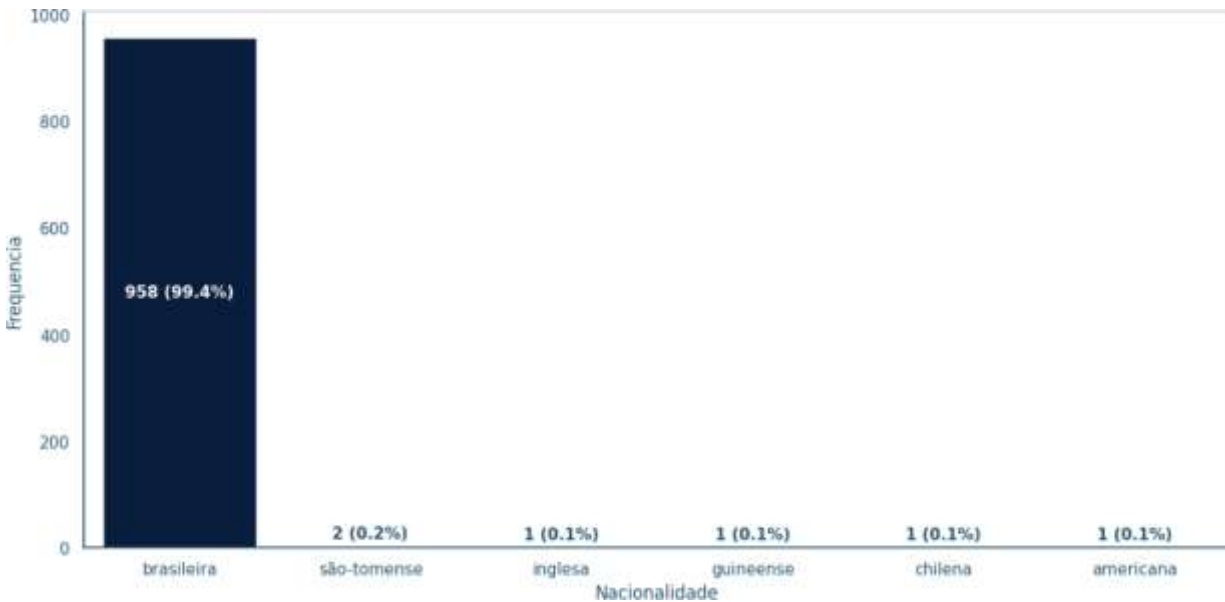
Período	Tempo Médio Estimado	Total de Egressos	Tendência Observada
1991–2000	4,5 anos	236	Instabilidade inicial, alta variabilidade.
2001–2010	4,2 anos	446	Redução do tempo médio, maior previsibilidade.
2011–2021	4,3 anos	282	Estabilidade com leve aumento recente.

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Observa-se que, ao longo das três décadas analisadas (1991–2021), o tempo médio de conclusão do curso de ciências sociais na UFSCar passou por uma trajetória de estabilização. Enquanto o primeiro decênio se caracterizou por altas variações e tempos mais longos de integralização (4,5 anos), a década seguinte indicou avanços institucionais com a redução do tempo médio para 4,2 anos. Já no último período, de 2011 a 2021, os dados revelam uma estabilidade em torno de 4,3 anos, ainda que com um discreto crescimento no tempo médio nas

coortes mais recentes. Este dado pode estar relacionado a novos desafios enfrentados pelo ensino superior público, como a retração de políticas de permanência, mudanças no perfil discente e os efeitos acumulados da pandemia de COVID-19.

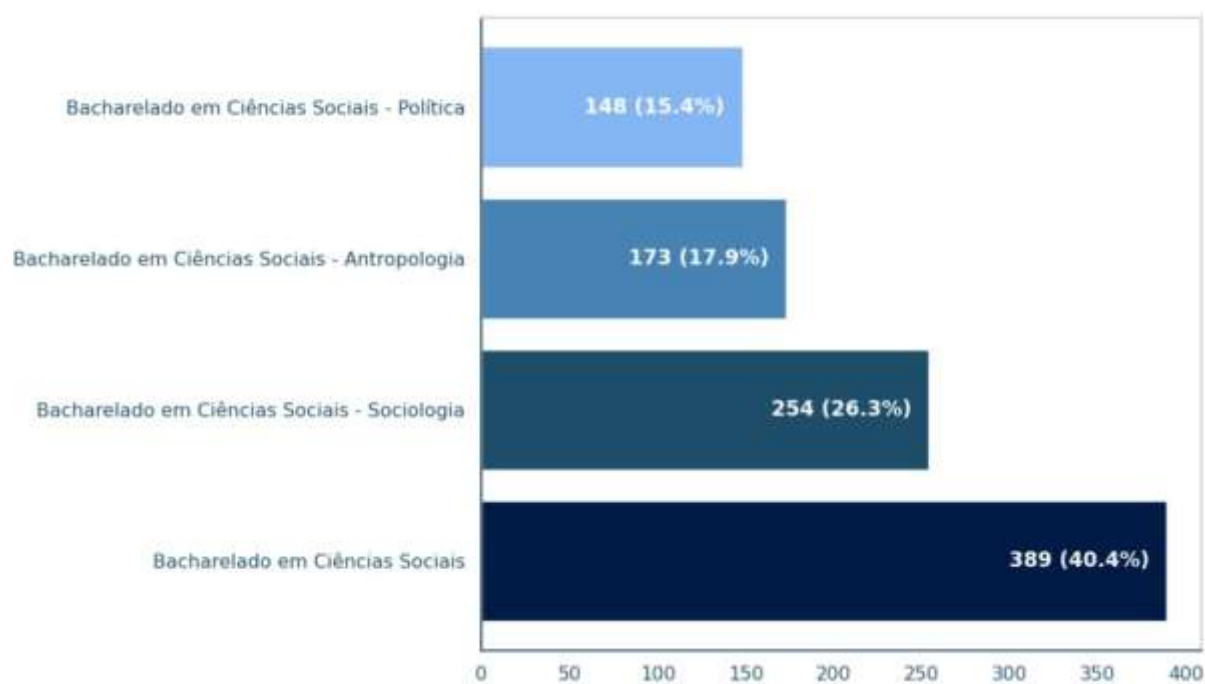
Gráfico 7 – Nacionalidade do egresso



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Quanto à nacionalidade do egresso, ela é basicamente brasileira. Tivemos um aluno de cada uma das nacionalidades mencionadas no gráfico de figuras, exatamente cinco estrangeiros entre 1991 e 2021.

Gráfico 8 – Opção curricular (especialização)



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Tabela 12 – Especialidade x gênero

Curso / Especialidade	Feminino	Masculino	Total
Bacharelado em Ciências Sociais – Sociologia	145 (27,8%)	109 (24,7%)	254 (26,3%)
Bacharelado em Ciências Sociais – Política	68 (13,0%)	80 (18,1%)	148 (15,4%)
Bacharelado em Ciências Sociais – Antropologia	84 (16,1%)	89 (20,1%)	173 (17,9%)
Bacharelado em Ciências Sociais (sem ênfase)	225 (43,1%)	164 (37,1%)	389 (40,4%)
Total	522 (100%)	442 (100%)	964 (100%)

Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

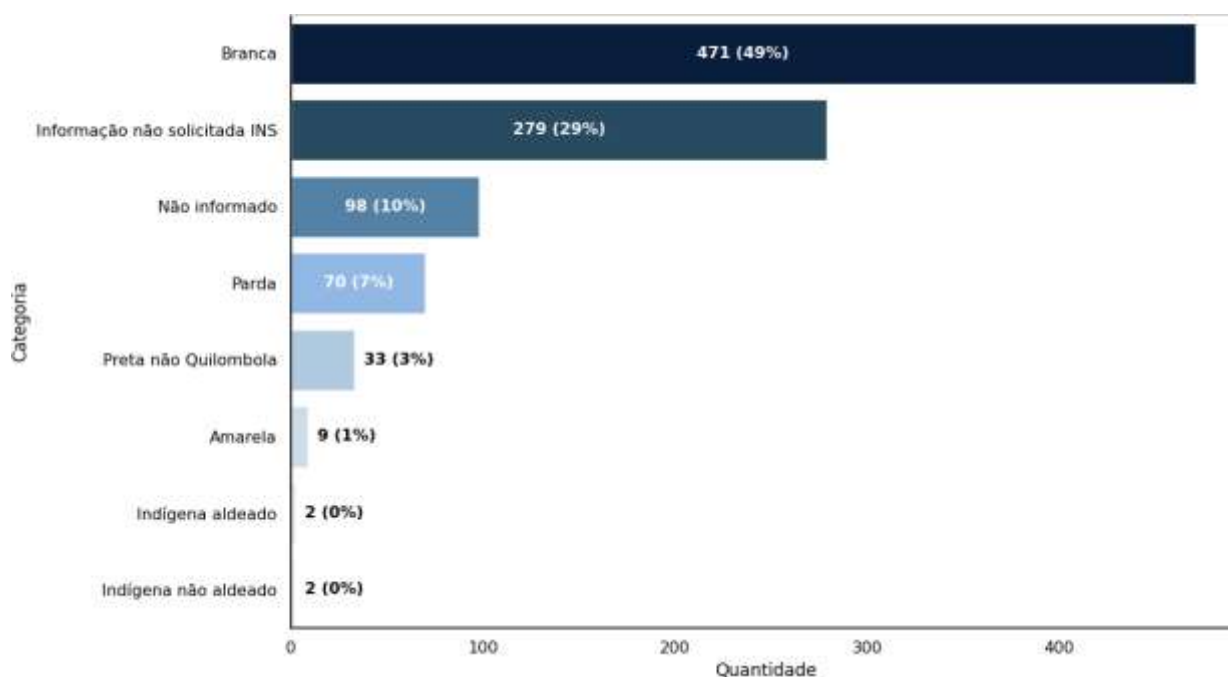
Gráfico 9 – Entre os alunos que optaram por mais de uma especialização nas ciências sociais

Opção Curricular	Total de Alunos
Bacharelado em Ciências Sociais – Sociologia	104
Bacharelado em Ciências Sociais - Antropologia	79
Bacharelado em Ciências Sociais – Política	55
Bacharelado em Ciências Sociais	1

Fonte: Autora elaboração própria

No gráfico acima, as ciências sociais apresentam o maior percentual, mas é preciso lembrar que as especializações em antropologia, ciência política e sociologia foram instituídas somente a partir da matriz curricular 2005/1.

Gráfico 10 – Distribuição dos egressos total segundo cor/raça



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O gráfico mostra a distribuição dos alunos do curso de ciências sociais da UFSCar

segundo a categoria de cor ou raça autodeclarada. Observa-se que quase 30% dos alunos/alunas não puderam ser analisados com base nesse marcador social, pois a informação não foi solicitada (INS). De fato, o percentual de não informados é mais baixo do que o observado nos dados do Censo da Educação Superior em Direito, 2015, em que 31% de discentes não informaram sobre cor/raça e 27% dos discentes que informaram (Bonelli, 2021).

A maioria se identifica como branca (49%). Tivemos 10% que não informaram raça ou cor. As demais categorias têm percentuais menores: 7% se declararam pardos, 3% pretos não quilombolas, 1% amarelos e apenas 0,4% indígenas (dos quais dois alunos aldeados e dois não).

Algumas possibilidades podem ser apontadas a partir desses dados: talvez o aluno não tenha clareza sobre sua cor ou raça, não saiba como se classificar ou, ainda, não deseje ser classificado com base nesse marcador. Os dados relativos à autodeclaração racial dos egressos revelam que o curso é majoritariamente composto por estudantes brancos (49%). Além disso, chama a atenção o elevado percentual de registros sem identificação racial; somando as categorias “Informação não solicitada (INS)” e “Não informado”, chega-se a 39% do total. Esse índice expressivo de ausência ou recusa em declarar a raça/cor pode ser interpretado como um indicador de desinformação institucional, mas também como um sinal do desconforto social ainda existente em torno da autodeclaração racial, especialmente em contextos universitários historicamente marcados pela branquitude como norma.

Se considerarmos conjuntamente os 49% de brancos e os 39% de registros sem identificação, 88% dos egressos não se reconhecem ou não se inscrevem nas categorias raciais socialmente subalternizadas (pretos, pardos, indígenas). Tal configuração reforça o caráter racializado da composição do curso, aproximando-o do perfil dominante das universidades públicas antes da consolidação das políticas de cotas.

Essa composição tem implicações diretas para a análise das trajetórias profissionais dos egressos. Em um contexto em que a branquitude opera como capital simbólico que favorece o acesso a posições mais estáveis e prestigiadas no mercado de trabalho, é plausível supor que a maior parte daqueles que conseguem se estabelecer profissionalmente pertença justamente ao grupo branco. Assim, a baixa representação

de negros, pardos e indígenas entre os formados pode reproduzir desigualdades raciais no interior da própria categoria dos cientistas sociais, tanto em termos de reconhecimento quanto de inserção laboral.

Gráfico 11 – Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais sem especialização

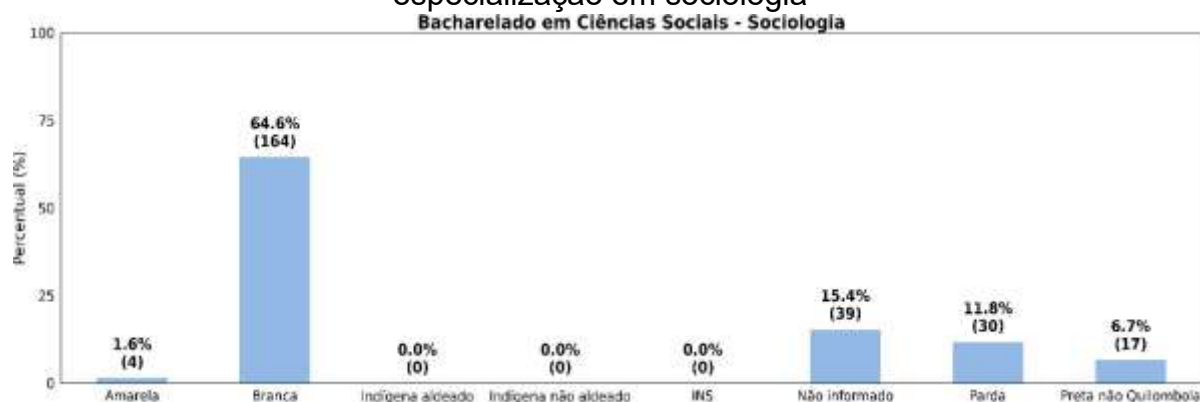


Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

O gráfico apresenta apenas os cientistas sociais formados sem especialização em antropologia, ciência política ou sociologia. Entre os 389 egressos nessa condição, cerca de 72% não registraram informação sobre cor ou raça, pois essa pergunta não era solicitada no momento da matrícula (INS)¹³. Isso limita a possibilidade de uma análise mais precisa do perfil racial desses estudantes.

¹³ Na planilha de egressos fornecida pela DIGRA a variável cor/raça está sem preenchimento para alunos das matrizes curriculares 1991/1 e 1996/1. Somente a partir da matriz curricular 2005/1 vemos os dados sobre cor e raça preenchidos.

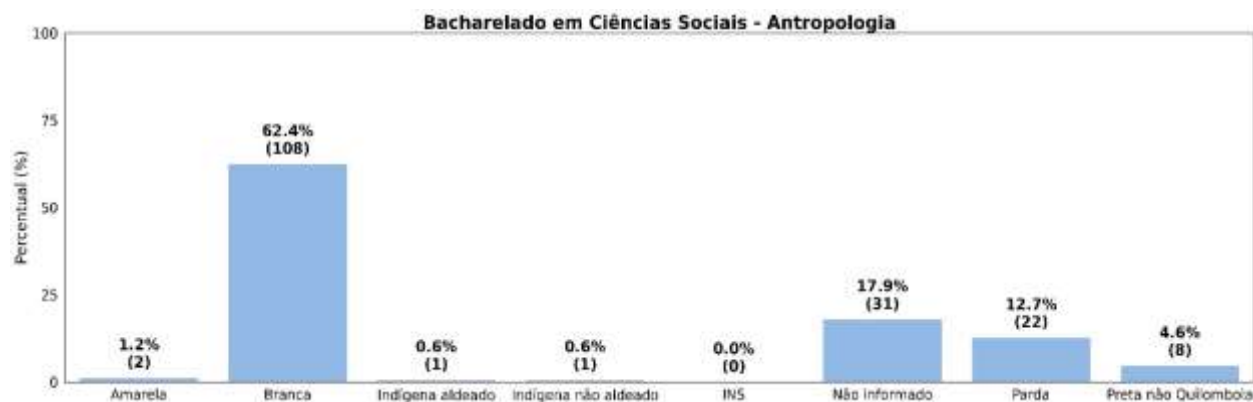
Gráfico 12 – Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em sociologia



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

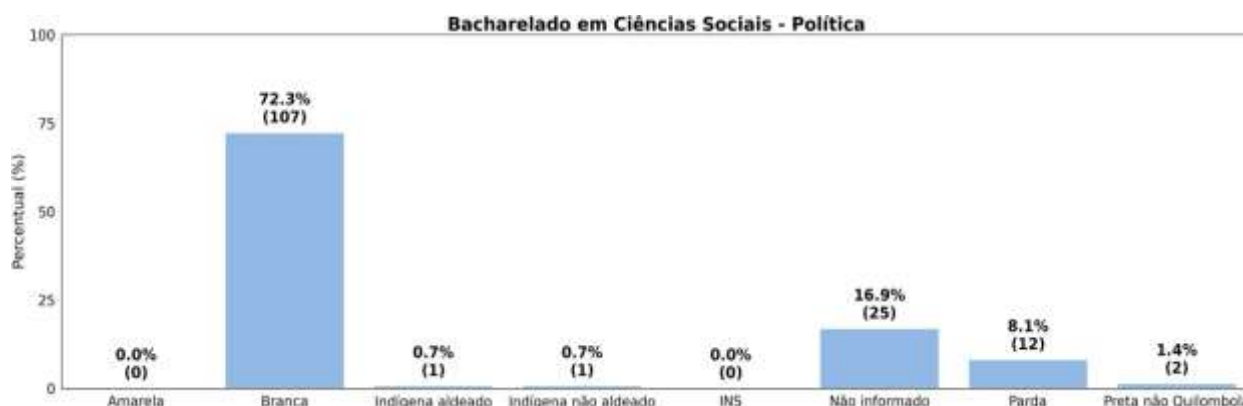
Na especialização em sociologia vê-se, predominantemente, estudantes que se autodeclararam brancos - 64,6% do total (164 pessoas). Os estudantes com cor/raça não informada correspondem a 15,4% dos formados com essa especialização. Já estudantes pardos pretos não quilombolas são 18,5%, demonstrando uma representatividade ainda pequena.

Gráfico 13 – Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em antropologia



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Gráfico 14 – Distribuição dos egressos de bacharelado em ciências sociais - especialização em ciência política



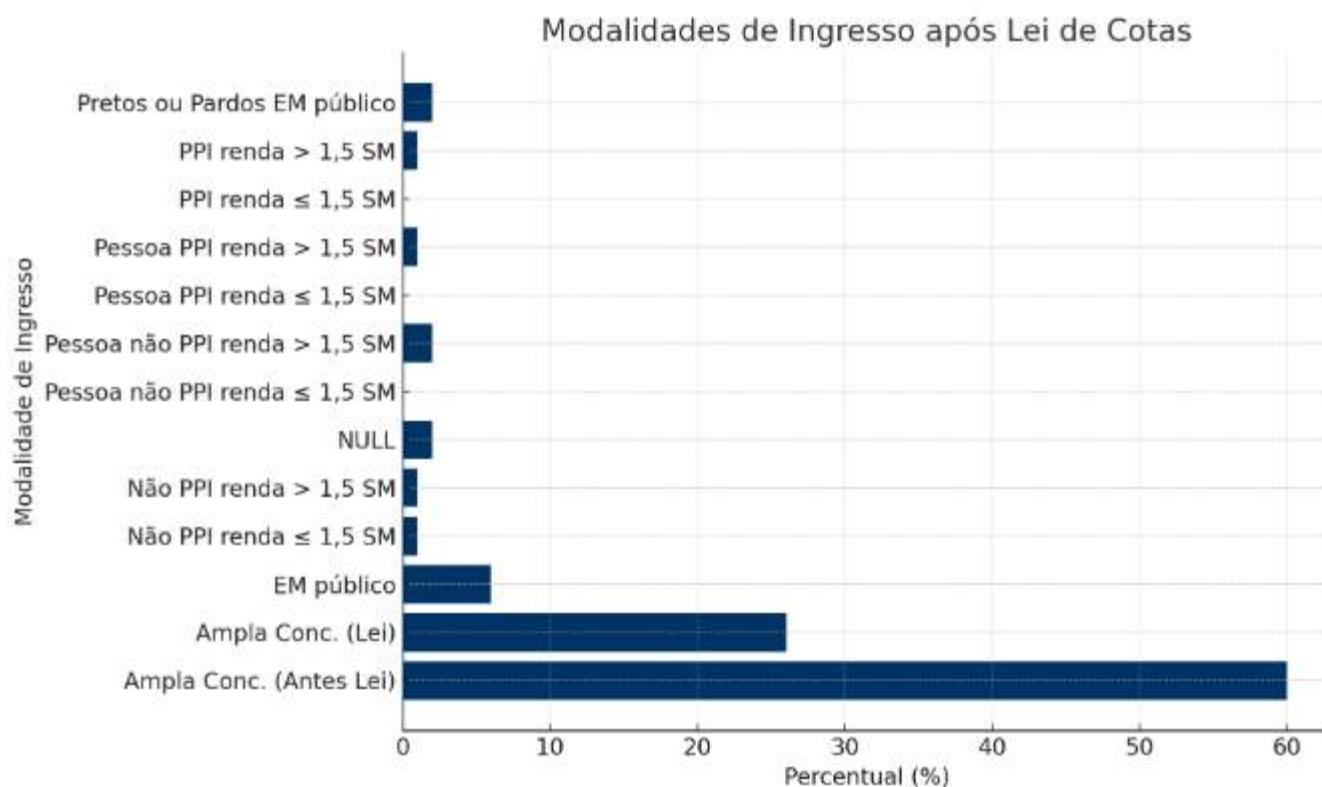
Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

Sobre a distribuição de cor/raça entre os que escolheram especialização em ciência política, percebe-se uma baixa diversidade racial entre os estudantes, com predominância de pessoas brancas.

Em suma, os gráficos 11, 12, 13 e 14, no geral, evidenciam que os pretos e pardos escolheram mais a sociologia que qualquer outra especialização, e se inclinam pouco para a especialização em política. Entre os que não informaram cor/raça houve um equilíbrio entre a escolha das áreas de especialização. A amostra de indígenas encontrada no universo dos egressos é muito pequena, mas eles dividiram-se entre a antropologia e a ciência política. Já a quantidade de egressos que se declararam brancos é grande e aparece de forma evidente em qualquer das especializações. Vê-se que esse dado não reflete a composição étnica do país, cujo número de pardos passou a população branca no último censo do IBGE¹⁴. Observe-se o gráfico 15, logo abaixo:

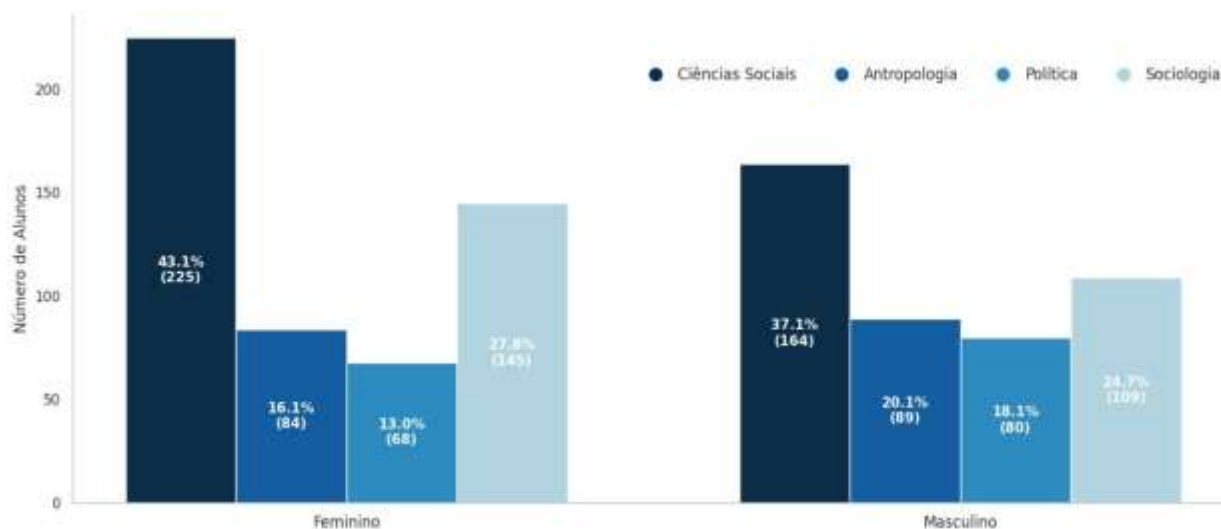
¹⁴ Dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em 12 abr.2025.

Gráfico 15 – Modalidade de ingresso após a Lei de Cotas



Não é possível mostrar a diferença no percentual de sem declaração de cor e raça e, mesmo na modalidade de ingresso, visto que existe um período anterior à implantação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) em que não há registros a respeito destas variáveis: cor e raça e modalidade de ingresso, mas somente a ampla concorrência. Assim, não é possível mensurar, sem estas variáveis, as ações afirmativas, mas, após a aplicação da pesquisa, tivemos mais clareza a respeito dessa questão, conforme será visto no próximo capítulo.

Gráfico 16 – Opção curricular segundo o gênero



Fonte: DIGRA UFSCar, elaboração própria.

É bastante interessante esse cruzamento entre o gênero e a opção de especialização no curso de ciências sociais. Por um lado, ele reafirma que os homens, de certa maneira, apresentam um equilíbrio maior entre as três áreas, já as mulheres, por sua vez, optam mais pela sociologia do que pelas outras duas áreas. Sociologia, como área de especialização, tem mais do que o dobro da escolha das mulheres pela política. E a escolha pela especialização em antropologia também é menor entre as mulheres.

3.2 OS EGRESSOS PESQUISADOS EM 2024

Conforme explicado no início deste capítulo, segue a análise do agregado de resultados criado pelo próprio GForms. Ele está apresentado conforme a ordem das questões no formulário.

Tabela 13 - Ano de nascimento por faixa etária

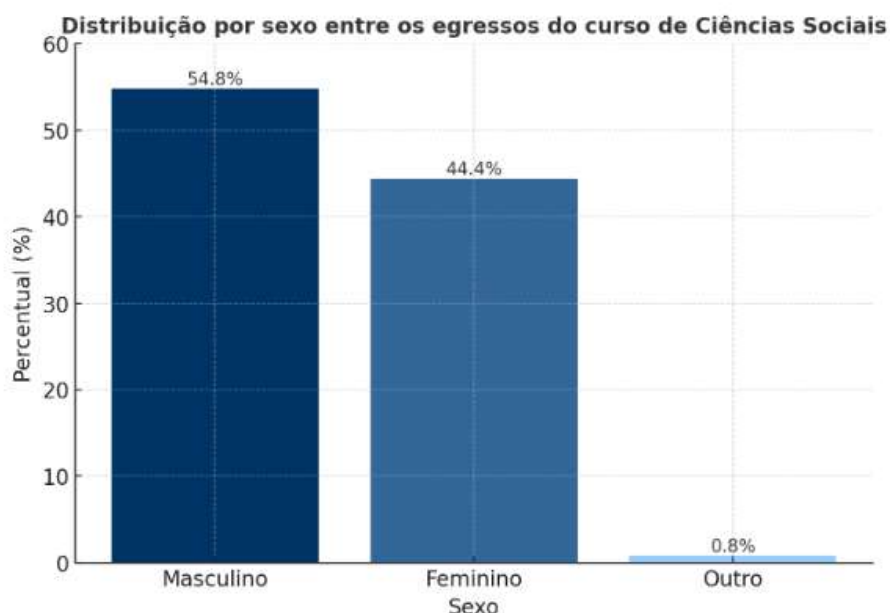
Faixa Etária	NA	%
1960-1969	1	1%
1969-1979	14	11%
1980-1989*	49	39%
1990-1997	34	27%
NR	28	22%
TOTAL	126	100%

OBS: Ano de 1984 com NA 11 ou 9% na faixa

Fonte: Elaboração própria.

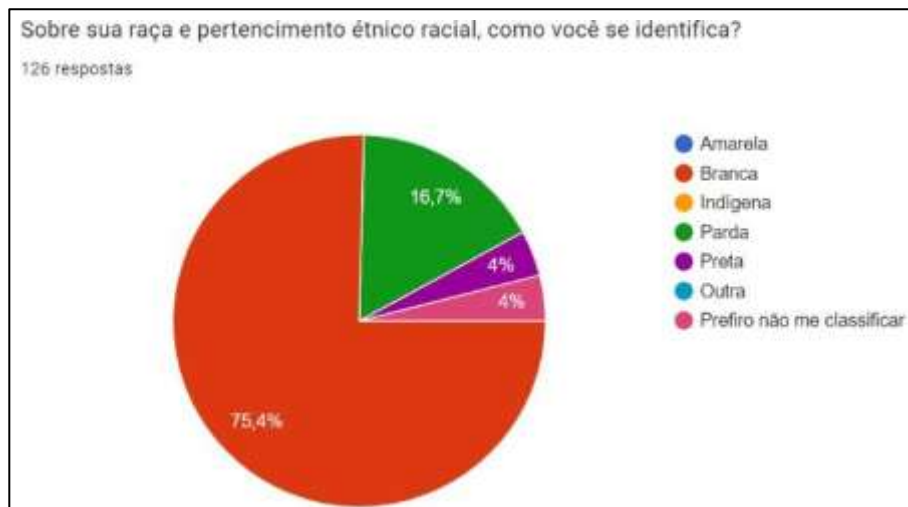
A maioria dos entrevistados nasceu nos anos 1980, e em segundo lugar na primeira metade dos anos 1990, chamada de geração Y ou Millenials.

Gráfico 17 – Sexo dos egressos respondentes da pesquisa (126)



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 18 – Identificação étnico racial do egresso



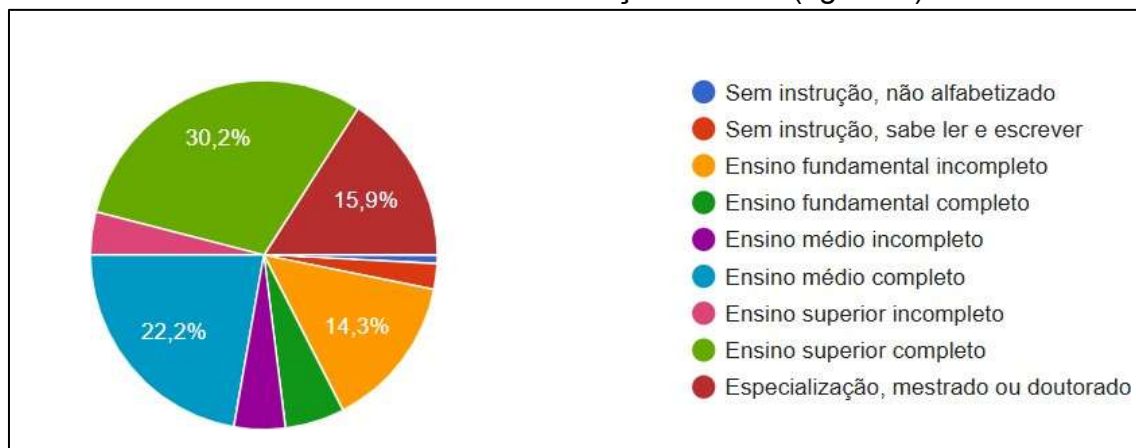
Fonte: Elaboração própria.

Dentre os entrevistados há um número um pouco maior de homens formados pela UFSCar. Quanto à identificação racial, a maioria dos formados se identifica como branca (75,4%), seguida por pardos (16,7%), por pretos (4%) e por outros 4% que preferiram não se classificar.

Na questão sobre o estado onde o egresso reside, a leitura do gráfico ficou muito prejudicada pela dispersão dos dados. Os dados mostram que a maioria dos egressos que participaram da pesquisa é proveniente do estado de São Paulo, onde está localizada a UFSCar, correspondendo a 62,1% dos respondentes. Sobre o local de moradia atual do egresso do curso de ciências sociais da UFSCar, os dados destacam que 73,5% residem no estado de São Paulo; 6,1% residem na Bahia; e 5,1% residem em outro país.

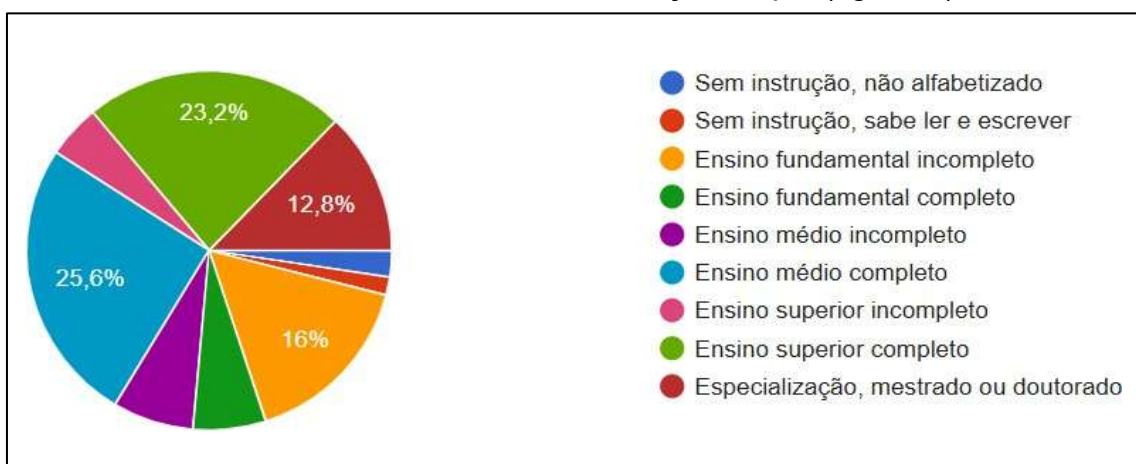
Os egressos também foram questionados sobre o país de residência, a maioria dos ex-alunos (94,5%) afirmou residir no Brasil. E segue vivendo e trabalhando no estado de nascimento.

Gráfico 19 – Nível de instrução da mãe (egresso)



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 20 – Nível de Instrução do pai (egresso)



Fonte: Elaboração própria.

O nível de escolaridade dos pais revela como as oportunidades podem ter se limitado ao longo do tempo. Essa variável é relevante porque permite compreender, por exemplo, o capital cultural disponível na família, um fator que influencia diretamente nas escolhas educacionais dos filhos. Em geral, quanto menor o nível de escolaridade dos pais, menor tende a ser a valorização da formação escolar dos filhos, já que a relação com o mundo costuma estar mais voltada para o trabalho prático. Ainda assim, muitos pais desejam que os filhos aprendam a ler e escrever, e avancem além do que eles próprios conseguiram estudar.

Nas camadas populares, os filhos desempenham um papel central nas estratégias familiares de reprodução social. Com frequência, eles precisam contribuir financeiramente com o sustento da família, o que leva muitos jovens a desistirem do sonho de cursar o ensino superior para entrar rapidamente no mercado de trabalho, mesmo que isso signifique aceitar empregos com baixos salários e poucas perspectivas de ascensão profissional.

Garantir o acesso de estudantes das classes populares às universidades é fundamental, mas também é necessário assegurar condições concretas para sua permanência e sucesso no ensino superior. A origem social e as condições de nascimento ainda exercem grande influência sobre o futuro das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Como aponta Pegny (2014, p. 108), romper com os mecanismos de reprodução social e reduzir o peso das condições de origem não se limita à oferta de empregos nem à mobilidade social. O direito universal à formação, quando apoiado por um Estado que assume parte dos custos e acompanha o processo de conquista da autonomia, pode transformar o lugar ocupado pela juventude na sociedade.

As escolhas profissionais são complexas e envolvem diversas decisões que podem influenciar positivamente ou negativamente a trajetória dos jovens. Na realidade pesquisada, observou-se que alguns entrevistados desejavam cursar outras graduações. No entanto, fatores como condições econômicas e culturais podem ter limitado suas possibilidades, levando-os a optar por cursos com maiores chances de aprovação no vestibular e também ao fato da UFSCar ser uma instituição pública federal e ter ensino gratuito, ainda que o curso de ciências sociais não apresente com clareza as chances de

inserção no mercado de trabalho , e muitas vezes a escolha não refletisse os reais desejos dos pesquisados, trata-se de uma graduação em nível superior em uma universidade de prestígio.

Fato relevante a se destacar refere-se ao dado da maioria dos cientistas sociais formados pela UFSCar tem pais com elevado grau de escolaridade: mais de 40% afirmam ter pais com escolaridade a partir do ensino superior. Em comparação, entre os pais dos entrevistados, nota-se que as mães possuem um grau de escolaridade ligeiramente maior do que o dos pais: 35% das mães têm formação superior ou pós-graduação. Assim, talvez em muitos casos, o curso não representasse ‘aquilo que estava ao alcance’, porque não havia barreiras impostas por condições objetivas da realidade social, quando consideramos os dados da DIGRA e algumas variáveis da pesquisa com os egressos.

Tabela 14 – Principal ocupação que a mãe exerceu ao longo da vida

Ocupação	NA	%
Professora	18	14,00%
Do lar/Dona de casa	11	9,00%
Funcionária Pública	10	8,00%
Outras Profissões	10	8,00%
Doméstica	8	6,00%
Secretária	5	4,00%
Bancária	4	3,00%
Enfermeira	4	3,00%
Babá	3	2,40%
Assistente Social	3	2,40%
Vendedora	3	2,40%
Costureira	2	1,60%
Dentista	2	1,60%
Comerciante	2	1,60%
Psicóloga	2	1,60%
Autônoma	2	1,60%
NR	37	29,40%
Total	126	100,00%

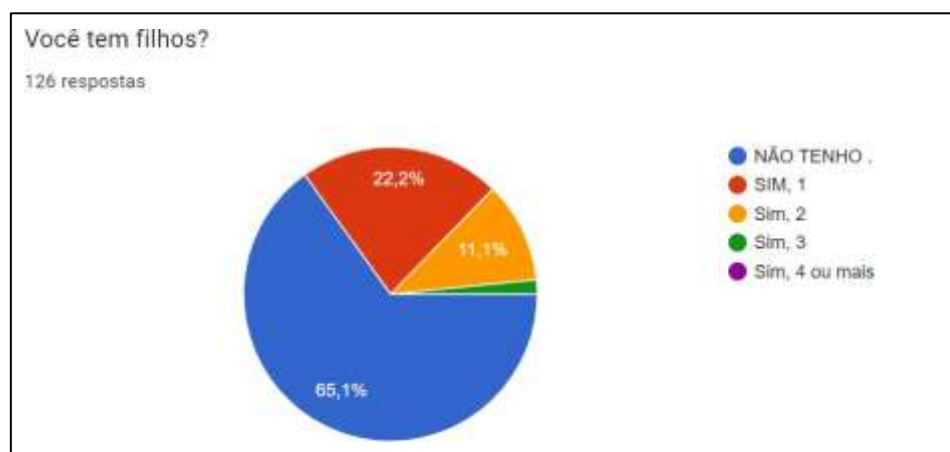
Fonte: Elaboração própria

Tabela 15 – Principal ocupação que o pai exerceu ao longo da vida

Ocupação	NA	%
Autônomo	24	19,00%
Funcionário Público	17	13,00%
Operário/metallúrgico	11	8,70%
Profissional liberal	10	8,00%
Funcionário de empresa privada	10	8,00%
Professor	6	5,00%
Empresário	6	5,00%
Comerciante	4	3,00%
Médico	3	2,40%
Agricultor	3	2,40%
Bancário	3	2,40%
Porteiro	2	2,00%
NR	27	21,00%
TOTAL	126	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

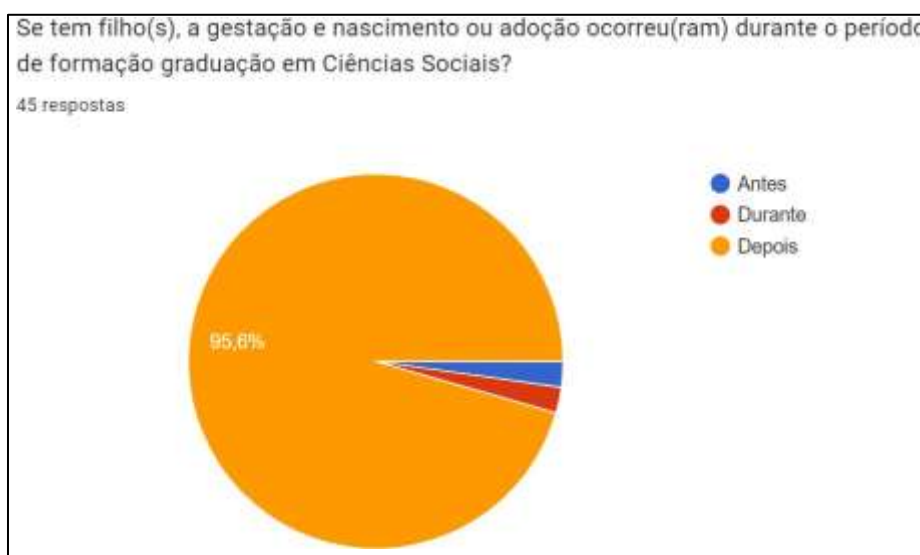
Gráfico 21 – Presença de filhos



Fonte: Elaboração própria.

Das respostas, verifica-se que um número elevado (65,1%) dos entrevistados não têm filhos, seguido de 22,2% que têm apenas 1 filho, e 11,1% que têm 2 filhos. De maneira geral, uma demonstração numérica propositiva da relação entre maior escolaridade e menor número de filhos por família.

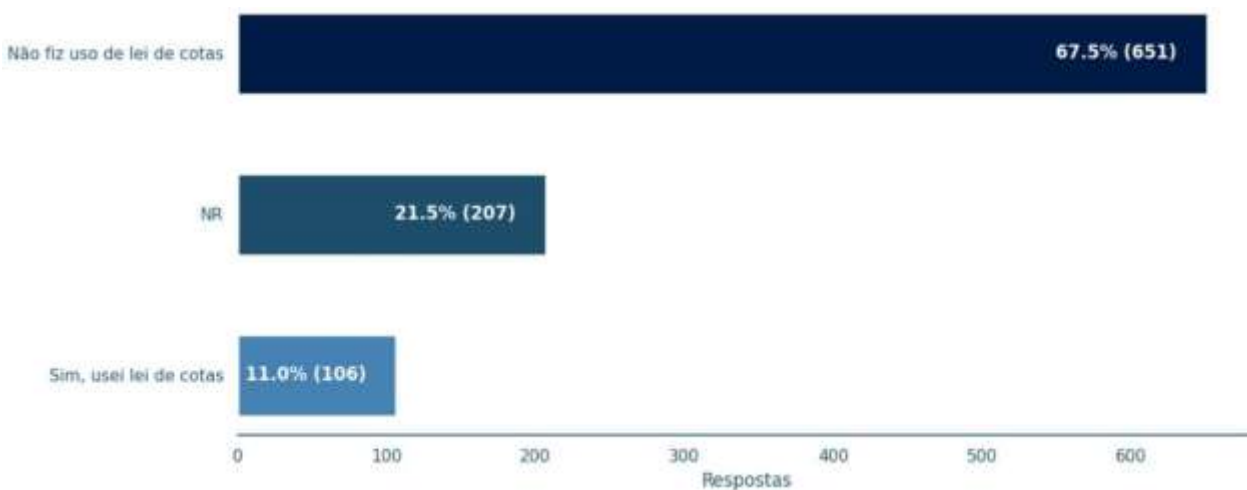
Gráfico 22 – Período em que ocorreu a gestação ou adoção



Fonte: Elaboração própria.

Novamente, tendo em vista o elevado nível educacional e empregabilidade dos entrevistados, pode-se encontrar correspondência com a quantidade de filhos e período de gestação/nascimento se tiver filhos; a maioria teve filhos após o término da graduação, grande parte não teve filhos e quando teve somente um filho. O que demonstra a tendência da relação quanto maior a escolaridade, menor o número de filhos por família, que vem ocorrendo cada vez mais no país e que se confirma com o dado apresentado pela pesquisa com ex-alunos de ciências sociais da UFSCar.

Gráfico 23 – Uso da lei de cotas pelo egresso



Fonte: Elaboração própria.

Como a maioria dos respondentes declarou ser branco(a) de 58,6%, e ter ingressado antes de 2012, vê-se no gráfico acima que uma pequena porcentagem (11%) dos egressos utilizou a lei de cotas.

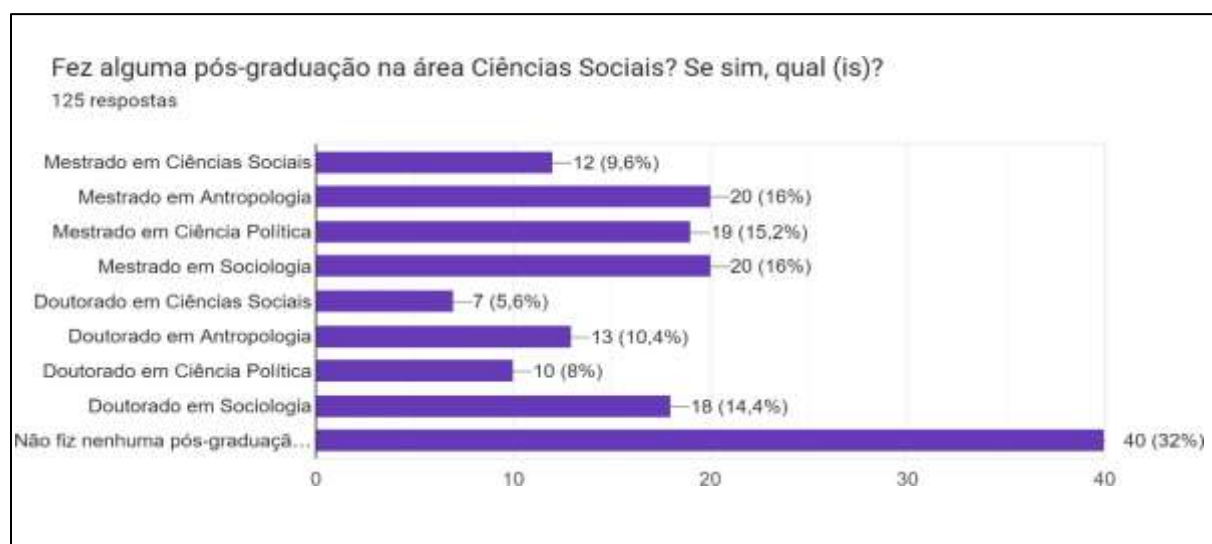
Conforme é possível observar no gráfico abaixo, a maioria dos respondentes não buscou seguir com a licenciatura, o que já demonstra uma certa tendência a não seguir com a complementação pedagógica para o trabalho com ensino regular/básico e exigida por algumas instituições como os como os institutos federais de educação, ciência e tecnologia.

Gráfico 24 – Complementação pedagógica: licenciatura



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 25 – Pós-graduação na área de ciências sociais



Fonte: Elaboração própria.

Entre os egressos do curso de ciências sociais da UFSCar, observa-se que 56,8% concluíram o mestrado em uma das quatro áreas tradicionalmente ofertadas pela pós-graduação: ciências sociais, sociologia, antropologia e ciência política. Quanto à formação *stricto sensu* em nível de doutorado, o percentual é ligeiramente inferior, atingindo 38,4% dos respondentes.

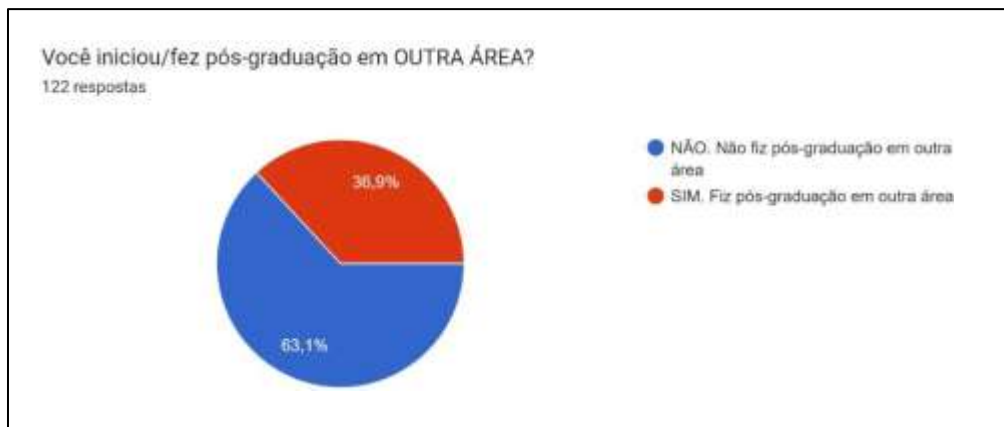
É importante destacar, contudo, que 32% dos ex-alunos não realizaram nenhuma pós-graduação na área das ciências sociais, embora parte deles possa ter prosseguido sua formação em outros campos disciplinares. Considerando o total de 126 respondentes, constata-se que mais de dois terços (68%) seguiram percursos de formação na pós-graduação da própria área, o que revela uma forte vinculação acadêmica e o papel formador da UFSCar na constituição de trajetórias profissionais e identitárias vinculadas ao campo das ciências sociais.

O gráfico, portanto, evidencia não apenas a dinâmica interna de continuidade formativa do curso, mas também reflete as transformações estruturais do campo educacional brasileiro nas últimas duas décadas. Na primeira metade dos anos 2000 — período em que minha geração concluiu o doutorado — houve uma significativa expansão das oportunidades de inserção acadêmica, impulsionada pela criação de novas universidades federais, institutos federais e *campi* descentralizados de instituições já existentes. Esse contexto de expansão foi fundamental para compreender as trajetórias dos egressos que seguiram carreira acadêmica, sobretudo daqueles que permaneceram na pós-graduação e na docência superior.

Cabe ainda destacar o papel do Programa REUNI, implementado a partir de 2007, que fortaleceu as licenciaturas e ampliou o acesso ao ensino superior público. Nesse sentido, torna-se pertinente situar o curso de ciências sociais da UFSCar no contexto mais amplo do ensino das ciências sociais no Brasil, considerando o número crescente de cursos — tanto de bacharelado quanto de licenciatura — e o fenômeno recente da ampliação desses cursos de ciências sociais na modalidade de educação a distância (EAD).

Assim, embora esta pesquisa se concentre no curso de bacharelado em ciências sociais da UFSCar, reconhece-se que se trata de um estudo de caso inserido em um processo mais abrangente, que envolve as transformações contemporâneas do campo das ciências sociais no país e suas articulações com as políticas educacionais e com o mercado de trabalho acadêmico.

Gráfico 26 – Pós-graduação em outra área



Fonte: Elaboração própria.

Tendo em vista, que a maioria dos respondentes seguiu sua trajetória acadêmica direcionada para a área das ciências sociais, constata-se também o interesse dos formados em seguir alguma pós-graduação em outra área.

Tabela 16 – Opinião do egresso sobre o impacto da pós-graduação (mestre, doutor, MBA) na sua trajetória profissional

Opinião	%
Muito impacto	4%
Causou impacto	62%
Pouco impacto	15%
Nenhum impacto	19%
Total	100%

Fonte: Elaboração própria.

Dos dados, nota-se que, para a maioria dos entrevistados, a pós-graduação impactou, positivamente, suas trajetórias profissionais.

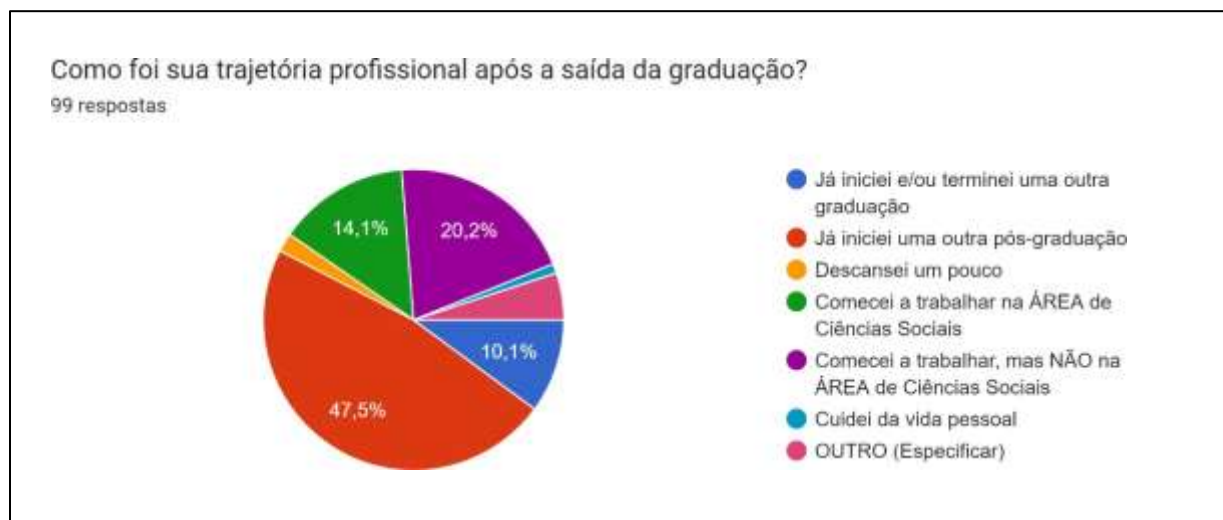
Tabela 17 – Perspectiva profissional ao ingressar no curso de ciências sociais

OBJETIVO	N	%
Trabalhar como pesquisador(a) acadêmico(a) (docência na universidade)	44	35%
Não sabia o que queria / Não tinha planos	22	17%
Dar aulas em ensino médio / educação básica	14	11%
Assessoria Política / Campanhas Políticas	13	10%
Trabalhar em ONG	6	5%
Trabalhar como servidor (a) público(a)	5	4%
Ser político(a)	4	3%
Empresas privadas com pesquisa	4	3%
Relações Internacionais / diplomacia	3	2%
Produção Cultural	2	2%
Ser jornalista	2	2%
Para ser antropólogo (a)	2	2%
Gostava das ciências humanas	1	1%
Ter uma formação em nível superior	1	1%
Não responderam	3	2%
TOTAL	126	100%

Fonte: Elaboração própria.

Pelo dado, percebe-se que a maioria dos ex-alunos pretendia trabalhar com pesquisa acadêmica e/ou lecionar e mesmo estar próximo do ambiente da sala de aula; em seguida, aparece uma parcela sem distinção clara de qual objetivo seguir e, na sequência, o magistério na educação básica e a assessoria política incentivaram a fazer o curso. Logo após vê-se uma segmentação de respondentes com interesses diversos na área.

Gráfico 27 – Trajetória profissional após a graduação



Fonte: Elaboração própria.

Percebe-se que quase metade dos entrevistados procurou, majoritariamente, seguir a formação acadêmica na pós-graduação. O que aponta para uma forte tendência entre os formados em ciências sociais de concluir a graduação e, em seguida, iniciar a pós-graduação.

Tabela 18 – Avaliação do percurso após a conclusão da graduação: percepção positiva ou negativa

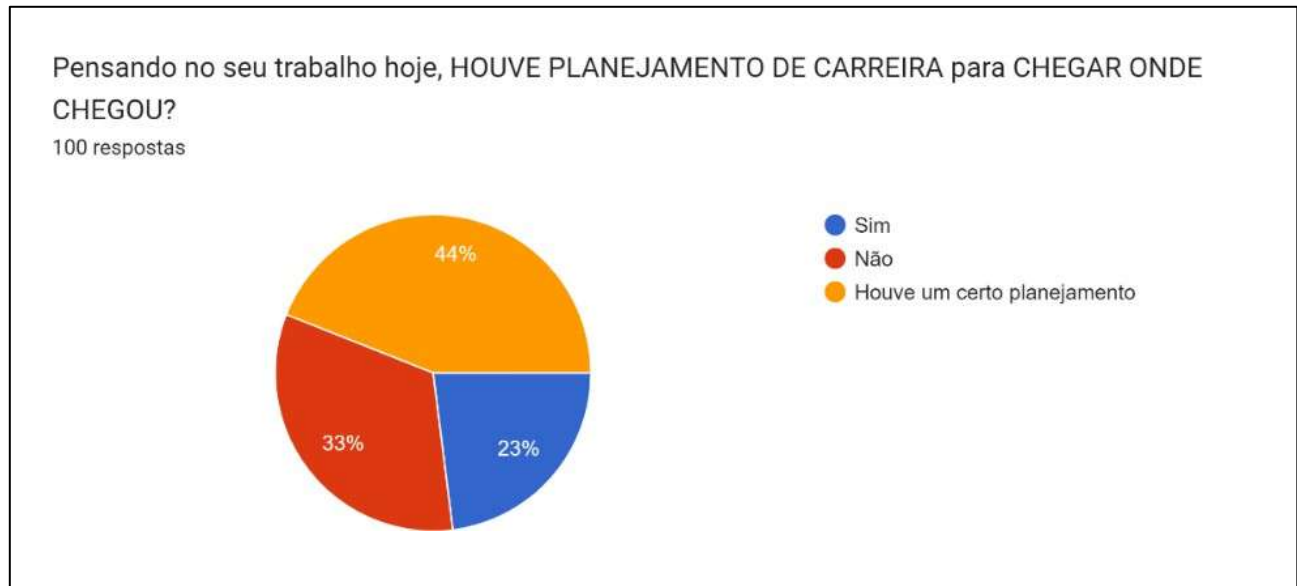
Avaliação	%
Positivo	70,32%
Negativo	18,68%
Nem positivo nem negativo	11,00%
Total	100%

Fonte: Elaboração própria.

Das respostas apresentadas, a maioria faz uma avaliação positiva do seu percurso após a formação em ciências sociais. Contudo, ao se aprofundar nos dados, nota-se que o valor positivo se relaciona significativamente com o aspecto pessoal dos indivíduos e o quão importante foi se tornar cientista social. Por outro lado, desta questão,

já se consegue captar certo descontentamento sob o ponto de vista profissional.

Gráfico 28 – Planejamento de carreira



Fonte: Elaboração própria.

Ao se voltar para o atual momento profissional, das respostas sobre planejamento de carreira nota-se que um número maior de entrevistados tende a dizer que houve certo planejamento e somente 23% confirma que houve planejamento de carreira. Do total de respostas, pode-se dizer que, para a maioria dos formados, não houve uma sequência planejada para chegar aonde estão hoje.

Tabela 19 – Planejamento de carreira e desafios enfrentados na trajetória profissional

Planejamento da carreira	%
Foi planejada, mas tive percalços	39%
Não foi planejada e tive percalços	31%
Essa trajetória, em grande parte, foi planejada e não tive percalços significativos ao longo do caminho	13%
Essa trajetória, em grande parte, não foi planejada e não tive percalços significativos ao longo do caminho	10%
NS/NR	7%
Total	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a tabela, percebe-se que os dados descrevem quatro diferentes trajetórias em relação ao planejamento e aos desafios enfrentados: observa-se que para 70% dos entrevistados as dificuldades os levaram a seguir novo rumo na carreira. Somente 23%, independente do planejamento da carreira, afirmaram que não tiveram percalços/dificuldades.

Tabela 20 – Fatores que levaram os egressos a se desviar da trajetória profissional planejada

Percalços significativos que mudaram a rota profissional do egresso	%
Dificuldades financeiras que o fizeram optar por trabalhos fora da área de atuação	58%
Dificuldades de inserção/ insatisfação com o campo profissional	51%
Problemas emocionais	35%
Dificuldades familiares mudanças, doenças ou perda de familiares	19%
Dificuldades no relacionamento social /interpessoal	18%
Dificuldade de conciliar trabalho e estudo, ou estudo e filhos	15%
Dificuldades na relação Professor - Estudante	12%

Base 126

OBS: Poderiam ser citados quantos motivos julgassem apropriados para a trajetória do egresso (a), por esse motivo a soma extrapola 100%.

Fonte: Elaboração própria.

Em face da pergunta que envolve entender quais foram os percalços significativos que poderiam ter tirado os cientistas sociais formados pela UFSCar das rotas desejadas em termos profissionais, verifica-se que dois aspectos foram destacados como preponderantes: insatisfação com o campo profissional e dificuldades financeiras que fizeram optar por trabalhos fora da área de atuação. Tais dados permitem inferir que, para os entrevistados, o período após o término do curso de ciências sociais foi marcado por percalços que compreendem significativas dificuldades. Ressaltando que, em relação aos problemas emocionais - o terceiro fator mais mencionado -, ele pode ser compreendido também como consequência dos percalços encontrados, visto que os egressos poderiam anotar mais de um motivo que contribuiu para sair da rota desejada.

Tabela 21 – Ocupação profissional atual

Resposta	N	%
NR	26	20,63%
Graduando(a) bolsista ou não.	3	2,38%
Empresário(a)	3	2,38%
Funcionário(a) de empresa privada <u>não trabalha</u> diretamente na área das ciências (exceto professores) gerentes, analistas, administrador(a), corretor(a) de imóveis e seguros, gestor(a) etc.	13	10,32%
Funcionário(a) empresa privada que trabalha na área das ciências sociais (exceto professores)	3	2,38%
Funcionário(a) público(a) concursado(a) ou não, que trabalha na área das ciências sociais (exceto professores): sociólogo(a), antropólogo(a), indigenista, secretário(a) municipal, agente social etc.	11	8,73%
OUTRO	11	8,73%
Pesquisador(a) acadêmico(a) bolsista ou não.	2	1,59%
Pós-graduando (a) Stricto Sensu - mestrando(a), doutorando(a) e pós-doutorando(a) bolsista ou não.	9	7,14%
Professor(a) ensino infantil e fundamental	2	1,59%
Professor(a) ensino médio todas as áreas	7	5,56%
Professor(a)/Pesquisador(a) Universidade Pública	17	13,49%
Professor(a)/Pesquisador(a) Universidade/Faculdade Privada	5	3,97%
Profissional liberal (outra área): médico(a), advogado(a), defensor(a) público(a), gastrônomo(a), fisioterapeuta, ator/atriz, cantor(a) etc.	5	3,97%
Sem trabalho	3	2,38%
Trabalho autônomo área diversa.	6	4,76%
TOTAL	126	100%

Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente, ressalta-se que 97% desses profissionais estão empregados. Ao se levar em conta que um número significativo de ex-alunos da UFSCar seguiu na

pós-graduação na área das ciências sociais, verifica-se que muito embora o 1º lugar de atuação profissional seja de professores/pesquisadores de universidades públicas, ainda assim temos um número relativamente pequeno de ex-alunos que estão trabalhando nessa categoria e como funcionários públicos ou não na área de ciências sociais. Não menos importante, presente na lista das ocupações mais citadas, vale apontar o número de ex-alunos que não se encontram trabalhando na área das ciências sociais, ocupando posições e atividades diversas da formação de origem, atuando como funcionários de empresas privadas ou não e em outras profissões do mercado de trabalho.

Gráfico 29 – Conexão ou identificação com a atividade laboral



Fonte: Elaboração própria.

Ao voltarmos para a conexão/identificação com o exercício profissional vigente nota-se que, em relação ao trabalho atual destes profissionais, independentemente de onde ou com o que estejam trabalhando, a maioria se encontra conectada com sua atuação profissional.

Gráfico 30 – Identificação profissional



Fonte: Elaboração própria.

Em 1º lugar, os ex-alunos se identificam como sociólogos, em 2º como cientistas sociais, 3º como alguma outra autodenominação, 4º como antropólogos e, por fim, em 5º lugar como cientistas políticos.

Não existe um caminho único sobre a denominação dos formados em ciências sociais, muitos egressos se denominam sociólogos, ou cientistas sociais, mas uma parcela, não desprezível – 21,4%- dizem ser profissional na área de atuação, de acordo com sua atividade profissional e não pela sua área de formação na graduação.

Lembrando que minha ênfase no curso de ciências sociais foi em sociologia e que meu cargo efetivo é agente de desenvolvimento social, no atual trabalho não consigo me identificar como sociólogo, pois existem apenas pequenas nuances de um trabalho sociológico nessa atuação. (Homem, mestre em educação, sente-se parcialmente conectado com o trabalho que realiza).

Nessa parte, pudemos observar as diferentes identificações declaradas pelos entrevistados e entender a riqueza dessa pluralidade, pois não deixam de ser também negociações terminológicas que, por sua vez, fazem parte da constituição de fronteiras, de alteridades e identidades.

Tabela 22 - Expectativas profissionais futuras (5 anos)

Onde você imagina estar profissionalmente nos próximos 5 anos:	N	%
Lecionando em universidade pública e/ou privada / Fazendo pesquisa na academia.	22	23%
Concursado/Servidor Público	18	19%
Em posição superior à que me encontro hoje na empresa em que trabalho	13	13,7%
Estar empregado na empresa em que estou hoje	9	9,5%
Estar trabalhando fora da área das ciências sociais	9	9,5%
Não tenho resposta/Não tenho planos	8	8,5%
Estar trabalhando em empresa que possa exercitar as ferramentas das ciências sociais	5	5,3%
Lecionar/trabalhar no ensino básico	5	5,3%
Fazer/Terminar meu doutorado	3	3,2%
Ter minha própria empresa	2	2%
Fazer outra graduação	1	1%
Total	95	100%

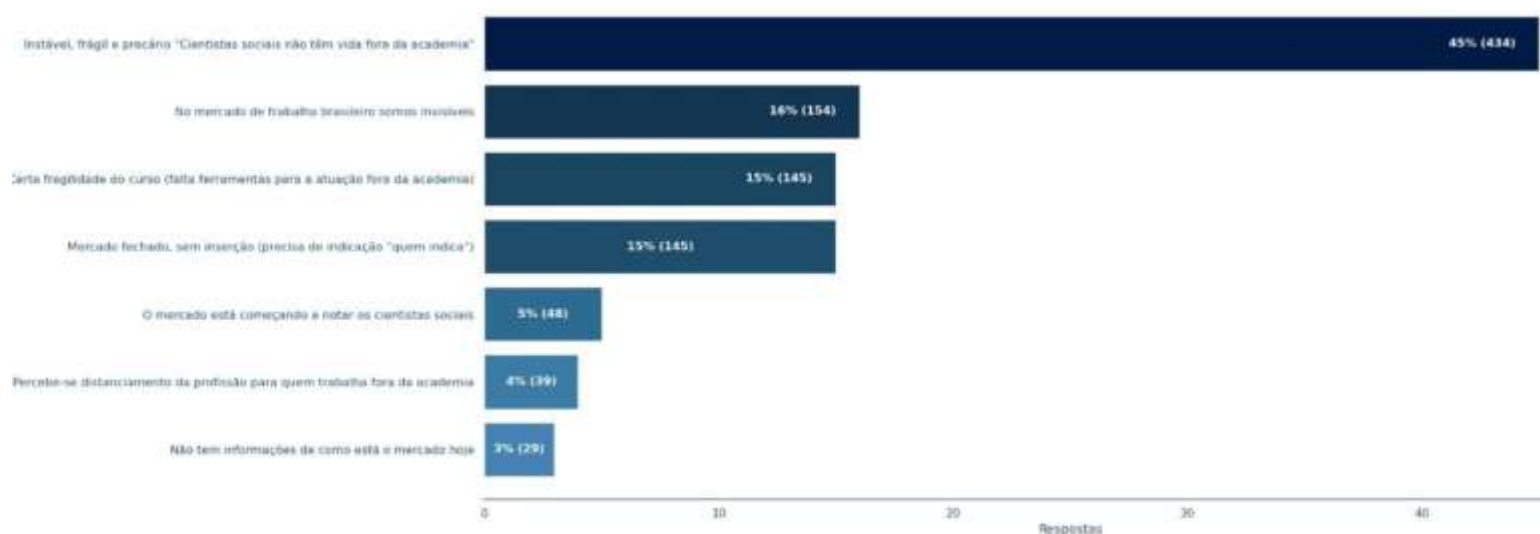
Fonte: Elaboração própria.

Ao levar em conta uma perspectiva de visão de futuro profissional, das respostas apresentadas pelos entrevistados, a perspectiva de trabalho no serviço público e/ou dedicada à pesquisa acadêmica/ao ensino na universidade pública sobressai em número. O que sinaliza a correspondência das ciências sociais na formação de profissionais voltados para a carreira acadêmica de servidor público (pesquisa e ensino universitário).

Em seguida, notam-se alguns dados relevantes, como a possibilidade de ascender na carreira na empresa onde trabalha, bem como o fato de querer continuar empregado onde se está.

Por conseguinte, vale frisar os dados que demonstram falta de perspectivas profissionais, descontentamento e a vontade de estar fora da área das ciências sociais.

Gráfico 31 – O mercado de trabalho do cientista social na sua visão de egresso



Fonte: Elaboração própria.

Tabela 23 – O mercado de trabalho do cientista social na visão do egresso

Resposta	N	%
Instável, frágil e precário "Cientistas sociais não têm vida fora da academia"	45	37,7%
No mercado de trabalho brasileiro somos invisíveis	16	12,7%
Certa fragilidade do curso (falta ferramentas para a atuação fora da academia), que faz ter que buscar complementação formacional)	15	11,9%
Mercado fechado, sem inserção (precisa de indicação "quem indica")	15	11,9%
O mercado está começando a notar os cientistas sociais	5	4%
Percebe-se distanciamento da profissão para quem trabalha fora da academia	4	3,2%
Não tem informações de como está o mercado hoje	3	2,4%
NR	23	18,3%
Total	126	100%

Fonte: Elaboração própria.

Vale apontar que, ao se referir ao mercado de trabalho para os cientistas sociais, fica explícito pelas respostas dos respondentes da pesquisa que eles estão tratando das áreas que não se relacionam com pesquisa/produção científica/lecionar nas

universidades.

Dito isto, de modo geral, o entendimento que se tem acerca do mercado de trabalho para os cientistas sociais fora do mundo acadêmico permeia e engloba as seguintes características: instável, frágil e precarizado. Com citações que envolvem: entendimento pouco claro do que faz/pode fazer em prol das empresas/mercado; falta de regulamentação da profissão, que faz com que outros profissionais de outras formações alcancem vagas de emprego em vez dos profissionais da área das ciências sociais.

A grande maioria dos entrevistados, inclusive na parte qualitativa, apontou que os cientistas sociais não conseguem encontrar espaço no mercado de trabalho fora dos muros das universidades, pelos seguintes aspectos:

- Em grande medida, há uma invisibilidade deste profissional no mercado (a profissão de cientista social é pouco conhecida pelo mercado);
- A academia não prepara para o exercício profissional fora dela, mas sim, para nela seguir com pesquisa e ensino;
- A academia não prepara para o mercado, visto que faltam ferramentas (como o uso de *softwares* de pesquisa), o que leva a ter que procurar complementação da formação e incentivo à experiência em empresas durante a graduação;
- O profissional cientista social encontra dificuldades para se inserir em mercados propriamente dedicados a este tipo de profissional, como consultorias e ONGs, pois além de pequeno, é fechado; em outras palavras “precisa de um quem indica” para conseguir vagas de emprego.

Por outro lado, uma pequena parcela dos respondentes (4%) destacou que o mercado está começando a notar os cientistas sociais, ainda que timidamente.

- Por ora, ainda que em relação ao exercício profissional voltado para o ambiente acadêmico, diversos entrevistados apontaram que, mesmo querendo seguir no exercício profissional acadêmico, cada vez mais está havendo impeditivos para tal, como: falta de concursos públicos e cada vez menos vagas de pesquisador (a).

- Por vezes, vale frisar que, em face das dificuldades para se manter como profissional cientista social, muitos formados migram para outras profissões em busca de empregabilidade. Observe:

Não tenho a mínima ideia, tive pouca orientação em relação a isso. Não sabia para onde enviar currículos, acabei não enviando para lugar algum e depois fiquei

sem experiência na área. Busquei empregos na área de pesquisa, mas gostaria de ter explorado outras possibilidades. Nunca quis dar aulas. Após o mestrado, fiz uma especialização em arteterapia e hoje atuo como arteterapeuta. Fui atrás de algo que me dava um ofício, algo que pudesse ofertar e ser pago por isso. Na arteterapia ter o olhar das ciências sociais faz diferença. Faria novamente, com certeza. Porém, não teria utilizado essa via como a única possível: teria buscado outros cursos e formações que me possibilitassem ter de fato um emprego, uma profissão. Da maneira como está, não encaro que saímos da graduação com uma profissão, porque não há trabalho. Então eu teria me especializado em setores que me possibilitassem ter um trabalho, atuar em uma profissão, ter salário, e uma estabilidade financeira, mesmo que no setor privado (Mulher, Branca, identifica-se como socióloga, Doutora em Sociologia, mencionou Outro em atividade laboral atual).

Isso ocorre porque durante a formação os cientistas sociais precisariam, na visão dos autores, terem uma capacitação profissional específica, com estágio no mercado e disciplinas que os ajudassem a desenvolver habilidades inovadoras, no intuito de preparar os alunos para essas atividades. Em nossa pesquisa encontramos situação semelhante, Vejamos:

Pouco se faz esse intercâmbio na universidade pública sobre as ciências sociais e o mercado de trabalho, o que distancia e dificulta ainda mais o nosso acesso e a nossa permanência em um emprego. Quando conclui o curso, me vi totalmente sem rumo. E precisei entender e traçar de forma independente para onde iria com a minha trajetória profissional, diferente de outras áreas em que este fator já está mais facilitado, através de estágios e uma relação mais próxima com o mercado etc. (Mulher, branca, mestre em antropologia e professora de ensino médio).

Portanto, um primeiro passo seria reconhecer a necessidade de uma formação diferenciada para o cientista social que sai para o mercado de trabalho, como uma categoria distinta do professor-pesquisador universitário, voltado à docência e pesquisa.

Tabela 24 – Opinião do egresso sobre a contribuição das ciências sociais para o seu trabalho, vida cotidiana e visão de mundo

Resposta	N	%
Contribuiu muito (As ciências sociais ajudam a melhor compreender a realidade da sociedade/ajudar a moldar a visão de mundo)	67	53,33%
Contribuiu em todos os âmbitos (pessoal e profissional)	42	33,33%
Muito para o pessoal e nem tanto para o profissional	14	11,11%
Contribuiu pouco	3	2,22%
Total	126	100%

Fonte: Elaboração própria.

Ao se levar em conta a contribuição da formação em ciências sociais para os profissionais da área atualmente, verifica-se que a principal contribuição se refere ao fato de favorecer a melhor compreensão de mundo, ajudar a formação de consciência crítica desses profissionais, e em outros casos, promover uma contribuição intelectual que é carregada de satisfação pessoal que envolve formação de valores e personalidade, que leva a maneiras de lidar com a vida cotidiana e a uma interpretação mais refinada da realidade que permeia a convivência em sociedade.

Em seguida, mas em menor número, há uma parcela significativa que, ao mesmo tempo em que afirma compreender a contribuição do curso para sua formação pessoal, destaca a importância para o aspecto profissional.

Vale destacar que, especificamente para a contribuição voltada para o aspecto profissional, dos dados coletados, evidencia-se que uma parcela significativa dos cientistas sociais não relata a importância da contribuição da área para a carreira profissional, e quando relata, imprime um tom de descrédito e pouca afeição, afirmando que a formação não implicou nem contribuiu para inserção no mercado profissional.

Em síntese, pode-se dizer que as ciências sociais refletiram mais pela satisfação intelectual/pessoal do que para a satisfação profissional e geração de ganhos financeiros. O fato preponderante e premente ao longo das respostas do questionário é a relação afetiva que a maioria dos egressos que responderam à pesquisa demonstrou em relação à graduação, ao mencionar o impacto pessoal que a formação em ciências sociais teve nas suas vidas.

Tabela 25 – Discriminação/preconceito identificada pelo egresso durante sua trajetória

Resposta	N	%
NÃO. Nunca sofri discriminação	43	34,00%
Discriminação de gênero (por ser homem ou mulher)	21	17,00%
Discriminação por ser cientista social (e suas variantes)	18	14,00%
Discriminação econômica	8	6,30%
Por causa de sua idade	7	6,00%
Outro	7	6,00%
Discriminação étnica, racial ou de cor	5	4,00%
Por causa de sua aparência física (gordo (a), magro (a), alto (a), baixo, etc.	5	4,00%
Por causa da religião ou pela ausência da religião	4	3,00%
Por ser ou ter se identificado como homossexual (gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual)	4	3,00%
Por causa do local de seu nascimento	3	2,40%
Por causa do lugar de sua moradia	1	0,80%
TOTAL	126	100,00%

Fonte: Elaboração própria.

Dos dados apresentados, vale ressaltar que a maioria já passou por algum tipo de preconceito em sua trajetória profissional, como é o caso de 65,6% dos ex-alunos da UFSCar. O preconceito mais mencionado foi o de gênero (por ser homem ou mulher). Por ora, não menos importante, mas que se relaciona com o objeto de estudo desta tese, é que 14,4% dos entrevistados associaram discriminação ao fato de serem cientistas sociais. Isso coloca a ponderação e correlação com teor de descontentamento da relação profissão *versus* inserção desses profissionais no mercado de trabalho verificado em diversas citações feitas ao longo das perguntas do questionário aplicado aos cientistas sociais entrevistados.

3.2.1 A Carreira e o Gênero

Em relação à questão do gênero no contexto dessa pesquisa, a discriminação não é novidade. No entanto, o fato dessas desigualdades observadas nos estabelecimentos se reproduzirem nas ocupações evidencia uma discriminação implementada pelo conjunto de seus membros, reproduzida pela profissão (Bonelli, 2012).

Na pesquisa, questões de gênero, raça e discriminação foram introduzidas para investigar possíveis relações de interseccionalidade entre esses aspectos no contexto das relações de trabalho, com o objetivo de identificar se as dimensões de gênero e raça se entrelaçam nas dinâmicas laborais, segundo a perspectiva dos respondentes. A discussão sobre interseccionalidade é mais abrangente do que o termo consubstancialidade, proposto por Danièle Kergoat (1978) na França, como uma abordagem não mecanicista para entender as práticas sociais de homens e mulheres diante da divisão do trabalho, considerando uma tríade de dimensões: classe, gênero e origem. Essa análise buscava identificar como essas dimensões se interligam na estrutura social. Em 1994, a jurista Crenshaw abordou mais aspectos do que aqueles contidos no conceito de consubstancialidade e agregou outras categorias, como relações sociais, entre as quais a sexualidade, a idade, a religião etc. No entanto, Kergoat criticou essa multiplicidade de categorias, pois alega que estas outras categorias adicionadas ao gênero, à raça e à classe mascaram as relações sociais: “[...] As posições não são fixas; por estarem inseridas em relações dinâmicas, estão em perpétua evolução e renegociação” (Kergoat, 2010, p. 98)

Não temos a ambição de entrar nessa discussão, mas não poderíamos ignorar que diante de um banco de dados seria, no mínimo, imprudente não analisar a correlação entre estas variáveis de gênero, raça e classe entre cruzando-as com questões relativas ao mercado de trabalho. A interseccionalidade, ao levar em conta as múltiplas fontes de identidade, nos ajuda a compreender as posições de gênero, raça e classe e suas consequências na experiência social e profissional ao explicar não somente as diferenças entre homens e mulheres, mas também as desigualdades entre brancos e negros, e a mistura do gênero com essas duas últimas variações com ênfase nas experiências das mulheres negras. Pois, considerando o gênero e a raça, os homens brancos têm os salários mais altos; em seguida, os homens negros e as mulheres brancas; e, por último, as mulheres negras têm salários significativamente inferiores (Guimarães, 2002, p. 13).

De acordo com as respostas dos profissionais egressos da UFSCar, é possível afirmar que, ao mobilizarem raça e gênero para explicar desigualdades salariais ou diferenças no desemprego e nas situações de precarização, não há diferenças evidentes de trajetórias profissionais segundo o gênero. Quando cruzamos dados como gênero *versus* pós-graduação na área de ciências sociais, tanto mulheres quanto homens têm igual percentual, a única diferença é que os homens se interessaram mais pela área da antropologia do que as mulheres. Em relação à variável planejamento de carreira *versus* gênero, também apresentam alta dispersão e nenhuma correlação entre si.

Tabela 26 – Discriminação/preconceito de acordo com o gênero

		GÊNERO			
Você já sofreu ou sofre algum tipo de PRECONCEITO (DISCRIMINAÇÃO) em sua TRAJETÓRIA PROFISSIONAL?		Feminino	Masculino	Outra	TOTAL
NR	NA	0	1	0	1
	% gênero	0,00%	1,40%	0,00%	0,80%
Discriminação de gênero (por ser homem ou mulher)	NA	21	0	0	21
	% gênero	37,50%	0,00%	0,00%	16,70%
Discriminação econômica	NA	2	6	0	8
	% gênero	3,60%	8,70%	0,00%	6,30%
Discriminação étnica, racial ou de cor.	NA	1	4	0	5
	% gênero	1,80%	5,80%	0,00%	4,00%
Discriminação por ser cientista social (e suas variantes)	NA	8	10	0	18
	% gênero	14,30%	14,50%	0,00%	14,30%
NÃO. Nunca sofri discriminação	NA	13	29	1	43
	% gênero	23,20%	42,00%	100,00%	34,10%

Outro	NA	3	3	0	6
	% gênero	5,40%	4,30%	0,00%	4,80%
Por causa da religião ou pela ausência da religião	NA	2	2	0	4
	% gênero	3,60%	2,90%	0,00%	3,20%
Por causa de sua aparência física (gordo(a), magro(a), alto(a), baixo, etc.	NA	1	4	0	5
	% gênero	1,80%	5,80%	0,00%	4,00%
Por causa de sua idade	NA	4	3	0	7
	% gênero	7,10%	4,30%	0,00%	5,60%
Por causa do local de seu nascimento	NA	0	3	0	3
	% gênero	0,00%	4,30%	0,00%	2,40%
Por causa do lugar de sua moradia	NA	0	1	0	1
	% gênero	0,00%	1,40%	0,00%	0,80%
Por ser ou ter se identificado como homossexual (gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual)	NA	1	3	0	4
	% gênero	1,80%	4,30%	0,00%	3,20%
Total	NA	56	69	1	126
	% gênero	100,00%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Nesta ótica, uma relação de gênero descompensada pode moldar não apenas a seleção profissional, mas também as formas de trabalho e emprego, assim como, reciprocamente, a flexibilização do trabalho pode reforçar formas mais estereotipadas das relações de gênero (Bonelli, 2012). Isso remete à diferenciação das oportunidades em relação ao gênero, cujos serviços profissionais podem "comprometer-se" ao competir com as demais identidades sociais atribuídas exclusivamente às mulheres, como a maternidade, o cuidado no matrimônio, entre outras, e com as identidades atribuídas com peso desigual, como a responsabilidade pelos afazeres domésticos, educação dos filhos, entre outras. No trecho a seguir, somada ao gênero, a idade também foi fator de discriminação:

Por um tempo trabalhei com diretores de empresas e durante esse período eu sempre tinha minha postura relativizada pelo viés de gênero e também pela idade, naquelas circunstâncias. Eram homens 20 anos mais velhos que eu, e eu sempre era tratada como 'menina' e minhas ideias colocadas em um lugar de alguém que talvez não devesse estar ali (Mulher, pós-graduada em engenharia de produção, se autodenomina socióloga, trabalha em área não relacionada às ciências sociais).

Assim, quais papéis sociais cabem à profissão de cientista social? Embora persistam as desigualdades, há mobilização para que todas as identificações sejam igualmente reconhecidas, sem que se imponha um papel social na profissão exclusivo ao gênero masculino ou ao feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese de doutorado, observou-se, a partir da análise dos alunos egressos do curso de ciências sociais da UFSCar desde a sua fundação, em 1991, as identidades formadas ao longo deste percurso entre graduação, pós-graduação e mercado de trabalho, como elas emergiram e o quanto foram ressignificadas.

São nas mudanças pelas quais tanto as profissões quanto o mundo do trabalho passaram nos últimos trinta anos - coincidindo com os primeiros formandos do curso de ciências sociais da UFSCar em 1994 - que centramos nosso argumento. E, portanto, questionou-se: Como estariam estes egressos atualmente, tendo como referência comparativa as várias pesquisas nacionais e internacionais sobre os cientistas sociais e seu mercado de trabalho dentro e também fora da academia? As obras selecionadas para conversar teoricamente com esta pesquisa e que discutiram sobre os cientistas sociais no mercado de trabalho, foram num primeiro momento escolhidas para serem contrapostas ao que, hipoteticamente imaginava-se encontrar. Porém, após construir o projeto de pesquisa, que, como qualquer outro projeto, parte de uma hipótese, esta foi sofrendo algumas alterações à medida que a pesquisa empírica se deparava com a realidade. As respostas dos cientistas sociais revelaram que a jurisdição das ciências sociais é muito perceptível nos espaços acadêmicos, mas predomina o problema dessas fronteiras com outras profissões na disputa por vagas no mercado de trabalho. Como esperado, 79% deles apontaram a precarização do trabalho.

As bases de nossa hipótese consideram a importância do curso de ciências sociais para fornecer instrumentos para a compreensão da realidade social e seu processo de mudança, bem como das relações interpessoais. Esse reconhecimento independe da trajetória profissional do egresso e de sua ocupação laboral, pelo treinamento mais reflexivo no conhecimento que compõe sua grade de disciplina. Assim, os cientistas sociais egressos da UFSCar, em sua maioria, sentem um impacto positivo do curso de graduação em ciências sociais sobre sua vida social e profissional, ainda que não estejam atuando na área.

Um conjunto de relatos indica que os egressos não revelam uma visão homogênea, nem mesmo coesa, e muito menos uma identidade única sobre a profissão de cientista social.

O que se observou, de fato, é que houve uma maior fragmentação das identificações após o curso, bem como das avaliações sobre os percursos laborais, refletindo-se nas identidades ao longo das trajetórias, conforme experiências vivenciadas. Diferenciais que marcam essas percepções relacionam-se a limitar a formação à graduação em ciências sociais, à não continuidade na área depois de formado e ao prosseguimento para o mestrado e para o doutorado, seja em ciências sociais, sociologia, antropologia e ciência política ou em outra área. Até mesmo o investimento em outra graduação ou em pós-graduação fora da área das ciências sociais revelou alguma positividade a despeito da profissão no mercado, embora também se registrem visões críticas. Estes fatores influenciam o mercado de trabalho após a "conclusão da graduação", moldando as opiniões dos egressos entrevistados. Os que fizeram a pós-graduação na área, quando existiam somente o mestrado e doutorado em ciências sociais, sentiram os reflexos da especialização da pós-graduação em sociologia, antropologia e ciência política; e o encerramento do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais produziu impacto nas redefinições de identidade e nas novas identificações profissionais. Além da fragmentação ainda maior da classificação das ocupações no mercado, que, como vimos, apresentam-se diversificadas em termos de nomenclaturas, somam-se à pluralização das identificações disciplinares, que se suturam às subjetividades dos egressos, articulando a ocupação com a formação nas identidades, além de outros pertencimentos. Observemos: "Integralmente, eu me sinto uma socióloga até em minhas relações mais subjetivas" (Mulher, branca, professora e pesquisadora em Universidade Pública).

Partindo de referências teóricas que reconhecem a identidade como uma categoria não fixa e que é sujeita a negociações nas interações, é perceptível que todo o contexto de mudança no mundo do trabalho, nas profissões e na sua interconectividade social se reflete nas identificações dos egressos do curso de graduação em ciências sociais da UFSCar, que relacionam seus laços profissionais com pertencimentos de gênero e étnico-raciais entre outras diferenças.

Apesar da autoclassificação profissional apresentar-se fragmentada, com o uso de várias denominações oriundas do mercado de trabalho, observa-se o uso da autodefinição como cientista social. Sendo a identidade profissional uma ordem negociada, mutável,

sujeita a ressignificações, chama a atenção entre os respondentes, a longevidade na identificação com o curso, que aumenta entre aqueles que seguem nas pós-graduações na área, especializando a nomeação identitária. A desidentificação com a profissão é maior do que a com o curso, mas, mesmo entre os que não deram continuidade aos estudos após a graduação, a identidade como cientista social está presente. As condições desfavoráveis à profissionalização são criticadas, mas predomina a percepção diferenciada sobre a formação – muitas vezes revelando memórias afetivas sobre o curso e a convivência social - e o exercício no mercado de trabalho. As evidências empíricas da pesquisa apresentadas nesta tese revelam que o processo de escolarização mais longo e desenvolvido no ambiente universitário do *campus* é bastante significativo para os egressos, indo além do fornecimento de uma credencial para o exercício de uma profissão. Assim, um longo processo de escolarização pode ganhar sentidos ainda mais abrangentes do que a relevância do aprendizado de um ofício e a obtenção de uma “credencial” para o exercício profissional. Isso significa que o curso de ciências sociais da UFSCar teve impacto positivo sobre a maioria dos alunos formados tanto em termos de conhecimentos quanto de afetos partilhados em um ambiente universitário no interior do estado de São Paulo. Esse reconhecimento é expresso pela maioria dos respondentes, embora vários deles compartilhem suas críticas no questionário.

Os dados da pesquisa revelaram que, entre aqueles que forneceram informações sobre sua ocupação (Tabela 21), em primeiro lugar estavam os egressos trabalhando como professores/pesquisadores universitários, em segundo lugar, aqueles exercendo ocupações em empresas privadas fora da área e em terceiro lugar, os que continuavam os estudos no mestrado ou doutorado. Comparando as expectativas que tinham na graduação (Tabela 17), quando 35,78% esperavam ser docentes/pesquisadores acadêmicos, no momento da pesquisa, 17,5% estavam na docência pública ou privada e 8,7% estavam cursando a pós-graduação ou atuavam como pesquisadores, observando-se novas trajetórias em relação ao que se desejou inicialmente. Foram apontados como principais percalços nesse caminho, as dificuldades financeiras, a dificuldade de inserção no mercado ou a insatisfação com o campo profissional (Tabela 20).

Outro aspecto tratado na pesquisa refere-se às dimensões de gênero, raça/cor e aos processos de discriminação (Tabela 15). Observa-se que 34% dos respondentes

informaram nunca ter sofrido discriminação. Isso ganha sentido pela composição da amostra, que conta com a maioria de homens (54,8%), de brancos (74,5%) e heterossexuais. Para os egressos que percebem/perceberam a discriminação em algum momento de sua trajetória desde o ingresso na universidade, ela é entrecortada por dimensões de gênero, classe e raça, chamando a atenção para a menção à discriminação por ser cientista social. Ao indagar, na tese, como pensar os egressos em termos de profissão e trabalho, delineou-se o dilema enfrentado ao longo dos capítulos. Os egressos em ciências sociais, em termos profissionais, apresentam maior fragmentação, com uma parcela bastante profissionalizada, com jurisdições demarcadas segundo a especialização disciplinar e o controle do acesso às posições disponíveis, como ocorre no âmbito acadêmico e em algumas poucas posições fora dessas instituições. Entretanto, nos demais espaços de exercício da atividade há dificuldades de profissionalização e disputas com outras profissões, que se aguçaram nos últimos anos. Mesmo onde há regulamentação, como no ensino de sociologia na educação básica, a flexibilização de regras vem se ampliando e ameaçando o que se havia conquistado. Em geral, há um processo de precarização que atinge amplamente os formados, que estejam em exercício de uma *expertise*, de uma atividade qualificada ou de um trabalho rotineiro. A fragmentação desafia as percepções de que se trata ainda de um grupo profissional, havendo aqueles que se desidentificaram, aqueles que manuseiam suas identificações em função das especializações ou da ocupação no mercado de trabalho e aqueles que vivenciam o reforço de seu pertencimento.

Por fim, entende-se que a precarização não deve ser entendida como falha individual dos profissionais, mas como expressão das transformações macroestruturais do capitalismo contemporâneo com autores como Foucault e Srnicek, insere a experiência dos egressos no contexto mais amplo da racionalidade neoliberal, na qual a responsabilidade pelo fracasso recai sobre o indivíduo, ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho se reconfigura sob a lógica da plataforma, da *gig economy* e da flexibilização extrema. Reforçando isso, vimos, anteriormente, que no relatório de pesquisa da ANPOCS junto aos egressos das ciências sociais, ainda que não mobilize esses referenciais de forma explícita, aponta para o mesmo horizonte ao descrever o aumento das exigências, a retração das oportunidades e a maior competição por

recursos escassos, indicando que a vulnerabilidade dos cientistas sociais é também produto de rearranjos estruturais. Desse modo, a comparação dos achados da ANPOCS com os resultados desta pesquisa revela uma forte coerência: ambos evidenciam que a inserção profissional dos cientistas sociais no Brasil ocorre em um ambiente marcado por escassez, falta de reconhecimento, instabilidade e precariedade institucionalizada. A convergência entre as duas pesquisas reforça a robustez das conclusões e demonstra que o problema não está localizado em regiões ou instituições específicas, mas é sistêmico, estrutural e diretamente vinculado ao modelo de desenvolvimento do trabalho qualificado no país.

Assim, por meio da pesquisa, demonstramos o objetivo proposto nesta tese: que há uma associação entre um maior investimento na formação educacional e uma avaliação mais positiva dessa experiência, em termos de identificação. Embora a identidade com o curso seja muito diferente da identificação com a profissão, que está mais associada à experiência profissional e à construção de carreira, parte dos egressos se percebe tendo um trabalho, e não uma profissão. Vários deles compartilharam a visão de que sentem ter uma formação profissional, mas, na prática, foram predominantemente preparados no curso para uma atuação voltada à área acadêmica. Além disso, veem na confrontação do curso com o mercado de trabalho extrauniversitário os processos de precarização, em particular das condições do cientista social que tem uma visão mais ampla e conseguiria trabalhar com uma gama de assuntos que a urgência do mundo social requer. Como já mencionado, a precarização se espalhou por diversos segmentos de atuação profissional, inclusive pelos mais desejados.

Ao mesmo tempo, os egressos criticaram a falta de ferramentas, como *softwares*, a articulação do arsenal teórico das ciências sociais com o que o mercado requer e a ausência da oferta de licenciatura. Para eles, esses aspectos deixam a desejar, o que faz com que esses egressos da UFSCar não ocupem, atualmente, um espaço maior do que o existente.

Nesse sentido, as experiências de atuação dos cientistas sociais no mercado de trabalho, expressas pelos respondentes, revelam aspectos mais negativos do que positivos. Entretanto, tais percepções estão mais presentes entre os egressos do que entre os estudantes que frequentam o curso de graduação em ciências sociais da

UFSCar, grupo que propôs a retirada da parte prática de métodos quantitativos no ensino da disciplina. Considerando que os processos identitários iniciados no curso têm ampliado a autoclassificação de discentes quanto à definição de ênfases em sociologia, antropologia e ciência política, em termos dessas interações, a ordem negociada no curso de ciências sociais tem se tornado mais complexa.

O recorte por décadas, portanto, permite delimitar contextos institucionais relativamente coesos e favorece a análise da formação profissional à luz dessas transformações curriculares.

A maior conectividade do profissionalismo com relações sociais mais amplas, que hoje se estabelecem e se influenciam mutuamente, está presente nas avaliações e críticas de egressos, de estudantes e de demais interlocutores. A tese espelha uma parte dessas negociações de sentidos, em especial aquelas que avaliam, para os graduados em ciências sociais, como ponto frágil, os desafios de se reconhecerem ou serem reconhecidos no mercado de trabalho. Parte dos egressos e dos autores que analisaram essa temática considera que tal quadro pode ser revertido a partir dos pontos fortes das ciências sociais, a saber: o amplo conhecimento e a visão crítica.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **PassaPalavra**. 19 fev. 2017. Disponível em: <https://passapalavra.info/2017/02/110685/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ABBOTT, Andrew Delano. **The system of professions: an essay on the division of expert labor**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

ABDAL, Alexandre. Métodos De Pesquisa Em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo, 2016. Artigo, o que é? Tem que ser referenciado corretamente.

ANDRION, Roseli. Antropologia e inteligência artificial são usadas para transformar escuta corporativa. **FAPESP Pesquisa para Inovação**. 18 mar. 2025. Disponível em: https://pesquisaparainovacao.fapesp.br/antropologia_e_inteligencia_artificial_sao_usadas_para_transformar_escuta_corporativa/3513. Acesso em: 09 abr. 2025.

ANTUNES, R. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 2, p. 55-59, 1999. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v2i0p55-59. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25822>. Acesso em: 8 dez. 2022.

APPIAH, Kwame Anthony. Identidade como problema. In: SALLUM JR., Brasília; SCHWARCZ, Lilia M.; VIDAL, Diana; CATANI, Afrânio (Orgs.) **Identities**. São Paulo: Edusp, 2016, pp.17-32.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: Obras escolhidas**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, Howard S, **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Hucitec, 1999.

BRAGA, Eugenio C. F. Novos elementos para uma sociologia dos cientistas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 26, 2011.

BRAGA, Eugenio C. F. Cientistas Sociais extra-universitários: identidade profissional no mercado da pesquisa. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.26, p.141-167. 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/1322/1057>. Acesso em: 20 out. 2020.

BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Claudia. A Sociologia como profissão. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 5, 2017.

BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Claudia. Mercado de trabalho para os sociólogos e a Sociologia no ensino médio. **Revista Coletiva**, Jun. 2013

BLOIS, J.P. Sociologists and Dirty Work in Argentina. **The American Sociologist**, v. 53, p. 63-90, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12108-021-09525-w>
Acesso em: 23 dez. 2024.

BLOIS, Juan Pedro. Entre la autonomía y la heteronomía. Socialización universitaria y prácticas profesionales de los sociólogos en la Argentina. **Revista de Ciencias Políticas y Sociales**, año LVIII, n. 218, 2013.

BLOIS, Juan Pedro. La Sociología como profesión em Argentina desde mediados del siglo XX. **Cadernos de Pesquisa**. v.47, n.165, p.938-962, 2017.

BONELLI, Maria da Gloria. **Identidade profissional e mercado de trabalho dos cientistas sociais**: as ciências sociais no sistema das profissões. 1993. 298f Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581997>. Acesso em: 3 out. 2022.

BONELLI, Maria da Gloria, Profissionalismo, generificação e racialização na docência do Direito no Brasil. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 17, n. 2, maio/ago. 2021.

BONELLI, M.G; NUNES, J.H; MICK, J. Ocupações e Profissões na Sociedade Brasileira de Sociologia: balanço da produção (2003-2017). **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 5, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p?

Maria da Glória Bonelli¹ Jacob Carlos Lima² Maria Inês Mancuso³ Maria Aparecida de Moraes Silva⁴ VENTURAS E AVENTURAS: OS 15 ANOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFSCAR. contemporanea_vol12n2_2022_03_art_esp_467-479

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, jun. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228661452_Diferenca_diversidade_diferencia_cao. Acesso em: 09 abr. 2025.

BRAUN, Virginia. Coleta de dados qualitativos: um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BURAWOY, M. **Por uma sociologia pública**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAGURI, M. M.; FREITAS, G. de; CANDIDO, M. R.; CATELANO, O. Z. Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais: Relatório de Pesquisa. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6128. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6128>. Acesso em: 6 maio. 2025.

COLLINS, Patricia Hill (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, pp.99-127, 2016.

COSTA, A. F.; MACHADO, F. L.; ALMEIDA J. F. Estudantes e amigos – trajetórias de classe e redes de sociabilidade. **Análise Social**, v. XXV, n. 105-106, 1990.

CORDEIRO, Marina de Carvalho. “**Você tem tempo?**” Uma análise das vivências temporais dos cientistas sociais na sociedade contemporânea. 2013. Tese de doutorado. 303 pg. Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA. UFRJ, 2013.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, Set./Dez, 2004.

DIEZ, M. A. La sociología como profesión: desencuentros entre la formación académica y la inserción laboral^{1,2}. **Cadernos De Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 912–937, 2017. <https://doi.org/10.1590/198053144355>

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. Classe e identidade: substituição ou mistura? In: SALLUM JR, B.; SCHWARTZ, L.M; VIDAL, D.; CATANI, A. (orgs) **Identidades** São Paulo, EDUSP, 2016.

DUBAR, Claude. **A crise das Identidades**: A interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento. 2006.

DUBAR, Claude. Construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa** v.42. p.351- 367, 2012.

DWYER, Tom. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. BRAGA, Eugenio. Esboço De Uma Morfologia Da Sociologia Brasileira: Perfil, Recrutamento, Produção E Ideologia. **Revista Brasileira de Sociologia** [en linea]. v. 1, n. 2, p. 145-179, 2013.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=595775477007>. Acesso em 20 out. 2024.

EVETTS, J. International Professional Associations: The New Context for Professional Projects. **Work, Employment and Society**, v. 9, n. 4, p. 763-772, 1995. <https://doi.org/10.1177/095001709594007> (Original work published 1995)

EVETTS, J. Professionalism in turbulent times: Challenges to and opportunities for professionalism as an occupational value. **Journal of the National Institute for Career Education and Counselling**, v. 27, p. 8-16, 2011. 10.20856/jnicec.2703. (2011).

EVETTS, J. Professions in turbulent times: Changes, challenges and opportunities. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 88, p. 43-59, 2018. 10.7458/SPP20188814797.

FGV. **Memória das Ciências Sociais no Brasil**. [2025]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais>. Acesso em: 09 abr. 2025.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

FAULCONBRIDGE, James; MUZIO, Daniel. Professions in a Globalizing World: Towards a Transnational Sociology of the Professions. **International Sociology**. v. 27, 2012. 10.1177/0268580911423059.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e dos conhecimentos formais. **19º Encontro Anual da ANPOCS**, 1995.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 18 edição, 2011.

GONÇALVES, C. M.; PARENTE, C.; VELOSO, L. (2017). Licenciados em Sociologia e o mercado de trabalho na transição do milênio. **Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto**, v. 14, 2017. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2468>. Acesso em: 09 abr. 2025.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLIDAY, Terence. Politics and Civic Professionalism: Legal Elites and Cause Lawyers. **Law & Social Inquiry**, v. 24, n. 4, p. 1013-1060, 1999. DOI:10.1111/j.1747-4469.1999.tb00417.x

HUGHES, Everett C. **The Sociological Eye**: selected papers. New Brunswick (USA), Transaction Books, 1984.

INEP. **PAINEL ESTATÍSTICO – CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**. [2025]. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMGJiMmNiNTAtOTY1OC00ZjUzLTg2OGUtMjA5YjYTA5YjJiliwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWMtNGIxZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9&pageName=ReportSection4036c90b8a27b5f58f54>. Acesso em: 09 abr. 2025.

KAMATA, Satoshi. **Japan in the passing lane**: an insider's account of life in a Japanese auto factory. New York: Pantheon Books, 1983.

KOVÁCS, Ilona. Emprego flexível em Portugal. **Sociologias [online]**. n.12, pp.32-67, 2004.

LEHER, R. Mercantilização e subsunção do trabalho na universidade: reflexões sobre o novo ciclo de reformas do capital no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1375-1399, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4T6gGLvhMB9b3fvk5bgPwMh>

LIMA, Jacob C. **A globalização da precariedade**: a informalidade em tempos de trabalho flexível in Retratos do trabalho no Brasil, 1ª edição, EDUFU- Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

LIMA, Jacob C.; HOLZMAN, Lorena. **Tempo, espaço e trabalho**. In Eckert, C.e Rocha, A.L.C. Etnografias do trabalho, narrativas do tempo. Porto Alegre: Marcavisual, 2015.

LIMA, Jacob C.; MARTINS Jr., Angelo. Mobilidades diferenciadas e ilegalidades institucionalizadas – Tendências e contradições do trabalho na contemporaneidade. **Revista Tempo Social (USP)**, v. 30, n.1, p. 31-51, 2018.

LIU, Sida. Professional Impurities. **Research in the Sociology of Work**, v. 34, p. 147- 167, 2020. Disponível em: Acesso em: https://www-emerald-com.translate.goog/insight/content/doi/10.1108/s0277-283320200000034010/full/html?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=op,sc. 09 abr. 2025.

LIU, S.; EMIRBAYER, M. Field and Ecology. Sociological Theory. **Teoria Sociológica**, v. 34, n. 1, p. 62-79, 2016. <https://doi.org/10.1177/0735275116632556> (Trabalho original publicado em 2016)

MAIA, J. M. Ciências Sociais, Trabalho Intelectual e Autonomia: Quatro Estudos de Caso sobre Nós Mesmos. **Dados**, v. 62, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/001152582019178>. Acesso em: 09 abr. 2024

MANCEBO, D. Política de expansão da educação superior no Brasil

contemporâneo: entre a democratização e a diversificação institucional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 1053-1072, 2013.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/QKyJmCvwkGxsJqg7vSCC4xk/>

MUZIO, D.; FAUCONBRIDGE, J. Global professional service firms and Institutionalization. **Professional Networks in Transnational**

Governance. Cambridge University Press, p. 219-232, 2017. Disponível em: <https://pure.york.ac.uk/portal/en/publications/global-professional-service-firms-and-institutionalization>. Acesso em: 09 abr. 2025.

NOGUEIRA, Oracy. José Albertino Rosario Rodrigues. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1/2, p. 199–203, 1992. DOI: [10.1590/ts.v4i1/2.84937](https://doi.org/10.1590/ts.v4i1/2.84937). Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/84937>. Acesso em: 1 jul. 2025.

PALENCIA, Eladio A. O. **Do sociólogo erudito ao sociólogo de mercado: patrocínio e redes de legitimação na sociologia brasileira**. 2005. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação, UNB. 2005.

PARK, Robert E. Human Ecology. **American Journal of Sociology**, v. 42, n. 1, p.1– 15, 1936.

PATON, S.; HODGSON, D.; MUZIO, D. The price of corporate professionalisation: analysing the corporate capture of professions in the UK and consequences for expert labour. **New Technology Work and Employment**, v. 28, n.3, p. 227-240, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. A transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo: Makron Books, 2001.

RODRIGUES, Maria. **Sociologia das Profissões**. 2002.

SILVA, Renato Luz; RIBEIRO, Paulo Ricardo de Oliveira; ANDRADE, Mayse de Oliveira. O descaso com a política educacional no Governo Bolsonaro. In: ZIMMERMANN, Clovis Roberto (org.). **Políticas sociais no Governo Bolsonaro: entre descasos, retrocessos e desmontes**. Buenos Aires: CLACSO, abril de 2022.

SALLUM Jr., Brasílio; SCHWARCZ, Lilia. M; VIDAL, Diana; CATANI, Afrânio (orgs.) **Identidades**. SP: EDUSP, 2016.

SASSEN, S. Una sociología de la globalización. **EURE**, Santiago, v. 34, n. 102, 2008.

SLAY, H. S.; SMITH, D.A. Construção de identidade profissional: Utilizando a

narrativa para entender a negociação de identidades culturais profissionais e estigmatizadas. **Relações Humanas**. v. 64, n. 1, p. 85-107, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0018726710384290>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SGUISSARDI, V. **A universidade brasileira nos anos 2000**: democratização ou massificação mercantil? São Carlos: EdUFSCar, 2009.

SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras**: A Busca de Identidade. São Paulo: EDUSP, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica**: investigação social e enquete operária, São Paulo, Polis, 1987, p. 32-34. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7487840/mod_resource/content/1/Michel%20J.%20M.%20Thiollement%20%20Cr%C3%ADtica%20metodol%C3%B3gica%2C%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre a pesquisa-ação. **Serviço social & sociedade**. São Paulo: Cortez, v. 4, n. 10, p. 123-141, dez. 1982.

TORINI, Danilo M. **Formação e identidade profissional**: a trajetória de egressos de Ciências Sociais. 2012. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2012. UNIVERSIDAD NACIONAL DE GENERAL SARMIENTO, ARGENTINA.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

NOME DO EGRESSO:

ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO:

Essa nossa conversa é mais uma reflexão sobre o curso de graduação em Ciências Sociais e como ele colaborou, influenciou ou não sua trajetória profissional até aqui.

1. Para iniciar, gostaria que você me contasse um pouco sobre sua atividade profissional hoje. O que você faz? (Explorar: Tempo / Desde quando realiza essa atividade)
2. Agora eu gostaria que você refletisse sobre qual a relação das Ciências Sociais com essa sua atividade laboral. Independente da relação direta ou não com a área, você sente aquela graduação concluída em (dizer o ano) colaborando de alguma maneira para suas habilidades e conhecimentos aplicados hoje na sua vida profissional?
3. E para sua vida cotidiana, sua visão de mundo, o quanto as Ciências Sociais contribuem/contribuíram para formá-la?
4. O quanto você se sente satisfeito(a) com sua atividade laboral hoje? O quanto você se identifica com seu trabalho atual?
5. Como você se identifica enquanto profissional? Você se sente um(a) cientista social (Antropóloga, Socióloga, Cientista Política/o) ou usa outra autonegação?
6. Você se considera conectado(a) ou desconectado(a) daquilo que produz?
7. Qual o modelo de trabalho que você tem hoje? (Modelo flexível de trabalho, CLT, home office, etc.)
8. E com relação às condições de trabalho a que você está submetido(a), como você as enxerga? (Perceber se condições de precarização são reconhecidas)
9. Como é sua jornada de trabalho (descanso, lazer, vida pessoal)?
10. E com relação ao mercado do cientista social, na sua visão de egresso(a), independente da área em que você atua, como você percebe o mercado de trabalho dos cientistas sociais hoje (antropólogos, sociólogos e cientistas políticos) em termos de instabilidades, fragilidades e precariedades?
11. Você tem alguma pretensão profissional relacionada à área de Ciências Sociais, alguma atividade ou posição que intente chegar?
12. Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar ou expressar? Agradeço imensamente sua participação.

APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES

Formulário Pesquisa Egressos de Ciências Sociais - UFSCar.

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este roteiro não coleta informações que permitam sua identificação pessoal, não há identificação do respondente.

Na divulgação dos resultados desse estudo, os dados serão apresentados de modo agregado.

ESSA NOSSA CONVERSA É MAIS UMA REFLEXÃO SOBRE O CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E COMO ELE COLABOROU, INFLUENCIOU OU NÃO SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL ATÉ AQUI.

O formulário está dividido em duas partes, sendo a primeira sobre seu perfil acadêmico e profissional e uma segunda parte com dados de perfil. Vamos lá?

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

Pular para a pergunta 2

Banner

SOCIOLOGIA 15 anos UFSCar
Programa de Pós-graduação em Sociologia

SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA É FUNDAMENTAL PARA A REALIZAÇÃO desse ESTUDO sobre **EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS da UFSCar**, com o objetivo de registrar a trajetória profissional dos ex alunos. Nesta primeira fase trata-se de uma pesquisa quantitativa que fará parte de uma tese de doutorado e os dados serão tratados no seu conjunto **NÃO EXISTE IDENTIFICAÇÃO** nesse QUESTIONÁRIO sua **RESPOSTA** vai de forma **AUTOMÁTICA** para o processamento dos dados. Esta pesquisa **NÃO COLETA E-MAILS**.

Em conformidade com o **Art. 18, da Lei nº 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados**, eu **ÉRICA REGINA** condutora desta pesquisa disponibilizo meu e-mail **erica@estudante.ufscar.br** para que o titular dos dados exerça o seu direito, de obter informações sobre o tratamento dos dados pessoais, no prazo de 15 (quinze) dias do requerimento deste. (Art. 19, da LGPD). Todas as informações coletadas neste formulário serão utilizadas, exclusivamente, para fins acadêmicos.

PESQUISA EGRESSOS CIÊNCIAS SOCIAIS UFSCar - 2022

2. O curso de graduação em ciências sociais na UFSCar é bacharelado. Você fez alguma complementação pedagógica no sentido de obter a Licenciatura?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não
- ☐ Sim. Na área de Ciências Sociais (Ciências Sociais, Antropologia, Ciência Política ou Sociologia)
- ☐ Sim. Mas, em outra área.

3. Fez alguma pós-graduação na área Ciências Sociais? Se sim, qual(is)?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Mestrado em Ciências Sociais
- ☐ Mestrado em Antropologia
- ☐ Mestrado em Ciência Política
- ☐ Mestrado em Sociologia
- ☐ Doutorado em Ciências Sociais
- ☐ Doutorado em Antropologia
- ☐ Doutorado em Ciência Política
- ☐ Doutorado em Sociologia
- ☐ Não fiz nenhuma pós-graduação em área das Ciências Sociais

4. Você iniciou/fez pós-graduação em OUTRA ÁREA?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ NÃO. Não fiz pós-graduação em outra área
- ☐ SIM. Fiz pós-graduação em outra área

5. Você avalia que tornar-se pós-graduado (mestre, doutor, MBA) causou um impacto positivo na sua trajetória profissional ou sentiu pouca ou nenhum impacto na sua carreira/vida profissional?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Causou Impacto
- ☐ Pouco impacto
- ☐ Nenhum impacto
- ☐ Não fiz pós-graduação em outra área

6. Quando entrou no curso de Ciências Sociais da UFSCar, qual era seu objetivo inicialmente na área? Com o que planejava trabalhar, isto é, como pretendia atuar enquanto cientista social diante das perspectivas naquele tempo?

7. Como foi sua trajetória profissional após a saída da graduação?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Já iniciei e/ou terminei uma outra graduação
- ☐ Já iniciei uma outra pós-graduação
- ☐ Descansei um pouco
- ☐ Comecei a trabalhar na ÁREA de Ciências Sociais
- ☐ Comecei a trabalhar, mas NÃO na ÁREA de Ciências Sociais
- ☐ Cuidei da vida pessoal
- ☐ OUTRO (Especificar)

8. Como você avalia esse percurso após a conclusão da graduação::

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Positivo
- ☐ Negativo
- ☐ Nem positivo nem negativo

9. Pensando no seu trabalho hoje, HOUVE PLANEJAMENTO DE CARREIRA para CHEGAR ONDE CHEGOU?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim. Houve um planejamento
- ☐ Posso dizer que foi mais ou menos planejada
- ☐ Não. Não foi planejada

10. Você diria que um ou mais fatos ou dificuldades SIGNIFICATIVOS no CONTEXTO de sua vida fizeram com que sua CARREIRA profissional seguisse um NOVO RUMO?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ NÃO. ESSA TRAJETÓRIA, em grande parte, FOI PLANEJADA e não tive percalços significativos ao longo do caminho
- ☐ NÃO. ESSA TRAJETÓRIA, em grande parte, NÃO FOI PLANEJADA e não tive percalços significativos ao longo do caminho
- ☐ SIM. Foi PLANEJADA, mas TIVE PERCALÇOS.
- ☐ SIM. Não foi PLANEJADA e TIVE PERCALÇOS.
- ☐ Outro: _____

11. Independente de planejamento se você sente que houveram percalços SIGNIFICATIVOS que te tiraram da 'rota' desejada, esperada em termos profissionais, abaixo Apresentamos ALGUMAS OPÇÕES, PODE ANOTAR QUANTAS ACHAR NECESSÁRIO caso elas façam sentido para você.

Marque todas que se aplicam.

- ☐ a. Problemas de saúde
- ☐ b. Problemas emocionais
- ☐ c. Maternidade / paternidade
- ☐ d. Incompatibilidade com o curso
- ☐ e. Insatisfação com o campo profissional
- ☐ f. Dificuldades financeiras que o fizeram optar por trabalhos fora da área de atuação
- ☐ g. Dificuldades familiares mudanças, doenças ou perda de familiares.
- ☐ h. Dificuldades no relacionamento social / interpessoal
- ☐ i. Relações amorosas / conjugais que o afastaram de seus objetivos profissionais, ou mudaram percursos.
- ☐ j. Conflitos de valores / conflitos religiosos
- ☐ k. Assédio, bullying, perseguição, discriminações e preconceitos
- ☐ l. Dificuldade de acesso a materiais e meios de estudos (professor orientador, livros, computadores, outros)
- ☐ m. Dificuldade de acesso à universidade no local onde morou ou Tempo de deslocamento para chegar à universidade
- ☐ n. Dificuldades de aprendizado
- ☐ o. Falta de disciplina/ hábito de estudo
- ☐ p. Dificuldade de conciliar trabalho e estudo, ou estudo e filhos
- ☐ q. Carga excessiva de trabalhos estudantis
- ☐ r. Relação professor / estudante
- ☐ s. OUTRO. Especifique:

t. E HOJE, PROFISSIONALMENTE falando, com o que você se ocupa? *

Esta questão é muito importante. . Por gentileza, leia atentamente todos os campos e assinale o(s) que melhor representa(m) a sua situação ocupacional hoje, você pode selecionar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- ☐ EDUCAÇÃO - Professor(a)/Pesquisador(a) Universidade Pública
- ☐ EDUCAÇÃO - Professor(a)/Pesquisador(a) Universidade/Faculdade Privada
- ☐ EDUCAÇÃO Professor(a) do ensino médio, fundamental II e professor(a) de curso pré-vestibular
- ☐ EDUCAÇÃO - Professor(a) eventual/substituto, temporário (IES e Educação Básica I e II) e professor(a) particular (sem vínculo formal)
- ☐ EDUCAÇÃO - Professor(a) Tutor(a) EAD
- ☐ EDUCAÇÃO - Professor(a) ensino infantil e fundamental I
- ☐ PÓS-GRADUANDO(A) STRITO SENSU - mestrando(a), doutorando(a) e pós-doutorando(a) bolsista ou não.
- ☐ PÓS-GRADUANDO(A) LATO SENSU - MBA, especialização.
- ☐ Graduando(a) bolsista ou não.
- ☐ Antropólogo(a), cientista social, cientista político (político(a), secretário(a) municipal, assessor(a) político(a) , sociólogo(a), indigenista, agente social, cargos em políticas públicas. etc. FUNCIONÁRIO(A) PÚBLICO(A) concursado(a) ou não, que TRABALHA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (exceto professores)
- ☐ Antropólogo(a), cientista político(a), cientista social, sociólogo(a), socioambientalista, trabalhador de ONG, indigenista, agente social etc. FUNCIONÁRIO(A) EMPRESA PRIVADA que trabalha na área das ciências sociais (exceto professores)
- ☐ Administrador(a), gerente, coordenador(a), gestor(a), técnico(a), corretor(a) de imóveis e seguros, etc. Trabalha no Setor PRIVADO instituições de crédito, seguros e capitalização.
- ☐ Advogado(a) não vinculado ao setor público
- ☐ Cargos técnicos executivos no SESC, SENAC, SENAI e SESI (entidades paraestatais de interesse coletivo) como educador social entre outros.
- ☐ Pesquisador(a) acadêmico(a) bolsista ou não
- ☐ Pesquisador(a) de mercado e opinião pública, incluindo Free lancer.
- ☐ Administrador(a), gerente, coordenador(a), gestor(a), técnico, corretor(a) de imóveis e seguros, etc. Trabalha no Setor PRIVADO instituições de crédito, seguros e capitalização.
- ☐ Técnicos e/ou Gerentes de órgãos e repartições públicas, incluindo bancos públicos, instituições de ensino públicas etc. Funcionário(a) público(a) concursado Não ligado à área das Ciências Sociais.
- ☐ Empresário(a)
- ☐ Jornalista, escritor(a), biblioteconomista, profissional de marketing, etc. (Área da

COMUNICAÇÃO)

- ☐ Ator/atriz, Cantor(a), Professor(a) de Música, Assistente, Coordenador, Diretor de Projetos Culturais e Artísticos, etc. (ÁREA ARTÍSTICA)
- ☐ Médico(a), Enfermeiro(a), Obstetra, Fisioterapeuta, Psicólogo(a) áreas afins. (ÁREA DA SAÚDE)
- ☐ Nutricionista, Gastrônomo(a) áreas afins (ÁREA de ALIMENTOS)
- ☐ Arquiteto(a), Engenheiro(a) (ÁREA da Construção Civil, Engenharias) Trabalho autônomo área diversa
- ☐ OUTRO

Seção sem título

- u. Em sua atividade laboral hoje e sua conexão e identificação com ela. Você diria que se sente

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Conectado(a)/Identificado(a) com o trabalho que trabalho que produzo
- ☐ Desconectado(a) / Não identificado(a) com o trabalho que produzo
- ☐ Me sinto PARCIALMENTE Conectado(a)/Identificado(a) com o trabalho que trabalho que produzo;
- ☐ Outro: _____

- v. Como você se identifica enquanto profissional? Você se sente um(a) cientista

* social, antropólogo(a), sociólogo(a), cientista político(a) OU usa outra AUTONOMEAÇÃO?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cientista Social
- ☐ Antropólogo(a)
- ☐ Sociólogo(a)
- ☐ Cientista Político(a)
- ☐ Usa outra autônomação

- w. Onde, profissionalmente, você imagine estar nos próximos 5 anos? Pode anotar mais de uma opção, inclusive outro e anotar uma resposta original.

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Lecionando em universidade pública /Em projetos de pesquisa acadêmica
- ☐ Concursado/Servidor Público fora da área da ciências sociais
- ☐ Em posição superior a que me encontro hoje na empresa em que trabalho
- ☐ Continuar trabalhando onde estou hoje
- ☐ Estar trabalhando fora da área das ciências sociais
- ☐ Estar trabalhando dentro da área das ciências sociais
- ☐ Lecionando no em Universidade privada
- ☐ Fazendo/concluindo o doutorado
- ☐ Ter minha empresa
- ☐ Não sei responder

- x. Na sua opinião existe alguma PRECARIZAÇÃO nas experiências de inserção no mercado profissional?

Por PRECARIZAÇÃO entendemos tanto a aferição de CRITÉRIOS OBJETIVOS que asseguram e garantem os direitos sociais e trabalhistas – através da formalidade do trabalho, por exemplo, ou pela natureza e tipo de vínculo empregatício do trabalhador – COMO PELA EXPERIENCIA SUBJETIVA que os trabalhadores têm desses mecanismos sociais e institucionais de proteção, reconhecimento e sociabilidade da profissão de cientista social (cientista político, antropólogo e sociólogo).

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez
- ☐ Não sei dizer

y. E com relação ao mercado do cientista social na sua visão de egresso,

* independente da área que você atua, como você percebe o mercado de trabalho dos cientistas sociais hoje?

z. O quanto as ciências sociais contribui para a realização do seu trabalho HOJE? E quanto à sua vida cotidiana e sua visão de mundo o quanto o curso de ciências sociais contribui/ já contribuiu?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Contribui MUITO para a realização do meu trabalho e também para minha vida cotidiana e visão de mundo
- ☐ Contribui MUITO para a realização do meu trabalho, porém pouco para minha vida cotidiana e visão de mundo
- ☐ Contribui MUITO na minha vida cotidiana e visão de mundo e POUCO ou quase nada no meu TRABALHO
- ☐ Contribui MUITO para minha visão de mundo, porém muito pouco para meu trabalho e vida cotidiana.
- ☐ Contribui quase nada para a realização do meu trabalho, minha vida cotidiana e visão de mundo.
- ☐ Outro: _____

aa. Agora adentrando na segunda parte do questionário. DADOS DE PERFIL
Qual o ano de seu nascimento?

bb. Sobre gênero como você se identifica?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outra identificação de gênero

cc. Sobre sua raça e pertencimento étnico racial, como você se identifica?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Amarela
- ☐ Branca
- ☐ Indígena
- ☐ Parda
- ☐ Preta
- ☐ Outra
- ☐ Prefiro não me classificar

dd. Por favor me conta um pouco sobre sua família, **qual o grau de instrução de seus pais?** Começando por sua mãe, qual o grau de escolaridade?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem instrução, não alfabetizado
- ☐ Sem instrução, sabe ler e escrever
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Especialização, mestrado ou doutorado

ee. E sobre a escolaridade do seu pai?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem instrução, não alfabetizado
- ☐ Sem instrução, sabe ler e escrever
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Especialização, mestrado ou doutorado

ff. Você tem filhos?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ NÃO TENHO.
- ☐ SIM, 1
- ☐ Sim, 2
- ☐ Sim, 3
- ☐ Sim, 4 ou mais

gg. Se tem filho(s), a gestação e nascimento ou adoção ocorreu(ram) durante o período de formação graduação em Ciências Sociais?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Antes
- ☐ Durante
- ☐ Depois

hh. Sobre a lei de cotas:

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Estudei ANTES de 2012, portanto NÃO fiz uso da lei de cotas
- ☐ Sim, usei lei de cotas
- ☐ Havia lei de cotas, mas NÃO usei

ii. Você já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito em sua trajetória profissional?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Discriminação por ser cientista social (e suas variantes)
- ☐ Discriminação econômica
- ☐ Discriminação étnica, racial ou de cor.
- ☐ Discriminação de gênero (por ser homem ou mulher)
- ☐ Por ser ou ter se identificado como homossexual (gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual)
- ☐ Por causa da religião ou pela ausência da religião
- ☐ Por causa do local de seu nascimento
- ☐ Por causa de sua idade
- ☐ Por causa de sua aparência física (gordo (a), magro (a), alto (a), baixo, etc.
- ☐ Por causa do lugar de sua moradia
- ☐ Já me senti discriminado(a) por ser cotista, dentro da Universidade
- ☐ Outro
- ☐ NÃO. Nunca sofri discriminação

ONDE MORA ATUALMENTE

jj. Estado do Brasil (2 letras) ou país estrangeiro em que reside atualmente:

 Dropdown

Marcar apenas uma oval.

☐ MORO EM OUTRO PAÍS

☐ SP

☐ RJ

☐ AC

☐ AL

☐ AP

☐ AM

☐ BA

☐ CE

☐ DF

☐ ES

☐ GO

☐ MA

☐ MT

☐ MS

☐ MG

☐ PA

☐ PB

☐ PR

☐ PE

☐ PI

☐ RN

☐ RS

☐ TO

Pular para a pergunta 28

País Onde mora:

kk. Qual país você mora atualmente?

Chegamos ao final do formulário! Muito obrigada por sua participação